

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião

Samuel Rodrigues Fazendeiro

**ESPIRITUALIDADE E SUBJETIVIDADE:  
um estudo sobre a transmissão dos valores espirituais na comunidade  
Noiva do Cordeiro**

BELO HORIZONTE  
2016

Samuel Rodrigues Fazendeiro

**ESPIRITUALIDADE E SUBJETIVIDADE:  
um estudo sobre a transmissão dos valores espirituais na comunidade  
Noiva do Cordeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientadora: Profa. Dra. Anete Roese.

BELO HORIZONTE  
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F287e Fazendeiro, Samuel Rodrigues  
Espiritualidade e subjetividade: um estudo sobre a transmissão dos valores  
espirituais na comunidade noiva do cordeiro / Samuel Rodrigues  
Fazendeiro. Belo Horizonte, 2016.  
99 f.

Orientadora: Anete Roese  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

1. Espiritualidade. 2. Subjetividade. 3. Comunidade. 4. Valores. 5.  
Experiência (Religião). I. Roese, Anete. II. Pontifícia Universidade Católica de  
Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

Samuel Rodrigues Fazendeiro

**ESPIRITUALIDADE E SUBJETIVIDADE:  
um estudo sobre a transmissão dos valores espirituais na comunidade  
Noiva do Cordeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientadora: Profa. Dra. Anete Roese.

---

Profa. Dra. Anete Roese – PUC Minas – Orientadora

---

Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro – PUC Minas

---

Profa. Dra. Claudete Beise Ulrich – Faculdade Unida de Vitória

---

Prof. Dr. Adilson Schultz – PUC Minas – Suplente

Belo Horizonte, 17 de março de 2016.

Eu nasci na comunidade vizinha, mas sou daqui. Meu coração é Noiva do cordeiro. Não sei se porque já fui seminarista, mas o que é maravilhoso para mim é ver Deus em todos os detalhes. Coisa que eu não via sempre lá no seminário. É algo fantástico. Eu nunca vi tão profundamente quanto eu vi aqui. Não que não tenha visto também fora. Hoje eu sou daqui. (Rodolfo – Nome fictício – Morador da comunidade Noiva do Cordeiro)

Dedico este estudo aos que buscam melhorar a cada dia e que lutam pela produção do conhecimento acessível e de qualidade. Aos que fazem de suas vidas mais do que necessidades básicas atendidas e que procuram brilhar como estrelas na terra.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me amparar nos momentos difíceis, mostrar os caminhos nas horas incertas e estar sempre presente.

A minha orientadora professora Dra. Anete Roesse por acreditar no meu trabalho, me mostrar o caminho da ciência e por todo ensinamento durante o processo de concretização desse estudo.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião PUC Minas, em especial, ao professor Dr. Flávio Senra Ribeiro e ao professor Dr. Adilson Schultz pelo apoio e incentivo.

A comunidade Noiva do Cordeiro que se disponibilizou para a realização dessa pesquisa, em especial, a Élide por nos receber tão bem.

A minha família, que amo muito, pelo carinho, paciência e incentivo. Aos meus pais Kleber e Maria Cecília.

Aos amigos que fizeram parte desses momentos sempre me ajudando e incentivando, devo destacar o amigo Gilvan que me estimulou para fazer o processo seletivo no Programa e iniciar de fato esse percurso.

A todos os colegas da pós-graduação em pelo convívio e aprendizado, especialmente ao Guaraci, amigo que se fez sempre presente nos momentos de dificuldade e parceiro nos seminários e cursos.

Principalmente agradeço a minha amada esposa Michelle, nosso filho Matheus e aos nossos anjos que nos guiam nessa trajetória existencial, por todo o carinho, toda dedicação, todo amor e por propiciarem essa realização.

## RESUMO

A comunidade Noiva do Cordeiro é um distrito de Belo Vale, a 100 quilômetros de Belo Horizonte. A história da comunidade perpassou pela religião católica, protestante e atualmente apresenta uma ruptura com a religião. A matriarca da comunidade é Delina Fernandes, a pessoa que defendeu seus filhos e filhas da imposição das regras da igreja fundada por seu marido e das diversas violências das comunidades vizinhas. A comunidade Noiva do Cordeiro optou por uma “vida sem religião” porém sem a ruptura com valores espirituais. Eles se desvincularam da religião institucional para experienciar a religiosidade. O objetivo geral do presente trabalho é identificar como se dá o processo subjetivo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais no mundo contemporâneo a partir da Comunidade Noiva do Cordeiro. Para isso, como objetivos específicos iremos estudar a vida religiosa da comunidade e o processo de ruptura com a religião; identificar como os valores religiosos são transmitidos a partir das gerações e de como foram se modificando nas diferentes gerações da comunidade e compreender como os indivíduos constroem em sua subjetividade a noção de valores religiosos. Utilizamos a fenomenologia como base desse estudo. Foi realizada uma pesquisa empírica com gravação das entrevistas a partir da história oral da comunidade. A entrevista foi desenvolvida com 3 grupos de diferentes gerações da comunidade separadas da seguinte forma – idades entre 18 e 25 anos, 25 e 45 anos e acima de 45 anos. Todos os grupos contavam com 7 participantes residentes na comunidade. Concluímos que a transmissão dos valores espirituais dentro da comunidade são realizados a partir da experiência que os indivíduos têm com a espiritualidade. Não existe uma cartilha, ou rituais sagrados como em uma religião formal, porém a experienciação dos valores religiosos que, após a ruptura com a religião é o que é transmitido a partir de ações. O rompimento com a religião na comunidade Noiva do Cordeiro foi fundamental para que a comunidade pudesse ter uma verdadeira experiência religiosa.

Palavras-chave: Espiritualidade, Subjetividade, Comunidade, Transmissão de valores



## **ABSTRACT**

The Noiva do Cordeiro community is a district of Belo Vale, 100 kilometers from Belo Horizonte. The history of community pervaded the Catholic religion, Protestant and currently presents a break with religion. The community matriarch is Delina Fernandes, the person who defended his sons and daughters of the imposition of the rules of the church founded by her husband and several of violence from neighboring communities. The Noiva do Cordeiro community opted for a "Life without religion" but without breaking with spiritual values. They untied institutional religion to genuinely experience religiosity. The overall objective of this study is to identify how is the subjective process of transition from conventional religion and the abandonment of the same for the construction of new practices / spiritual experiences in the contemporary world from the Noiva do Cordeiro Community. For this, the following objectives will study the community's religious life and the process of breaking with religion; identify as religious values are transmitted from the generations and how were changing in different generations of the community and understand how individuals construct their subjectivity in the sense of religious values. Use phenomenology as a study base. Was made an empirical research with recording interviews from the oral history of the community was held. The interview was carried out with three groups of different generations of the community separated as follows - aged 18 and 25, 25 and 45 years and above 45 years. All groups relied on seven participants living in the community. We conclude that the transmission of spiritual values within the community are realized from experience that people have with spirituality. There is a primer, or sacred rituals as a formal religion, but the experiencing of religious values that after the break with religion is what is transmitted from stock. The break with religion in Noiva do Cordeiro community was essential so that the community could have a real religious experience.

**Keywords:** Spirituality, Subjectivity, Community, Transmitting values

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 VIDA SEM RELIGIÃO: ESPIRITUALIDADE, SUBJETIVIDADE E COMUNIDADE.....	17
2.1 Fenomenologia: a busca de sentido nas coisas.....	17
2.2 Religião e espiritualidade.....	24
2.3 Subjetividade e comunidade.....	34
2.3.1 A subjetividade e os processos de subjetivação.....	35
2.3.2 Comunidade.....	38
3 A COMUNIDADE NOIVA DO CORDEIRO: RUPTURAS E ADAPTAÇÕES.....	42
3.1 Relato fenomenológico.....	43
3.2 Comunidade Noiva do Cordeiro: sentidos e essência.....	45
3.2.1 Histórico.....	46
3.2.2 Vida comunitária.....	51
3.2.3 Vida sem religião.....	54
3.2.4 Valores da comunidade.....	56
3.2.4.1 Os valores existentes.....	56
3.2.4.2 O aprendizado dos valores.....	58
3.2.4.3 O repasse dos valores.....	61
3.2.4.4 O entendimento de valores.....	66
4 A SUBJETIVIDADE DENTRO DA COMUNIDADE NOIVA DO CORDEIRO E A TRANSMISSÃO DOS VALORES ESPIRITUAIS.....	69
4.1 A tomada de consciência e a nova construção de identificação.....	69
4.2 A matriarca como modelo institucional e a questão de gênero.....	76
4.3 Uma comunidade simples e o repasse de valores pelas ações.....	83
5 CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE A.....	92
APÊNDICE B.....	99

## 1 INTRODUÇÃO

A comunidade Noiva do Cordeiro é um distrito do município de Belo Vale, a 100 quilômetros de Belo Horizonte, na Região Central de Minas. A história da comunidade perpassou pela religião católica, protestante e, atualmente, apresenta uma ruptura com a religião. A matriarca da comunidade é Delina Fernandes, a pessoa que pela primeira vez toma consciência de que não precisava passar por toda a fome e miséria impostas pela rigidez social e religiosa para ser filha de Deus, e, a partir dessa tomada de consciência, efetivamente, defende seus filhos e filhas da imposição das regras da igreja fundada por seu marido e das diversas violências das comunidades vizinhas (ROESE; SCHULTZ, 2010).

A comunidade estudada pode ser considerada uma questão emergente no cenário religioso contemporâneo e merece um estudo sistemático de sua manifestação espiritual desvinculada da religião. A Espiritualidade tem um aspecto fundamental na vida do ser humano. É necessário cada vez mais identificar como a espiritualidade está presente no processo de bem estar e como a psicologia pode dialogar com ela.

De acordo com Schultz (2013, p.105), “A comunidade Noiva do Cordeiro tem elementos que fazem dela um fenômeno exclusivo em termos de organização social, constituição de sujeitos e vivência religiosa”. Trata-se de uma comunidade que realiza a partilha de bens e do uso da terra. Faz uma gestão coletiva do trabalho executado, prioritariamente, por mulheres. A comunidade, ao longo de sua existência, teve um processo de constantes rupturas religiosas, familiares e ideológicas.

Greschat (2005), considera importante estudar a Religião a partir da vivência da mesma e procurar não julgá-la como certa ou errada, melhor ou pior, apenas procurar compreender sua relação com a humanidade a partir da manifestação de seus seguidores, o que está de acordo com a Fenomenologia. Cada religião se apresenta de uma maneira e sua manifestação “pode ser entendida como a demarcação de suas fronteiras que determina o que lhe é e o que não lhe pertence” (GRESCHAT, 2005, p. 25). Dessa forma, para entendermos uma religião e seus princípios éticos, devemos estudar suas doutrinas. Mitos e símbolos fazem parte da linguagem religiosa.

O objeto religião se apresenta de uma maneira diferente para cada observador e o cientista da religião deve perceber esse objeto religião como uma totalidade, deve reconhecê-lo e observar que esta realidade está viva e, em consequência disso, em constante transformação. Podemos entender tal objeto como muito amplo e que, dessa forma, deve ser estudado a partir de um

recorte por parte do cientista. Para isso, utilizaremos a redução fenomenológica para que possamos “colocar em suspensão” nosso objeto, a fim de estudá-lo em sua essência.

Existem vários enfoques de estudo dentro das ciências da religião. No presente trabalho, nos situaremos no campo da psicologia da religião. Pinto (2013) salienta que, no que diz respeito ao objeto de estudo da psicologia da religião, não propriamente é o sagrado, mas sim, o ser humano em contato com as suas próprias vivências do sagrado. E quanto às religiões, não se interessa por determinar a verdade de seu conteúdo, mas como é a vivência dos fiéis em sua religião e os impactos da secularização na organização da vida das pessoas.

A psicologia da religião se dedica ao estudo do comportamento religioso, que envolve aspectos cognitivos e afetivos do ser humano. Ela não estuda propriamente a religião, mas a relação do ser humano com a religião seja ela qual for, tanto de adesão como de afastamento.

De acordo com Rodrigues e Gomes (2013), a psicologia da religião, entende que a religião pode, de um lado, ser considerada uma necessidade humana e de outro lado, um processo histórico. A religião é uma instituição social que discute a realidade que transcende a existência humana, repetindo-se, dinamicamente, em diferentes signos, símbolos, mitos e ritos nas diversas organizações humanas.

Ribeiro (2004, p.11) afirma que: “nenhuma ciência está tão próxima da religião quanto a psicologia”, pois nada pode ser mais humano do que uma vivência religiosa. Chega a ressaltar que, de certo modo, a própria história da humanidade é confundida com a história das religiões e que a religião sempre foi um instrumento de sentido para a vida dos homens. A psicologia estuda o fenômeno humano em sua totalidade e, dessa forma, se interessa pelo agir, pelo fazer, pelo pensar, pelo sentir, pela linguagem e pelas relações humanas. Logo, podemos entender que a psicologia busca estudar a relação pessoa-mundo.

De acordo com Ribeiro (2004, p.15) “não importa qual noção de Deus a psicologia tem ou deveria ter,” o que importa, realmente, é que a ideia de Deus é um fato que estrutura e dá identidade à humanidade, enquanto conjunto de pessoas e essas pessoas estão em constante busca do próprio sentido e significado”. Interessa tanto para a psicologia, quanto para a religião estudar e aprofundar como Deus é vivido e experienciado.

Na comunidade em estudo, que optou por uma “vida sem religião”, faz-se a seguinte pergunta: como se dá o processo subjetivo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais?

A hipótese parte do pressuposto abandono da religião convencional e sua transição para essas novas práticas/vivências que ocorreram mediante uma história de muito sofrimento e exclusão social. As novas práticas/vivências são construídas a partir da família,

especificamente, da matriarca, e são transformadas a partir da integração da comunidade com outras comunidades, escolas, etc.

A escolha do tema justifica-se por três aspectos importantes: (1) pessoal, no sentido de desejar conhecer mais sobre a organização da comunidade com tantos elementos espirituais sem exercer determinada religião institucional, (2) pela própria área das ciências da religião, por ser um viés importante para a compreensão do psiquismo humano, mediante o embate, ausência de religião e espiritualidade e (3) pela sociedade, pois se trata de um estudo acadêmico que irá documentar a história da comunidade.

O objetivo geral do presente trabalho é identificar como se dá o processo subjetivo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais no mundo contemporâneo a partir da Comunidade Noiva do Cordeiro. Para isso, iremos estudar a vida religiosa da comunidade e o processo de ruptura com a religião; identificar como os valores religiosos são transmitidos a partir das gerações e de como foram se modificando nas diferentes gerações da comunidade, e compreender como os indivíduos constroem em sua subjetividade a noção de valores religiosos.

De acordo com Usarski (2006), a ciência da religião é uma disciplina que irá investigar, empiricamente, e sistematicamente, a religião em todas as suas manifestações, buscando a neutralidade ante esse objeto de estudo e não pode questionar a “verdade” ou a “qualidade” da religião.

A ciência da religião estuda sistematicamente a religião em todas as suas formas. É uma disciplina empírica que não busca questionar a “verdade absoluta” ou a “qualidade” das Religiões. No caso do presente estudo, o estudo da ausência de religião na comunidade.

Usarski define ciências da religião como uma “disciplina autônoma que deve ocupar um lugar institucional específico no mundo acadêmico (USARSKI, 2006, p. 9). Nesse sentido, desenvolve as competências chaves de relatividade, não etnocentrismo, capacidade potencial de abstração religiosa de si mesma e indiferenças com pretensões de verdade. A fenomenologia clássica critica a universalidade do conceito de sagrado e, de acordo com Usarski (2006), mostra nos cientistas da religião contemporâneos uma abordagem multidisciplinar da religião. O autor nos fala mais do aspecto ideológico e conceitual em sua obra, apresentando diferentes doutrinas e críticas construtivas em relação ao pensar as ciências da religião. Essa grande área de conhecimento é marcada pela interdisciplinaridade e visa discutir sobre os diversos aspectos que a religião se apresenta para a humanidade.

A ciência da religião é diferente da teologia. Religião é um objeto que se apresenta de maneira diferente para cada observador (GRESCHAT, 2005). Essa ciência estuda a religião a

partir de sua relação com a comunidade sendo que: “a organização na maioria das religiões apresenta-se de maneira clara. Sua manifestação comunitária pode ser entendida como a demarcação de suas fronteiras que determina o que lhe pertence e o que não pertence” (GRESCHAT, 2005, p. 25). Ou seja, não será analisado um julgamento de valor sobre a comunidade e sim como se dá a espiritualidade da mesma e como ela é transmitida para seus membros ao longo das gerações.

Em todo campo de pesquisa, é interessante a produção de novos conhecimentos. A psicologia da religião estuda aspectos da própria religião que pode, de um lado, ser considerada uma necessidade humana e de outro lado, um processo histórico (RODRIGUES; GOMES, 2013).

Utilizaremos a fenomenologia para o estudo da comunidade. De acordo com Bello (2004), a fenomenologia está numa posição interessante, pois implica em uma atitude crítica (através da redução) e procura verificar se existem vivências estruturais comuns a todos os seres humanos. No caso específico da comunidade Noiva do Cordeiro, foi estudada a subjetividade da comunidade e como é realizado e transmitido o processo de valores espirituais sem o intermédio da religião. A fenomenologia trata de descrever, compreender e interpretar fenômenos que se apresentam à percepção se opondo à metafísica, chegando a ideias abstratas ou “essências”.

O fenômeno e o ser são indissociáveis. Só pode haver o fenômeno enquanto houver o sujeito e sua experiência, e não as proposições pré-estabelecidas pelas Ciências Naturais. O método fenomenológico começa com uma situação vivida no cotidiano, e propõe uma forma particular de fazer ciência. Mediante a intencionalidade da consciência, todos os atos, os gestos, os hábitos, qualquer ação humana tem um significado. “Portanto, a consciência não é um lugar físico, nem um lugar específico, nem é de caráter espiritual ou psíquico”. (BELLO, 2006, p. 45). Ela é compreendida como atribuidora do significado para os objetos, que sem o mesmo não haveria sua existência e nem sua essência. De acordo com Bello (2004), compreender o sentido das coisas é uma possibilidade humana. Não interessa o fato de existir, mas o sentido desse fato. A verdade reside no sentido e não no fato.

Na comunidade Noiva do Cordeiro, para atender aos objetivos propostos por esse estudo, optamos por realizar uma pesquisa empírica com gravação das entrevistas a partir da história oral da comunidade. A entrevista é um encontro entre duas pessoas a fim que uma delas obtenha informações de determinado assunto mediante conversação de natureza profissional. É uma conversação metódica realizada face a face. Ela foi semiestruturada, isto

é, realizada a partir de um modelo pré-estabelecido com complementações que o pesquisador julgou necessárias.

A partir da pesquisa de campo, utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos, foi desenvolvida a entrevista com 3 grupos de diferentes gerações da comunidade separadas da seguinte forma – idades entre 18 e 25 anos, 25 e 45 anos e acima de 45 anos. Todos os grupos contavam com 7 participantes residentes na comunidade (critério de exclusão – morar na comunidade e estar dentro das faixas etárias).

As entrevistas foram semi-estruturadas e visaram obter dados da história da comunidade e dados de como se dá a transmissão dos valores espirituais dentro da comunidade. Os benefícios dos indivíduos que participaram da pesquisa não foram financeiros. Eles não tiveram qualquer tipo de gasto e poderão entender melhor sobre a espiritualidade humana e como se dá o processo de transmissão de valores religiosos. Para a comunidade, o maior benefício será o de ter sua história documentada em um trabalho acadêmico além de um melhor entendimento de como se organizam as transmissões de valores espirituais dentro dela.

Contamos com a participação de indivíduos que colaboraram com a pesquisa cedendo parte de seu tempo e que durante o processo se empenharam em buscar na própria lembrança e nas próprias vivências, seu entendimento do que é viver em comunidade e do que significa pertencer a uma comunidade. Por nossa perspectiva, buscamos identificar como são transmitidos os valores religiosos dentro dessa comunidade.

Estruturamos o trabalho em três capítulos. O capítulo 1, intitulado *Vida sem religião: espiritualidade, subjetividade e comunidade* que procura a partir da fenomenologia, compreender como os indivíduos constroem sua subjetividade e a noção de valores espirituais. Nele apresentamos a fenomenologia, como ela busca lidar com as questões investigativas da presente pesquisa na comunidade Noiva do Cordeiro e sua relação com a subjetividade humana. A temática espiritualidade e sua diferenciação do termo religião e uma discussão sobre o que é a subjetividade, como se dá o seu processo de construção nos indivíduos e como este se insere em uma comunidade influenciando e sendo influenciado pelos demais.

No capítulo 2, intitulado *A comunidade Noiva do Cordeiro: rupturas e adaptações* procuramos identificar como se dá o processo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais no mundo contemporâneo a partir da Comunidade Noiva do Cordeiro. Serão apresentados os resultados

da pesquisa empírica realizada na comunidade e serão analisadas as falas dos indivíduos juntamente com um documentário sobre a comunidade e artigos acadêmicos produzidos.

Por fim, o capítulo 3, intitulado *A subjetividade dentro da comunidade Noiva do Cordeiro e a transmissão dos valores espirituais* estudamos a vida religiosa da comunidade e o processo de ruptura com a religião a partir dos valores que ela constrói e repassa para suas gerações através de ações e exemplos. Buscamos definir nesse estudo os processos de singularização, identificar e explicar o papel da matriarca da comunidade e compreender um pouco mais sobre a vida na comunidade.



## **2 VIDA SEM RELIGIÃO: ESPIRITUALIDADE, SUBJETIVIDADE E COMUNIDADE**

Na comunidade Noiva do Cordeiro, um dos aspectos que nos chamou muita atenção para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o fato da comunidade se denominar sem religião. Trata-se de uma comunidade que vive de uma maneira bem peculiar, pois de acordo com Schultz (2013, p.105), “A comunidade Noiva do Cordeiro tem elementos que fazem dela um fenômeno exclusivo em termos de organização social, constituição de sujeitos e vivência religiosa”. Ela não está vinculada a uma religião institucional, possui elementos espirituais bem desenvolvidos e é comum identificar expressões como “graças a Deus”, “Deus te acompanhe” e uma relação fraternal entre os indivíduos da comunidade, bem como um discurso que evidencia o amor ao próximo e a terra.

O objetivo desse capítulo é, a partir da fenomenologia, compreender como os indivíduos constroem sua subjetividade e a noção de valores espirituais. Para atingir esse objetivo, subdividiremos o capítulo em três tópicos: o primeiro sobre a fenomenologia e como se dá a busca de sentido nas coisas, o segundo sobre o que é religião e o que é espiritualidade na atualidade e o terceiro sobre o que é a subjetividade e qual a influência da comunidade na construção de valores.

Iremos analisar a comunidade Noiva do Cordeiro e sua relação com a vivência de uma prática espiritual não institucionalizada, para mais adiante entendermos como se dá o processo subjetivo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais no mundo atual a partir do modelo da comunidade Noiva do Cordeiro.

### **2.1 Fenomenologia: a busca de sentido nas coisas**

Escolhemos a fenomenologia como método de estudo nessa dissertação porque trata-se de uma ciência que busca compreender o sentido das coisas. É uma ciência sobre a experiência que a consciência tem do mundo, a relação entre a consciência do saber humano e o mundo exterior a ela.

A Comunidade Noiva do Cordeiro se apresenta de uma forma pouco convencional na atual sociedade. Acreditamos que a metodologia fenomenológica se propõe a uma visão de descoberta sem a passagem por algo já instituído. A fenomenologia busca a essência e o sentido das coisas e o presente trabalho necessita dessa compreensão para entender a vida

dentro dessa comunidade e como ela se oficializou da forma que ela se apresenta até o presente momento. Especificamente no campo da espiritualidade, podemos entender melhor como se dá a desvinculação da religião institucional para uma vivência espiritual pautada na irmandade e na partilha do uso da terra e bens de produção como se dá na comunidade Noiva do Cordeiro onde a filiação religiosa perde o sentido.

Na comunidade Noiva do Cordeiro, iremos compreender como se deu a ruptura com a religião institucional e a escolha de permanecer em uma comunidade sem a religião, porém com valores espirituais conservados e repassados ao longo das gerações.

A fenomenologia é uma palavra que deriva de duas outras: “Fenômeno”, aquilo que se mostra e “Logia”, que deriva da palavra logos, sendo palavra, pensamento, capacidade de refletir. De maneira geral, a palavra fenomenologia significa o estudo ou ciência do fenômeno. Assim, a fenomenologia é a reflexão sobre um fenômeno que se mostra. O problema, de acordo com Bello (2006), é “o que se mostra” e “como” se mostra. Quando algo se mostra a nós, se mostra à pessoa humana e essa é uma questão importante. As coisas são além de uma realidade física, algo também abstrato. O fato que importa à fenomenologia não é apenas o das coisas se mostrarem, mas compreender o que essas coisas são, e, conseqüentemente, o seu sentido.

A fenomenologia tem como objeto de estudo o próprio fenômeno, isto é, as coisas em si mesmas e não o que é dito sobre elas, assim sendo a investigação fenomenológica busca a consciência do sujeito através da expressão das suas experiências internas. A fenomenologia busca a interpretação do mundo, através da consciência do sujeito, formulada com base em suas experiências. O interesse, para a fenomenologia, é o modo como o conhecimento do mundo se realiza para cada pessoa.

De acordo com Giovanetti (2005), a partir das próprias reflexões, os indivíduos têm uma experiência religiosa, a partir da reflexão das suas próprias vivências religiosas.

A fenomenologia é o estudo da consciência e dos objetos da consciência. A fenomenologia trata de descrever, compreender e interpretar fenômenos que se apresentam à percepção se opondo à metafísica, chegando a ideias abstratas ou “essências”. Seu objetivo, de acordo com Silva (2009), é o de investigar como o fenômeno se apresenta para a consciência. A consciência sempre é consciência de algo e somente ela dá sentido às coisas. As coisas em si mesmas não possuem um sentido, só a partir da consciência é que pode-se atribuir sentido.

Toda consciência é voltada para alguma coisa, mas nem sempre podemos abarcá-la completamente. Assim a fenomenologia tem como tarefa desvendar os fenômenos implícitos nas relações intencionais que o homem vive no seu cotidiano com os outros.

Na fenomenologia, podemos identificar o forte papel da percepção para a estrutura do ser humano e como a subjetividade representa o próprio sujeito em suas escolhas, ações e formas de ver o mundo. A intencionalidade seria a marca fundamental da consciência, uma vez que a consciência está o tempo todo voltada para fora de si. Vivência é todo o ato psíquico; a Fenomenologia, ao envolver o estudo de todas as vivências, engloba o estudo dos objetos das vivências, porque as vivências são intencionais e é nelas essencial a referência a um objeto. A consciência é caracterizada pela intencionalidade, porque ela é sempre a consciência de alguma coisa. Essa intencionalidade é a essência da consciência que é representada pelo significado, o nome pelo qual a consciência se dirige a cada objeto. A reflexão é a qualificação da consciência.

Para a fenomenologia, descrever, compreender e interpretar fenômenos têm uma ligação com a percepção do indivíduo. Essa percepção implica em como o fenômeno se mostra para a consciência. Na primeira etapa do método husserliano, temos a busca do sentido dos fenômenos, caracterizada pela redução eidética<sup>1</sup>. O ser humano pode compreender o sentido das coisas. Algumas coisas nós temos a capacidade de identificar o sentido imediatamente e em outras temos mais dificuldade. Nessa compreensão, identificamos o noema (o mundo transcendente tal qual ele nos é dado) e a noese (o aspecto subjetivo da vivência, constituído por todos os atos de compreensão que visam a apreender o objeto, tais como perceber, lembrar, imaginar, etc.). O noese é o ato de perceber e o noema é o objeto da percepção.

a noese são os atos pelos quais a consciência visa um certo objeto de uma certa maneira, e o conteúdo ou significado desses objetos visados é o noema. No nível transcendental, as noeses são os atos do sujeito constituinte que criam os noemas enquanto puras idealidades ou significações. As noeses empíricas são passivas, porque visam uma significação preexistente; a noese transcendental é ativa, porque constitui as próprias significações ideais. (ZILLES, 2007, p. 217)

A palavra utilizada para identificarmos o sentido das coisas é a palavra essência. De acordo com Zilles (2007), a palavra utilizada por Husserl para essência é eidos (do grego, que remete a aquilo que se capta, que se intui), ou seja, sentido. Compreender o sentido das coisas é uma possibilidade humana. Na comunidade Noiva do Cordeiro, iremos analisar justamente a consciência de três gerações sobre o viver sem religião e sobre a transmissão dos valores

---

<sup>1</sup> Redução Eidética. De acordo com Zilles (2007), a Fenomenologia de Husserl, a redução é um dos procedimentos centrais do método fenomenológico, significando que deve se concentrar a atenção nas coisas mesmas e não nas teorias. A *redução eidética* é o passo seguinte nesse procedimento, fazendo com que se visem as essências e não os objetos concretos. Por fim, a *redução transcendental* se dá quando a consciência engloba as essências e os objetos considerando-os como fenômenos.

espirituais. Trata-se de uma análise fenomenológica que visa compreender como se dá a transmissão e o que significa, o sentido, para os indivíduos das diferentes gerações viver sem uma religião institucionalizada. Não interessa o fato de existir, mas o sentido desse fato. A verdade reside no sentido e não no fato (BELLO, 2000a). A visão eidética é a busca por essa essência do fenômeno. É a tentativa de ver o fenômeno como o próprio ser religioso vê. Para isso é necessário a *epoché*, a suspensão do juízo, dos pressupostos. O sociólogo clássico se aproxima do ser religioso já pressupondo que a experiência do mesmo é fruto do viver social. O psicólogo clássico pressupõe de antemão ser um resultado da psique. O fenomenólogo tentará não pressupor nada.

Dessa forma, é necessário utilizar os recursos propostos por Husserl. A redução eidética e a redução transcendental. De acordo com Bello (2000a) A redução eidética é a redução à essência. Trata-se de uma diminuição, de retirar a existência fatural, permanecendo assim somente a essência. Não se trata de negar a existência, mas de colocá-la de lado. No caso da redução transcendental, ocorre uma redução ao sujeito. Colocar entre parênteses o humano específico. Compreender quem eu sou, mas não eu como indivíduo. Retirar a natureza circundante, o mundo e Deus. Assim a fenomenologia visa entender a essência do mesmo.

O primeiro passo do método fenomenológico consiste em abster-se da atitude natural, colocando o mundo entre parênteses (*epoché*). Isso não significa negar sua existência, mas metodicamente renunciar ao seu uso. Ao analisar, após essa redução fenomenológica, a corrente de vivências puras que permanecem, constata que a consciência é consciência de algo. Esse algo chama de fenômeno. (ZILLES, 2007, p. 218)

De acordo com Holanda (2000), a fenomenologia e a questão da religião são pouco conhecidas na obra husserliana, porém, quando se pensa no “retorno as coisas mesmas”, na fenomenologia como o estudo das essências que busca compreender o ser humano e o mundo a partir da facticidade, identifica-se que a fenomenologia é ao mesmo tempo e integradamente: 1) uma crítica à apropriação limitada que a filosofia faz da realidade; 2) um método para se alcançar essa realidade e; 3) uma filosofia sobre a realidade que acaba por se tornar uma “visão de mundo”.

A fenomenologia se propõe a ser um método no qual todo o conhecimento se constrói em referência à subjetividade. É o princípio de todos os princípios e examina os fatos e questões do modo como se apresentam sem preconceitos (HOLANDA, 2000). O método fenomenológico consiste em mostrar o que é apresentado e esclarecer este fenômeno. Para a

fenomenologia, um objeto é como o sujeito o percebe, e tudo tem que ser estudado tal como é para o sujeito e sem interferência de qualquer regra de observação, cabendo a abstração da realidade e perda de parte do que é real, pois tendo como objeto de estudo o fenômeno em si, estuda-se, literalmente, o que aparece. Para a fenomenologia um objeto, uma sensação, uma recordação, enfim, tudo tem que ser estudado tal como é para o espectador. Os métodos de pesquisa devem ser selecionados, ajustados e desenvolvidos a partir de uma compatibilidade com a natureza do fenômeno estudado.

Para Husserl, a fenomenologia é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento, o é na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais. (ZILLES, 2007, p. 218)

Na comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar que essa atitude de apreender e constituir foi se desenvolvendo a partir das relações dos indivíduos em comunidade. O respeito e cuidado com o próximo são marcas importantes na comunidade.

Para Bello (2000a), a fenomenologia está numa posição interessante, pois implica em uma atitude crítica (através da redução) e procura verificar se existem vivências estruturais comuns a todos os seres humanos. Através de memória, imaginação e fantasia, é possível acessar níveis culturais diferentes e compreender como se organizam as mentalidades nas diversas culturas. Existem para isso duas atitudes intelectuais: uma crítica (não confiar em nada e começar do novo) e outra construtiva (a razão irá construir, formular respostas e organizar). Numa mesma cultura ou em culturas diversas, existem muitas diferenças. Todo ser humano possui corporeidade, reações psíquicas e vida espiritual, porém, essas dimensões se articulam segundo modalidades diversificadas conforme grupos e culturas (BELLO, 2000).

Para a fenomenologia “a percepção que se define por estrutura transcendental tem o sentido de que o ser humano já possui essas estruturas e, portanto, elas transcendem o objeto físico (BELLO, 2000a, p. 49). Assim, de acordo com Bello (2000a), para Husserl, a estrutura transcendental são as vivências das quais temos consciência.

Na Fenomenologia “o perceber, o refletir, a lembrança, a imaginação e a fantasia são iguais para todos, como estruturas de vivências, ao passo que os conteúdos podem ser os mais diferentes possíveis” (BELLO, 2000a, p. 50). Dessa forma, a vida dos indivíduos apresenta uma mesma estrutura básica, porém as experiências dos mesmos são diversas sendo singulares para cada um. Bello (2000a) enfatiza ainda que o ser humano é um ser cultural

porque é um ser espiritual, um ser que sabe produzir, que se expressa no espiritual. Para Bello (2006, p. 56), o ponto de vista adotado pela fenomenologia

não é o de quem faz a análise, mas de quem mostra como a mesma é feita, e sendo que o fato de acompanhá-la implicaria percorrer o caminho passo a passo com quem realiza, e isso seria muito demorado, somos forçados a dar apenas umas indicações a respeito do itinerário e em seguida nos determos no resultado. (BELLO, 2006, p. 56)

Assim, a fenomenologia busca compreender o sentido das coisas e para isso necessita de realizar uma redução para podermos analisar o fenômeno. De acordo com Gasbarro (2013), o estudo da religião, a partir da visão da Fenomenologia, busca refletir, a partir das relações entre objeto e sujeito da religião dentro do interior do mundo-da-vida da qual ela faz parte e determina seu sentido. Assim, a Fenomenologia procura o fenômeno (aquilo que se mostra) e a partir de como esse fenômeno se mostra à consciência, a Fenomenologia visa compreendê-lo a partir da experiência. Para Holanda (2000), a fenomenologia se propõe a ser um método no qual todo o conhecimento se constrói em referência à subjetividade. É o princípio de todos os princípios e examina os fatos e questões do modo como se apresentam sem preconceitos.

Para isso, faz-se necessário a redução eidética como foi dito anteriormente. Cabe à Fenomenologia da Religião, a prerrogativa de acessar o sentido vivencial e descobrir o significado da compreensão em sua realidade. A presente pesquisa se propõe a identificar como se dá o processo subjetivo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais no mundo contemporâneo, compreendendo o sentido da vida sem religião, para os sujeitos, a partir da comunidade Noiva do Cordeiro. Trata-se de uma pesquisa empírica, realizada a partir de entrevistas com os indivíduos pertencentes a comunidade, que procurou a partir dos relatos, analisar e compreender, através da empatia, o sentido do que é viver sem religião para os indivíduos da comunidade Noiva do Cordeiro, como veremos no próximo capítulo.

De acordo com Critelli (1996), a fenomenologia se debate diretamente com ou contra a metafísica questionando a unicidade, a estabilidade e o acesso à verdade. Na interpretação fenomenológica, um ponto de vista é apenas um ponto de vista e uma perspectiva é apenas uma possível perspectiva entre outras. No pensamento metafísico, existe a aceitação de uma verdade una e imutável, porém a fenomenologia reconhece a relatividade das perspectivas que ocasiona na relativização também da verdade. A autora chama atenção para a fenomenologia como uma forma de saber, uma lógica própria de ver o mundo.

A metafísica nos fala da forma lógica de ser e a fenomenologia nos fala de modos infundáveis de ser. A relatividade é vista na fenomenologia como uma condição e “tudo o que é vem a ser permanece sendo” (CRITELLI, 1996. p. 15). Logo o pensar em fenomenologia se estabelece sobre o ser e o evidencia subordinando a possibilidade do conhecimento às possibilidades existenciais.

Os significados e sentidos das coisas se alteram e nossa existência perpassa pela cultura, pelo contexto histórico, pelo social, pela temporalidade. Por isso não pertencemos a nenhuma ideologia fixa, pertencemos a um movimento constante e renovador que ressignifica nossa existência e que é temporal. A experiência humana é marcada pela fluidez e, essa condição de mutabilidade, é também condição de existência inerente ao ser humano. Esse fato revela certa insegurança aos seres, mas nos mune de certa liberdade, liberdade como condição humana e faz do ser também um ser responsável.

De acordo com Bello (2000a), o conceito de sujeito tem o significado de uma estrutura essencial pura que tem vivências, as percepções, as memórias, os impulsos e quem descreve essas estruturas é o sujeito empírico que irá examinar a si mesmo. Não se trata de uma análise do próprio sujeito que está ali fazendo essa análise, mas a partir do compartilhamento dessas estruturas com outros sujeitos, através do fenômeno de empatia<sup>2</sup> reconhecer uma estrutura comum. Essa estrutura comum a todos os sujeitos é chamada de estrutura subjetiva, no caso intersubjetiva. Logo, ao analisarmos o outro, identificamos este como sujeito tal como nós e a partir da empatia somos possibilitados de analisar e descrever uma compreensão acerca do que ele vivencia.

Os fenômenos psíquicos se manifestam como atos de nossa consciência e, de acordo com Bello (2000a) a consciência é o que nos acompanha e não necessariamente uma reflexão. Quando ocorre a reflexão já entramos na esfera do espírito. Consciência é dar-se conta, não no sentido moral, mas no sentido de acompanhar os atos. Já a reflexão trata-se de analisar os atos com qualidade. Isto é retirar um ensinamento a partir dos atos e qualificá-los.

Para compreender o sentido da vida sem religião na comunidade Noiva do Cordeiro, optamos por realizar as entrevistas com os grupos geracionais e a partir das respostas dos indivíduos, procuramos identificar, destacando as unidades de sentido para refletir acerca das falas. Visamos qualificar as informações apresentadas e relacioná-las com a literatura

---

<sup>2</sup> Empatia, de acordo com Rogers; Rosenberg (1977), é a capacidade de se tomar o ponto de vista de outro. É uma prática particularmente difícil. Significa viver temporariamente como se a vida do outro fosse a sua própria sem perder a dimensão do “como se”.

acadêmica sobre subjetividade, comunidade, espiritualidade e valores. Dessa forma compreender como se dá a transmissão desses dentro da Comunidade Noiva do Cordeiro.

## **2.2 Religião e espiritualidade**

De acordo com Cruz (2013) é preciso pensar em pelo menos duas questões antes de definirmos a palavra Religião: se existe realmente um objeto exterior ao mundo que podemos diferenciar e chamar de não religião e se a própria categoria “religião” é suficientemente abrangente para dar conta de tudo aquilo o que nela está incluído. A diferenciação do que é ou não religião já dá o primeiro impasse para a definição desse objeto tão delicado.

De acordo com Guerriero (2013), a definição do termo religião é demasiadamente complexa. A palavra religião guarda fortes aspectos políticos e ideológicos por se tratar de uma concepção ocidental. Logo, essa palavra deve necessariamente ser associada à cultura. Porém, podemos pensar em uma organização do que é a religião. De acordo com Greschat (2005, p. 25), “a maioria das religiões se organizam de maneira clara. Sua manifestação comunitária pode ser entendida como a demarcação de suas fronteiras que determina o que lhe pertence e o que não lhe pertence”. Dessa forma, a Religião para ser compreendida em seus princípios éticos necessita do estudo de sua manifestação para o indivíduo. A religião que está viva não estará imutável: de acordo com Greschat (2005, p. 26) “religiões vivas mudam sem cessar. Por vezes, uma mudança fica escondida até que se torne perceptível”, porém, não ficará jamais estagnada dentro de um muro impenetrável.

Para Maluf (2011, p. 8) “o conceito de religião forma um campo semântico que articula identidades, estratégias de distinção e hierarquização, marcadores ideológicos e políticos” e ligado a uma institucionalização. Por outro lado, a partir de uma pluralidade contemporânea de construção nota-se, de acordo com Maluf (2011), que a religião deixa de ser produtor natural da vida social para ser também produto consumido. Para Maluf (2011) entre os limites do conceito religião está a entificação e a substantivação da mesma. A entificação no sentido de personificar a religião e a substantivação de coisificá-la.

Franco (2013, p. 402) define o conceito de espiritualidade como sendo uma “busca pessoal de sentido, autorrealização, autonomia em relação às instituições, autenticidade, espontaneidade, criatividade, liberdade, mal estar em relação à materialidade, crença/fé”. Nesse caso já podemos notar que ela não necessariamente está ligada a uma instituição formal religiosa e logo se difere da religião e da religiosidade.



Dessa forma, podemos entender que a espiritualidade já se difere da religião por não pertencer a uma instituição religiosa e não ser um campo doutrinário demarcado por narrativas estabelecidas.

Na religião institucional, com os novos modelos de interação social e a influência da cultura, notamos que ocorreu uma

virada subjetiva que fez com que a religião institucional e suas autoridades perdessem influência e capacidade de regular o religioso na sociedade e nas condutas individuais posto que a validação, a autenticação e o julgamento das crenças, práticas, convicções e moralidades religiosas passaram a ser escolhidos e efetuados cada vez mais autonomamente pelos indivíduos a revelia do clero e a partir e em função das suas experiências individuais e emocionais, ou do arbítrio de sua subjetividade. (MARIANO, 2013, p. 239)

Assim, alguns indivíduos passaram a se desvincular das instituições sem necessariamente se desvincular de práticas religiosas. Notamos ainda que essa desvinculação institucional não necessariamente significa uma ruptura com os valores espirituais ensinados dentro da religião.

Para os autores, o choque de civilizações remete a necessidade de reformular princípios de uma nova ordem mundial. A experiência e a vivência são mais significativas para o indivíduo do que a instituição. De acordo com Gasbarro (2013),

a verdadeira religiosidade da humanidade encontra seu verdadeiro fundamento na intuição-percepção de uma potência numinosa, na experiência estusiasmante e não sempre explicável do *De servo arbítrio*, no mergulho na profundidade da alma, onde o intelecto encontra o sentimento, e o racional funde-se com o irracional. (GASBARRO, 2013, P. 81)

De acordo com Boff (2003, p. 21) "o decisivo não são as religiões, mas a espiritualidade subjacente a elas. É a espiritualidade que une, liga e re-liga e integra. Ela e não a religião ajuda a compor um novo paradigma civilizatório". Trata-se de estudar indivíduos que exercem sua espiritualidade e, dessa forma, elementos nos quais normalmente são considerados integrantes das diversas religiões existentes, porém sem uma ligação institucional para exercer/vivenciar esses valores.

Para Giovanetti (2005, p. 142), "o que faz com que o homem seja um ser vivo diferenciado entre todos os outros seres vivos é a sua dimensão espiritual". Essa dimensão espiritual está diretamente ligada à cultura e a construção de sentido que as pessoas fazem a partir da vivência de sua espiritualidade. Dessa forma, só nos damos realmente conta do sentido das coisas a partir de que experienciamos delas mesmas.

Para desenvolver sua identidade, o indivíduo se vincula ao mundo e, como um ser-no-mundo, o ser humano é vinculado ao local onde vive, à cultura e ao outro.

O mundo humano se caracteriza pela co-presença do ser humano com seu semelhante. O ser humano é também ser-com o outro neste mundo, se assemelha e ao mesmo tempo se diferencia desse outro. A identidade do ser humano é construída através da relação, da partilha, do encontro com outro. É só com o outro que o ser humano vem a ser verdadeiramente humano. É na relação com o outro que cada ser pode atualizar as suas potencialidades humanas como a liberdade, a responsabilidade e o amor. (ROESE, 2013, p. 1084)

De acordo com a interação entre os seres, podemos perceber que a constituição do indivíduo passa por sua relação com o outro, com o meio e com a sua temporalidade.

Nós podemos entender um pouco o que os outros estão vivendo, pois nós temos a possibilidade de ver a expressão do rosto e a atitude do corpo. Conseguimos captar o que os outros estão vivendo, pois também nós podemos viver as mesmas coisas, mesmo que não seja nesse instante. (BELLO, 2000a, p. 53)

Sobre essa identificação com o semelhante e a “estrutura percepção/percebido é inerente à estrutura do ser humano. A percepção que se define por estrutura transcendental tem o sentido de que o ser humano já possui estas estruturas e, portanto, elas transcendem o objeto físico.” (BELLO, 2000a, p.49).

A espiritualidade ganha grande importância na atualidade e nas discussões acadêmicas (TEIXEIRA, 2014). De acordo com o autor, esse tema tem se tornado cada vez mais discutido no meio acadêmico e a partir dessas discussões sobre a espiritualidade, podemos relacionar muitos fenômenos sociais. Para Teixeira (2014) a espiritualidade em comparação com a religião

envolve uma realidade mais ampla, estando relacionada com ‘qualidade do espírito humano’, com qualidade de vida. Não está necessariamente vinculada a uma religião precisa, a doutrinas ou confissões específicas. A espiritualidade traduz a atuação de atributos básicos que não são apanágio privado das religiões, encontrando-se também presentes, mesmo em alto grau em indivíduos ou práticas que são seculares. (TEIXEIRA, 2014, p. 151)

Podemos identificar que seus valores essenciais como o amor desinteressado, a compaixão, a hospitalidade e o cuidado estão muito presentes nas relações dentro da comunidade Noiva do Cordeiro.

Franco (2013, p. 402) define o conceito de espiritualidade como sendo uma “busca pessoal de sentido, autorrealização, autonomia em relação às instituições, autenticidade, espontaneidade, criatividade, liberdade, mal estar em relação à materialidade, crença/fé”. Nesse caso, já

podemos notar que ela não necessariamente está ligada a uma instituição formal religiosa e logo se difere da religião. Acreditamos, no presente estudo, ser necessária essa distinção uma vez que os aspectos estudados são referentes a uma comunidade que optou não seguir qualquer tipo de religião formal.

O modo pelo qual o ser humano vivência sua espiritualidade é uma das análises mais complexas a ser realizada. De acordo com Roese (2013) a compreensão da situação espiritual da humanidade no nosso século e, em especial no ocidente, é um grande desafio para as Ciências da Religião e para as demais áreas das Ciências Humanas. “É preciso “situar o espiritual para além do religioso, mas compreendendo este como uma expressão daquele” (ROESE, 2013, p. 1082).

a dimensão espiritual é a instância pela qual o ser humano é capacitado de atos de controle, controle da dimensão física e psíquica e de seus atos correlatos, e controle que se dá pela instância capaz de pensamento, ponderação, valoração. A convergência entre as três dimensões –física, psíquica e espiritual se dá na consciência. Neste sentido, é importante verificar o avanço que se dá na compreensão do que seja o espiritual (ROESE, 2013, p. 1083)

De acordo com Giovanetti (2005, p. 129), “o tema da espiritualidade tem sido objeto de muitos estudos, extrapolando a fronteira da teologia e exigindo outras perspectivas para melhor compreender esse fenômeno humano”. Existe uma grande necessidade de uma compreensão da espiritualidade para que se possa compreender melhor o ser humano e a sua busca por sentido. Para o autor, a sociedade atual está no geral muito centrada no eu e a interiorização está muito distante do indivíduo. Giovanetti (2005) afirma em sua obra que ter vivência não significa ter experiência, para se ter experiência de algo é necessário compreender, extrair da vivência um ensinamento. Na comunidade Noiva do Cordeiro, identificamos já nas primeiras falas dos indivíduos uma experiência, ou seja, eles conseguiram retirar ensinamentos da vivência e repassam, principalmente por ações para os indivíduos mais jovens.

Podemos entender que para a realização do indivíduo, é necessário que a totalidade dele seja contemplada. O indivíduo sadio busca a realização plena a partir de todas as dimensões de sua vida e, no caso da dimensão espiritual, essa que será a dimensão que integrará todas as outras.

De acordo com Franco (2013, p. 400), podemos entender que a espiritualidade ou espírito humano seriam “o exercício do que é peculiar à humanidade, o exercício racional” no

sentido de que espiritual está para além da exclusividade religiosa institucionalizada, e sim, um tipo de inclinação pessoal.

A Organização Mundial de Saúde, desde 2008, incluiu o bem estar espiritual como uma das dimensões de saúde, ao lado dos aspectos físicos, psicológicos e sociais. Esse movimento indica o reconhecimento de uma relação preterida pelos moldes clássicos da Medicina, que, sob o paradigma empirista das Ciências Naturais, não legitimava a espiritualidade como parte integrante da saúde humana. (FRANCO, 2013, p. 402)

De acordo com Franco (2013), a significação do próprio papel do ser humano diante do mundo é a busca de um sentido que deriva da qualidade do relacionamento juntamente com a alteridade. Essa qualidade localiza o sujeito em um modo de aperfeiçoamento do seu potencial e o caráter corporal é configurado junto a espiritualidade, ou seja, a espiritualidade não é vista como transcendente, mas como parte concreta do ser humano. Assim podemos entender que, de acordo com Giovanetti (2005, p. 145),

o desenvolvimento da espiritualidade é de suma importância para a estruturação do ser humano. A vivência da espiritualidade pode muitas vezes sofrer forte transformação na medida em que o homem se abre a algo maior do que ele, a um ser supremo, e cultiva a dimensão da religiosidade. (GIOVANETTI, 2005, p. 145)

A espiritualidade está voltada para uma busca pessoal de sentido, desvinculada de uma organização ritual ou de uma ideologia, é um compromisso com dimensões afetivas, pessoais e experienciais (FRANCO, 2013). É uma atividade do espírito que, de acordo com Giovanetti (2005, p. 137), “não necessariamente implica a fé em algum transcendente, característica necessária na vivência da religiosidade”, mas que designa a vivência que pode produzir mudanças profundas e que leva a integração do ser humano com a comunidade e consigo mesmo.

A espiritualidade traduz um modo de ser, uma atitude essencial que acompanha o ser humano em cada passo de seu cotidiano. Ela expressa uma energia que é comum de todos, independente de crença religiosa, visibilizando a dimensão de profundidade da própria condição humana. Não há como desvencilhar o ser humano da espiritualidade, pois essa é uma dimensão antropológica fundamental, compondo o repertório existencial de todo vivente. (TEIXEIRA, 2014, p. 152)

De acordo com Roese; Schultz (2014), na abordagem fenomenológica observamos que o ser humano contempla além das dimensões físicas e psíquicas, uma dimensão espiritual. As características dessa dimensão são a potencialidade e a capacidade moral. Na dimensão espiritual está a capacidade de decisão, reflexão e avaliação do indivíduo. Para Giovanetti (2005, p. 137),

viver cultivando a espiritualidade é procurar seguir nossa vida de acordo com as características do espírito, pois esse tem como dimensão principal captar a profundidade das coisas. A dimensão psicológica é responsável pelas ressonâncias internas. Deixar-se guiar na vida pelas ressonâncias é ser levado pelos sentimentos e pelas emoções, mas deixar-se levar na vida pelos valores e pelos significados é ser guiado pelo cultivo da espiritualidade. (GIOVANETTI, 2005, p. 137)

Vale reforçar que “a espiritualidade, como forma particular de sistema de crenças, pode apresentar inclusive uma desvinculação da ideia de Deus, podendo existir tanto em contextos religiosos quanto ateus” (FRANCO, 2013, p. 401). Sabe-se de acordo com Pinto (2013, p. 683), que “a espiritualidade, inerente ao ser humano, pode ser cultivada, ou não, pode se desenvolver, ou não, pode amadurecer, ou não”. Giovanetti (2005 p. 138) corrobora essa afirmação dizendo que “a espiritualidade pertence a todo homem, embora ela não seja cultivada por todo homem. Ela é própria do homem, embora nem todos fazem dela o direcionador da vida deles”. Com essa afirmação, não desvaloriza ou nega as outras dimensões do ser humano, pois a espiritualidade só se constrói plenamente com a dimensão psicológica sadia. A vida se relaciona com o outro e é integrada a partir da dimensão espiritual. Para Ribeiro (2000, p. 20),

a espiritualidade é o grande oceano no qual desembocam as demais dimensões: biológica, psicológica e social. Quando desembocam, longe de perder sua identidade, plenificam-se, tornando-se o oceano humano que junta beleza, mistério e sacralidade, como, de resto, é o que significa o caminhar humano. (RIBEIRO, 2000, p. 20)

Assim sendo, a espiritualidade envolve o ser humano em todas as suas dimensões e integra a vivência dos indivíduos, sendo cultivada ou não, desenvolvida ou não, porém sendo sempre presente e tendo relevância na constituição do sujeito a partir de sua história e inter-relação social com o outro. De acordo com Gonçalves (2013, p. 131) "a espiritualidade é um patrimônio do ser humano. Ela ocorre independentemente de religião ou crenças. Espiritualidade está para além da pertença religiosa".

De acordo com Bello (2006), o ser humano se diferencia pelos seus atos espirituais. Esses atos espirituais estão ligados pela sua capacidade de pensamento, compreensão, juízo, responsabilidade. A dimensão espiritual é responsável pelo controle dos atos do ser humano.

O cultivo da espiritualidade, entendida como movimento e caminho para a experiência do Real, exige do sujeito uma dinâmica particular de despojamento e interiorização. Há que romper com o modo habitual de ser e deixar-se tocar pelos apelos da profundidade. Não se trata de uma viagem tranquila, mas de uma ‘saída’ para dentro de si mesmo. (TEIXEIRA, 2014, p. 158)

Para entender a espiritualidade, é necessário entender como e o que ela representa para o ser humano. Cada ser é um indivíduo único, influente e influenciado por diversos meios de socialização e que dá significado às próprias experiências. Segundo Fromm (1975, p. 19), as

palavras e conceitos relativos aos fenômenos ligados à experiência psíquica ou mental desenvolvem-se e crescem – ou se deterioram – com a pessoa a cuja experiência se referem. Modificam-se quando a pessoa se modifica; vivem tal como essa pessoa vive. (FROMM, 1975 p. 19)

Dessa forma, a mutabilidade marca o indivíduo na sua subjetividade e na forma pela qual ele desenvolverá seus próprios conceitos, valores e sentidos. Assim, "é na espiritualidade que se dá o amor, a compaixão, a solidariedade e a tolerância". (GONÇALVES, 2013, p. 132). A espiritualidade dessa forma está para além da religião e não depende de uma instituição para ser o que é. Na comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar claramente nos indivíduos a afirmação do autor. Os indivíduos relatam enfaticamente sobre o amor, a compaixão, a solidariedade e a tolerância tal como foi descrito por Gonçalves (2013).

No mundo atual, continuam ocorrendo muitas modificações políticas e comportamentais. No campo das Ciências da Religião, podemos notar essas modificações a partir das análises demográficas do Censo. Notou-se uma mudança considerável em relação à diversidade religiosa no País. De acordo com os Censos do IBGE de 2000 e 2010, houve um aumento considerável de indivíduos que se declararam sem religião. Foi notado também um crescimento de grupos religiosos no Brasil e um declínio da proporção de católicos. De acordo com a pesquisa, podemos entender que as religiões no Brasil crescem e aumentam nos tipos de denominações. Chegaram a ser determinadas 148 denominações religiosas diferentes incluindo seis categorias de declaração múltipla.

Decol (2014) afirma que o Brasil é um dos poucos países do mundo em que o censo demográfico se preocupa em incluir uma pergunta sobre religião. O objetivo de incluir essa pergunta é enumerar os membros de cada grupo e é dirigida a cada indivíduo que se declara com as próprias palavras.

Esses dados do censo constituem um banco de dados de suma importância para análise da transformação religiosa do país e do seu processo de urbanização, modernização e crescimento. As categorias censitárias visam identificar “grupos de indivíduos classificados de acordo com suas características naturais que, se conjugadas a aspectos econômicos, possibilitam análises de diferentes ângulos da vida social de determinado período” (RODRIGUES, 2012 p. 1131). Assim esses dados servem para pesquisas e planejamentos de políticas para a população. Para o IBGE, o objetivo do censo é “estudar o crescimento e

evolução da população ao longo do tempo e fornecer subsídios para o planejamento de políticas públicas no País, além de definir sua representatividade política, indicando o número de parlamentares para cada município ou estado” (RODRIGUES, 2012 p. 1132).

Nota-se também, de acordo com Pierucci (2013), que o aumento da liberdade religiosa tem um viés curioso. Os profissionais religiosos “lutam” entre si para que a igreja cresça e dessa forma procuram angariar fiéis. Para isso, muitos acabam por “infidelizar” fiéis desfalcando assim as religiões adversárias. Para Pierucci (2013) essa é uma causa do declínio da religião formal.

Decol (2014, p. 1054) ressalta que “entre as categorias religiosas encontra-se ainda uma que tem um significado singular: a dos sem religião”. Esse é o grupo que mais cresce ao lado dos evangélicos no Brasil e fornece uma métrica importante para dimensionar o processo de secularização que a sociedade tem passado nas últimas décadas.

Não pertencer a uma comunidade confessional não supõe que todo indivíduo sem religião seja descrente ou que não tenha desenvolvido uma religiosidade particular, o que evidencia uma secularização relativa da consciência acompanhada por uma crise de credibilidade nas instituições religiosas. (RODRIGUES, 2012 p. 1137)

Assim, indivíduos que não se consideram pertencentes a nenhuma religião formal não devem ser classificados exclusivamente como descrentes de toda e qualquer forma. A categoria sem religião além de englobar ateus e agnósticos, engloba também aqueles indivíduos que simplesmente não estão inseridos em uma religião formal, mas que exercem sua espiritualidade, como no caso os indivíduos da comunidade Noiva do Cordeiro.

Entre os sem religião, de acordo com Rodrigues (2012), podemos identificar os que vêm alternando suas identidades de uma religiosa para uma não religiosa e os que estão em trânsito (que trocam de filiação religiosa). As mudanças sociais, segundo o autor, que fizeram efeito nos modelos tradicionais permitiram que o indivíduo passe a trafegar no mercado religioso, consumindo as ofertas que mais se identificasse formando assim uma individualidade religiosa com outros vínculos de sociabilidade diferentes de uma obrigatoriedade de dogmas das instituições formais.

Gonçalves (2013) pontua que atualmente instaurou-se um processo de questionar, rever e reformular questões religiosas e esse processo desconstruiu uma imagem de Deus metafísico abrindo um campo novo, pois

com a pós-modernidade há um processo de desconstrução de um Deus metafísico, se os grandes tratados teológicos, desde a idade média com Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, foram concebidos a partir da mentalidade racionalista no sentido

de provar a veracidade da verdade, na pós-modernidade alguns edifícios racionais são abalados e, alguns de fato, ruem. (GONÇALVES, 2013, p. 124)

De acordo com Camurça (2013), dessa forma podemos entender uma desfiliação religiosa institucional na qual o indivíduo busca uma religiosidade própria que implica em acreditar em algo, mas não pertencer a determinada instituição. A expressão de espiritualidades “não religiosas” aponta um distanciamento de sistemas religiosos conhecidos e objetivados. Não deseja tematizar formas estudadas de instituições ou mesmo o tema da mística desses sistemas religiosos e sim formas de espiritualidades alheias aos modelos institucionais (CALVANI, 2014). Logo, estabelecer “espiritualidades não religiosas” é estabelecer diálogos da Ciências da Religião com outras esferas da cultura na qual há formas de espiritualidade que não se localizam junto dos sistemas religiosos formais.

Se antes religião era sinônimo de códigos definidos, ritos enrijecidos, normas morais e discurso institucional, agora pode ser a busca pela transcendência; a busca pelo bem estar espiritual. Uma vez que a religião institucionalizada não exerça atração em boa parte das pessoas, não significa com isso, dizer que ela deixa de ter outras manifestações e continuar atraindo. Novas formas são concebíveis: o místico substitui o doutrinário, o afetivo supera o ritual e o experiencial suplanta o institucional. (GONÇALVES, p.126, 2013)

De acordo com Rodrigues (2012), do final do século XX para o início do século XXI, ocorreram diversas transformações no cenário religioso internacional. A partir dessas mudanças políticas e sociais, podemos identificar os processos de secularização e laicização, que, desestabilizaram a tradição e permitiram uma flexibilização da ordem institucional gerando um desenraizamento dos indivíduos. Com isso, a peregrinação de bens e movimentos religiosos ao lado das rupturas institucionais reflete um trânsito religioso intenso no qual o indivíduo reinterpreta o sentido da religião a sua maneira. Ou seja, cada um escolhe as formas de vivência espiritual ou religiosa que lhe agradam, não sendo necessariamente aquelas de determinada religião que excluem outras, ocorrendo assim uma escolha de diferentes tipos de vivência religiosa (antes vivenciadas exclusiva e restritivamente na instituição) para a escolha e decisão de quais vivências o próprio indivíduo deseja praticar. Essa nova realidade pode ser identificada na pesquisa do IBGE dentro da população brasileira com o aumento de indivíduos auto declarados sem religião, comparados com a diminuição expressiva das religiões mais tradicionais.



De fato, durante muito tempo, “espiritualidade” foi um conceito do âmbito da teologia cristã denominado por essa. Muitos de nós aprendemos a ler os pré-socráticos e os filósofos gregos já com a lente da teologia e, às vezes projetamos para lá uma apreciação que não era propriamente deles. (CALVANI, 2014, p. 662)

Notamos que “os indivíduos dispensam intermediários para buscar seu próprio caminho com uma força superior” (RODRIGUES 2012, p. 1152). Assimilando assim uma liberdade religiosa que os fazem assumir-se sem religião. Logo, essa "espiritualidade leiga" conforme Gonçalves (2013) é uma espiritualidade que não necessita de um vínculo institucional para se manifestar e ser o que é. Para Novaes (2013, p. 186),

as relações frente aos sem-religião são diferentes daquelas experimentadas pelos pentecostais (com suas afirmações da crença) e pelos ateus (situadas no outro extremo, com suas negações das crenças). “Não ter religião” abre tanto um espaço potencial para (re) iniciar adesões institucionais quanto para “interagir” – sem vigilância eclesiástica – com pessoas de outras religiões. (NOVAES, 2013, p.186)

Ribeiro (2014) ressalta que a “cultura contemporânea” tem produzido grandes impactos sobre a percepção que as pessoas têm sobre a espiritualidade e a vida religiosa. Falar da condição espiritual na contemporaneidade implica em pensar em uma espiritualidade não religiosa mediante os dados apresentados pelo IBGE, no censo 2010. Na comunidade Noiva do Cordeiro, é possível estudar um grupo considerável que exerce uma espiritualidade não religiosa dentro de uma comunidade com transmissão de valores espirituais pautados no amor, na compaixão, na tolerância e na partilha dos bens e serviços.

Na contemporaneidade, identificamos uma tendência ao indivíduo que constrói sua espiritualidade e que utiliza elementos de outras religiões para a sua crença individual o mesmo não necessita da imposição de um sagrado por uma instituição formal. Os indivíduos da comunidade Noiva do Cordeiro podem ser identificados nessa afirmação. A comunidade teve experiência com duas religiões formais antes de se desvincular da religião formal e seguir sua espiritualidade sem religião.

Segundo Novaes (2013, p. 189), “nos dias de hoje, as representações e práticas religiosas não se fazem apenas por dentro dos circuitos institucionais, mas também por fora e à margem, mas sempre incluem disputas – e não ausência – de valores.” Dessa forma, a contemporaneidade demonstra crescimento dos sem religião não se referindo exclusivamente a um processo de secularização, mas principalmente a um processo de escolha do que convém ou não para o indivíduo e opção por vivência em detrimento de doutrina. Ser sem religião não necessariamente implica em ser ateu, o indivíduo que se auto declara sem religião pode fazer parte de uma série de outras categorias, inclusive da categoria dos que não seguem uma

instituição, mas produzem os próprios conceitos e vivenciam as práticas espirituais que lhes convém.

O crescimento apontado pelo censo 2010 dos jovens sem religião tem uma forte heterogeneidade que dificulta usuais correlações de acordo com Novaes (2013). A autora acredita que o crescimento pode ser explicado a partir de um recorte geracional porque foram os mais jovens que aumentaram mais significativamente o percentual dos sem religião. “Cada geração incorpora novos códigos e sentidos e pertencer a uma ou outra geração traz diferenças em termos de estratégias de apresentação e auto declaração religiosa (NOVAES, 2013, p. 181). Assim, as mudanças sociais estão inter-relacionadas com cultura, faixa etária, comunidade, etc.

Para Maluf (2011), diversos autores que estudam o fenômeno religioso se referem a ele como um novo tipo de pragmatismo na vivência religiosa emergencial, fundamentado na diluição dos princípios e valores espirituais com uma perda da tradição e, de outro, a dimensão mercantil e de consumo das práticas religiosas. Na comunidade Noiva do Cordeiro essa dimensão mercantil da religião foi identificada e repudiada.

O caminho da religiosidade e da espiritualidade na atualidade sugere que essa atitude não religiosa pode ser uma base mesmo para a espiritualidade religiosa, com sua liberdade de escolha e conseqüente responsabilização do indivíduo. A responsabilidade adquirida com a autonomia a partir da consciência formada pelas escolhas pessoais e as interações dos indivíduos na comunidade, as relações estabelecidas, é o que difere os seres humanos dos outros animais em sua construção de valores. Essa dimensão é muito sólida na comunidade Noiva do Cordeiro. Há uma consideração muito forte pelo outro e um zelo no trato com o semelhante que marca as relações estabelecidas entre as pessoas de lá.

### **2.3 Subjetividade e comunidade**

Os conceitos de subjetividade e comunidade são muito importantes para essa pesquisa pois, a partir deles iremos entender que a subjetividade não é algo pessoal e sim construído e transmitido a partir do sistema capitalista e que a comunidade não é simplesmente um agrupamento de indivíduos. Existem características peculiares e inerentes para a constituição de uma comunidade, bem como implicações por parte dos indivíduos que a compõe.

De acordo com Bizerril; Neubern (2012), existe uma presença muito forte da cultura e da singularidade no fenômeno religioso. Para os autores, a experiência religiosa é um evento

significativo no qual ocorre um encontro entre a experiência coletiva e a vivência singular dos indivíduos. Trata-se de uma integração entre coletivo e individual para a compreensão da vivência. Uma das possibilidades de sentido mais relevantes no estudo da religião são os processos de subjetivação marcados pela construção de emoções, significados e sentidos. Trata-se de processos complexos que serão detalhados ao longo desse trabalho a partir da obra de autores como Guattari, Rolnik e Deleuze.

Iremos apresentar a subjetividade e os processos de subjetivação e também a influência da comunidade na construção dos valores dos indivíduos. A subjetividade não pode ser vista como algo que “brota” no indivíduo naturalmente. Ela é construída na cultura ocidental moderna continuamente pelo sistema capitalista e transmitida para os indivíduos a partir da linguagem, das regras de convivência e dos diversos mecanismos produzidos pelo sistema.

A comunidade, para Bello (2000a), é uma escolha racional e consciente que os indivíduos fazem. Pautados por interesses comuns e afeto, eles buscam interagir e preservar modos de produção, costumes, práticas e comportamentos a partir de uma motivação comum para a vida conjunta. Na comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar essa escolha descrita pela autora e compreender a partir da fala dos indivíduos como eles experienciam esse viver em comunidade.

### **2.3.1 A subjetividade e os processos de subjetivação**

O conceito de subjetividade, de acordo com Prato Filho; Martins (2007), não pode ser associado a algo naturalizado e relacionado à interioridade. Devemos pensar a partir de termos históricos, sociais e políticos. A produção subjetiva é construída pelo conhecimento e campo de experiências do ser humano não implicando necessariamente em interioridade, substância ou permanência. Essa produção subjetiva se difere da identidade e deve ser pensada como movimento. Para Prato Filho; Martins (2007, p. 17),

subjetividade parece sugerir imediatamente interioridade, mas não há nada de natural nessa relação: percebe-se, arqueologicamente, que subjetividade e interioridade nem dizem respeito a instâncias psicológicas inerentes aos seres humanos, nem se referem a campos equivalentes de experiência ou a termos sinônimos. São enunciados de proveniências diversas que são posteriormente superpostos pelos discursos psicológicos, não necessariamente implicando uma relação de reciprocidade, ao contrário, a subjetividade, além de ser da ordem dos efeitos, é também da ordem da exterioridade. (PRATO FILHO; MARTINS, 2007, p. 17)

De acordo com Mansano (2009), a subjetividade não é uma posse do indivíduo, mas uma construção contínua e incessante a partir do encontro com o outro. Essa produção subjetiva é modelada a partir do registro social. Dessa forma, a subjetividade pode ser compreendida como um processo de produção temporal, que envolve múltiplos indivíduos e de uma apreensão parcial que o humano realiza com uma heterogeneidade de elementos presentes no contexto social (MANSANO, 2009). A subjetividade é compreendida como

um processo de produção no qual comparecem e participam múltiplos componentes. Esses componentes são resultantes da apreensão parcial que o humano realiza, permanentemente, de uma heterogeneidade de elementos presentes no contexto social. Nesse sentido, valores, ideias e sentidos ganham um registro singular, tornando-se matéria prima para expressão dos afetos vividos nesses encontros. Essa produção de subjetividade, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva. (MANSANO, 2009, p. 111)

Mansano (2009) defende que a matéria prima da subjetividade é variável e historicamente localizada, sendo que o indivíduo percebe o mundo e age nele. Dessa forma constrói sua subjetividade e existe um movimento nessa construção. Segundo Martins (2007), cada indivíduo é afetado por uma percepção da experiência e, a partir desse evento experiencial, tem sua singularidade alterada para assumir a compreensão do mesmo. Para Prato Filho; Martins (2007), a subjetividade é resultado das relações de saber poder e se produz nas relações das formas que atravessam o ser humano, implicando uma produção histórica.

A subjetividade para Guattari; Rolnik (1986) não está situada no campo individual e sim nos processos sociais e materiais. Dessa forma os autores acreditam que o que é produzido pela subjetividade capitalística<sup>3</sup>, ou seja, o que nos chega a partir da mídia, família e demais equipamentos do sistema capitalista que nos rodeiam são sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas de controle social e a maneira de perceber o mundo, ou seja, valores de ordem capitalista.

a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material. O que se poderia dizer usando a linguagem da informática é que, evidentemente, um indivíduo sempre existe, mas apenas enquanto terminal; esse *terminal individual se encontra na posição de consumidor*

---

<sup>3</sup> Subjetividade capitalística é o termo utilizado por Guattari; Rolnik (1986) para definir como os autores entendem a produção da subjetividade. De acordo com eles existe uma produção de indivíduos normatizados a partir da cultura de massa que são articulados uns aos outros a partir de sistemas hierárquicos, de valores e de submissão. Esses sistemas nem podem ser considerados interiorizados, apenas produzidos e repassados por uma grande máquina capitalística de uma subjetividade individualizada e social.

*de subjetividade*. Ele consome sistemas de representação, de sensibilidade, etc. – sistemas que não têm nada a ver com categorias naturais universais. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 32)

Guattari; Rolnik (1986) consideram que

Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. As sociedades “arcaicas”, que ainda não incorporaram o processo capitalístico, as crianças ainda não integradas ao sistema, ou as pessoas que não conseguem (ou não querem) entrar no sistema de significação dominante têm uma percepção do mundo inteiramente diferente da dos esquemas dominantes – o que não quer dizer que a natureza de sua percepção dos valores e das relações sociais seja caótica. São outros modos de representação do mundo, sem dúvida muito importantes para as pessoas que deles se servem para poder viver, mas não só para elas: sua importância poderá se estender a outros setores da vida social, numa sociedade de outro tipo. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 27)

No caso dos sistemas tradicionais, a subjetividade “é fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 25). Dessa forma, de maneira exteriorizada, porém percebida pelo indivíduo é tomada como algo de si próprio. Até o indivíduo viver o processo de singularização e poder questionar essa subjetividade para o desenvolvimento de uma outra lógica própria e consciente.

Para Guattari; Rolnik (1986); os processos de subjetivação são descentrados em relação à individuação. Dessa forma,

a subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individualização do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 31)

Para Guattari; Rolnik (1986), a subjetividade oscila entre dois extremos no ser humano: ou ele se submete a ela tal como a recebe ou se apropria novamente dos seus componentes num processo de tomada de consciência e singularização.

Na subjetividade capitalística, os seres humanos são como uma condição de suporte de valor e não se conscientizam dos seus modos de vida. Apenas reproduzem os comportamentos determinados e esvazia-se o caráter vital de suas existências. Se tornam insensibilizados e deixam de ter a experiência como referência para a criação dos seus modos de organização.

É portanto, num só movimento que nascem os indivíduos e morrem os potenciais de singularização. Tudo isso constitui uma imensa fábrica de subjetividade, que funciona como indústria de base de nossas sociedades. É exatamente nessa indústria que a mídia, tal como existe hoje em dia, com sua cultura de massa, teria um papel de destaque. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 38)

Dessa forma, podemos entender que a subjetividade não é interiorizada no indivíduo e sim projetada nele. Projetada na realidade de mundo e na realidade psíquica. De acordo com Guattari; Rolnik (1986), a ordem capitalística incide nos esquemas de conduta, ação, gestos, pensamento, sentido, sentimento, afeto, etc. Ela incide diretamente nas montagens de percepção, da memorização e nos modelos de instâncias intra-subjetivas. Na comunidade Noiva do Cordeiro, os indivíduos também recebem essa projeção, mas, em alguns aspectos houve algo que se distanciou do que ocorre na maioria das comunidades: as relações humanas acabaram por ser diferentes entre esses indivíduos e a marca da comunidade, ou pelo menos o modelo que ela segue apresenta diferenças consideráveis em relação a outras comunidades.

### **2.3.2 Comunidade**

Para Bello (2000a, p. 143), “a comunidade é uma associação que se baseia numa escolha racional, na qual existem motivações e não apenas motivos e, sobretudo é caracterizada por uma relação moral.” Nesse sentido, essa organização de indivíduos se dá a partir de sua consciência nos mais diversos significados (comunidade familiar, comunidade popular, comunidades religiosas, etc). Quem escolhe estar dentro de uma comunidade o faz por uma motivação. Para ser comunidade é necessária uma responsabilidade recíproca. Para isso, os indivíduos não simplesmente irão se agregar. Eles devem possuir interesses comuns e a partir dos vínculos estabelecidos podemos entender que na formação da comunidade existirá um caráter orgânico. De acordo com Bello (2000b, p. 165)

O primeiro nível da vida associada que se apresenta para ser considerado é o da comunidade, e o paralelismo que se pode assinar entre o indivíduo e a comunidade consiste em descobrir na associação humana não uma mera agregação. Isso, na verdade não justificaria tantos aspectos e fenômenos secundários conexos com a presença de laços intersubjetivos. Ao contrário, para compreendê-los é necessário reconhecer que há um caráter orgânico também na comunidade; o mesmo deve ser relacionado com a força vital que é de caráter psíquico (BELLO, 2000b, p. 165)

Para formar uma comunidade os indivíduos se colocam em uma relação de intercâmbio mútuo de sua energia vital e essa energia que é oriunda da força psíquica juntamente com a força espiritual se desenvolve com os outros membros tanto de sentimentos

positivos como o amor, gratidão, confiança como negativos como a desconfiança, o ódio e a antipatia. Bello (2000b) afirma que, para compreender a comunidade, é preciso se referir às manifestações subjetivas da espiritualidade e examinar as influências e as contribuições dos indivíduos particulares. O intercâmbio dos indivíduos se dá através dos atos sociais.

Na comunidade, de acordo com Bello (2000a), existe uma natureza orgânica na qual se estabelece uma relação recíproca entre os indivíduos. Essa relação se dá nos níveis de comunicação, ação e sentimentos. No caso da comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar esses elementos a partir da própria fala dos entrevistados que relatam sobre o cuidado com o próximo e do orgulho de pertencimento.

O indivíduo sempre corre o perigo de se perder em uma massa anônima, mas sua essência deve estar além de ser membro de uma massa e viver uma existência autêntica. Na existência comunitária, o indivíduo assume compromissos assumindo assim o ser si-próprio.

O ser humano passa a ser livre (buscando realizar o seu ser-si-próprio e também uma coexistência mediante os outros seres). Para ser autêntico, o ser humano assume riscos e toma as rédeas do próprio destino. (ROESE; SCHULTZ, 2014). Para que ele não se perca ele precisa se entender e refletir sobre seu processo vivencial. Para a constituição de uma comunidade não é suficiente dizer que os indivíduos se conhecem mutuamente. De acordo com Bello (2000, p. 187), é necessário que "a vida deve ser vivida de forma a constituir uma finalidade comum e ser entendida no mesmo sentido".

Bello (2005) afirma que o ser humano se conecta a cultura a partir da sua espiritualidade. Sua relação com o outro está ligada com o que ele experiencia e com o que ele transmite e recebe, ou seja, dentro da comunidade em que vive. "O ser humano é um ser cultural, porque é um ser espiritual, ou seja, é um ser que sabe produzir, que se expressa no nível que chamamos de espiritual. Isso não significa que o nível espiritual seja separado da psique" (BELLO, 2000, p. 56). Todo ser humano possui corporeidade, reações psíquicas e vida espiritual, porém, essas dimensões se articulam segundo modalidades diversificadas conforme grupos e culturas (BELLO, 2000). A cultura reproduz muito das regras do local e representa a diferença entre ser um cidadão e ser uma pessoa de fora. Para pertencer a uma comunidade existe um interesse comum. Dessa forma, a autora acredita que

o mundo não é somente o conjunto das coisas físicas, mas é constituído por toda a bagagem de experiências vivenciais que cada ser humano possui e compartilha com o grupo ao qual pertence. Na verdade, representa a totalidade do mundo físico, intelectual e cultural no qual estamos mergulhados e reconhecemos mais ou menos de forma consciente como sendo o nosso mundo (BELLO, 1998, p. 38)

Esse complexo engloba tanto sentimentos, vivências, política, subjetividade e sociedade. “A natureza e a cultura constituem os dois momentos essenciais para compreender uma comunidade” (BELLO, 2000b, p. 169). Assim, dentro desse meio vivencial que é a comunidade, os indivíduos se relacionam e conseguem experienciar diversas práticas espirituais.

Cada indivíduo opta por um sistema de cooperação e de estilo de vida para pertencer a determinada comunidade a partir de afinidades e interesses recíprocos. Cada um tem seu próprio interesse e comunga com o outro que também tem interesses próprios. O pertencimento é marcado pela soma de interesses comuns e hábitos que vinculam uns aos outros.

Se olharmos com atenção para a tarefa própria da dimensão do espírito, vamos descobrir que, se o psicológico no ser humano só se desenvolve se houver um acolhimento afetivo por parte do outro, a dimensão espiritual se desenvolverá se eu, com a ajuda do outro e da comunidade, descobrir um sentido para a vida e integrá-lo no meu dia-a-dia. (GIOVANETTI, 2005, p. 139)

Para Bello (2000b, p. 204) “o momento comunitário, apesar de ter também em si mesmo uma grande importância, não absorve o indivíduo particular a ponto de anulá-lo; ao contrário, pelo fato de ser pessoa, o indivíduo é o ponto de referência constante para a compreensão do mundo humano”. Desse modo, particularidade e globalidade estão sutilmente conectadas, embora assegurando a mútua independência.

Para existir uma comunidade social é necessário uma harmonia comum entre as pessoas que a constituem. “A comunidade, de fato, deixa de existir quando os membros se alienam da mesma ou quando exploram uns aos outros como objeto”. (BELLO, 2000b, p. 168). Dessa forma cada comunidade se forma através das relações entre seus membros, da cultura que ela transmite e da unidade temporal na qual ela se encontra. “Foi detectado desse modo o sentido profundo da vida comunitária; de fato, a sua característica fundamental, isto é, a sua razão essencial consiste na união recíproca entre os sujeitos que a compõem” (BELLO, 2000b, p. 193).

A comunidade é caracterizada pelo fato de os seus membros assumirem responsabilidades recíprocas. Cada membro considera sua liberdade, assim como também quer a liberdade do outro e, a partir daí, verificam qual é o projeto conjunto. O projeto pode ser útil para a comunidade, mas deve ser útil também para cada membro. (BELLO, 2000b, p. 73)



Na comunidade Noiva do Cordeiro, os indivíduos que nela permanecem, se integram a uma organização peculiar e responsável na qual cada um se oferece para realizar o trabalho que executa melhor. Não há uma imposição de tarefas, mas um compromisso em oferecer aos demais membros aquilo que cada um realiza de melhor para contribuir com a produção, colheita, comercialização e manutenção da vida dentro da comunidade. Dessa forma, existem pessoas que se responsabilizam pela lavoura, pela limpeza, pela culinária, pela educação dos filhos pequenos de todos e por todos os elementos para a manutenção da vida. Ressaltamos aqui o termo responsabilidade porque nada é imposto e sim oferecido e decidido pelo indivíduo como ele pode contribuir para todos que lá residem.

Fromm (1969) fala que, para o ser humano, a forma mais fácil e frequente de ligação com esses laços é a sua origem, o solo, o clã, a família. A comunidade se caracteriza como uma grande família que preza pelo cuidado, a partilha e o respeito entre seus membros.

No seguinte capítulo apresentaremos a Comunidade Noiva do Cordeiro, desde a sua fundação histórica até o atual momento e a compreensão das entrevistas com as pessoas.

### 3 A COMUNIDADE NOIVA DO CORDEIRO: RUPTURAS E ADAPTAÇÕES

O objetivo desse capítulo é identificar como se dá o processo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais no mundo contemporâneo a partir da Comunidade Noiva do Cordeiro. Para isso iremos identificar como os valores religiosos são transmitidos a partir das gerações e de como foram se modificando nas diferentes gerações da comunidade.

A comunidade Noiva do Cordeiro é marcada pelo envolvimento das pessoas e por um grande amor ao próximo e pela produção artística.

[...] há um século pessoas desta comunidade iniciam movimentos de ruptura e reação contra os sistemas de exclusão. Por esta razão, ouvir sua história faz com que experiências significativas possam ser relatadas, para que os sujeitos da história possam interpretar e ressignificar sua própria história, e para que a memória seja forte e capaz de fazer pequenas revoluções no cotidiano. (ROESE; SCHULTZ, 2010, p. 155)

A comunidade Noiva do Cordeiro tem um estilo de vida no qual ocorre a partilha de bens e do uso da terra, assim como uma produção e gestão coletiva do trabalho executado prioritariamente na comunidade por mulheres. A comunidade ao longo de sua existência teve um processo de constantes rupturas religiosas, familiares e ideológicas. No caso da comunidade Noiva do Cordeiro ocorreu uma ruptura com a religião institucional, mas com a preservação de valores espirituais.

A comunidade Noiva do Cordeiro foi pesquisada a partir da área de Ciências da Religião que busca investigar os aspectos da religião e espiritualidade. No nosso caso específico a ausência de Religião e a forte presença da espiritualidade e religiosidade. A área específica da pesquisa está dentro da Psicologia da Religião, que visa identificar aspectos psíquicos dentro da comunidade, particularmente numa visão Fenomenológica que buscará entender a construção de valores e transmissão deles na comunidade. A comunidade ao longo de sua existência teve um processo de constantes rupturas religiosas, familiares e ideológicas.

O presente trabalho utilizou a pesquisa empírica para o estudo da comunidade uma vez que consideramos que esse tipo de pesquisa é muito peculiar e especial. Na pesquisa empírica, realizada no campo, podemos compreender melhor como se estrutura a comunidade e identificar como ocorrem as relações dentro dela. Num cenário o mais natural possível, longe da frieza de laboratórios e buscando valorizar as vivências e relações pessoais. Trabalhar a

subjetividade e a transmissão de valores dentro da comunidade requer esse tipo de cuidado e disponibilidade.

De acordo com Bello (2000a), segundo a fenomenologia, a volta ao mundo vivido, ao mundo da experiência é o ponto de partida de todas as ciências. Ou seja, a fenomenologia proposta por Husserl, busca reintegrar o mundo da ciência ao mundo-vida, sugerindo descrever o fenômeno, e não explicá-lo ou buscar relações causais, mas voltando-se para as coisas mesmas e suas manifestações. Essa descrição leva em conta a qualidade da análise do fenômeno. Busca-se uma compreensão empática dele a partir do relato dos indivíduos da comunidade entrevistados nos grupos geracionais.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com três grupos de diferentes gerações da comunidade separadas da seguinte forma – idades entre 18 e 25 anos, 25 e 45 anos e acima de 45 anos. Todos os grupos contavam com 7 participantes residentes na comunidade (critério de exclusão – morar na comunidade e estar dentro das faixas etárias). A observação realizada de maneira assistemática ou espontânea, isto é, feita de maneira informal sem que o pesquisador utilizasse meios técnicos especiais. Todos os encontros foram previamente agendados de acordo com a disponibilidade da comunidade. Procurou-se evitar ao máximo atrapalhar as atividades diárias da comunidade concentrando os horários das entrevistas nos períodos em que os indivíduos não estariam na atividade de colheita. Dessa forma, consultamos um responsável na comunidade para saber sobre os melhores dias e horários para realizarmos as visitas, as entrevistas e as observações.

### **3.1 Relato fenomenológico**

O interesse pelo estudo da comunidade Noiva do Cordeiro se iniciou dentro de sala de aula. Tivemos contato com três professores que estiveram na comunidade e escreveram artigos sobre a mesma. Trata-se de uma comunidade rural, baseada na partilha de bens e serviços, com um gerenciamento majoritariamente de mulheres e sem uma religião formal. Uma comunidade que transitou entre o catolicismo, o protestantismo e se organizou sem religião ao longo de quase 125 anos. No caso específico desse trabalho pensamos sobre a transmissão de valores espirituais sem a ligação com uma instituição. Como se dá essa transmissão e como se chegou a tal formato de comunidade?

Tentamos exaustivos contatos, mas cada telefonema era uma frustração. Chamava muito e não se consolidava o grande momento do “alô” no outro lado da linha. Foram

diversas tentativas, em vários horários e dias da semana. O tempo ia passando e cada vez a pesquisa parecia mais distante. Quando foi realizado o primeiro contato telefônico, quase não acreditamos. Já haviam se passado alguns meses e cada vez a realização da pesquisa parecia mais improvável. Foi através de uma rede social que encontramos um telefone que nos disse “alô”. Assim que tudo efetivamente começou. Foi explicado o interesse na pesquisa e agendada uma visita.

Até a visita efetiva houve mais uma terrível intercorrência. Aconteceu um acidente dentro da comunidade que resultou na morte de duas pessoas muito queridas e em um período de internação de outras duas pessoas. A comunidade se entristeceu e remarcamos a visita para outro momento.

O caminho para a comunidade é de fácil acesso e sinalização razoável. É interessante notar que quanto mais se afasta de Belo Horizonte, mais se sente uma maior proximidade com a natureza e uma paisagem bucólica. Logo vimos o casarão na entrada da comunidade. Apesar de velho é uma estrutura bela que nos convida a pensar em todas as histórias que ocorreram naquele local. Hoje o casarão apenas se faz presente, sem a função de abrigar as pessoas da comunidade.

A disposição das casas chama a atenção. Existe uma casa bem grande, atrás do antigo casarão, onde vivem cerca de 80 (oitenta) pessoas. Existem também casas em volta menores, nas quais estão algumas famílias. É interessante ver o centro no qual estão muitas mulheres que ainda não constituíram família e as casinhas em volta que abrigam famílias que não se separam daquela casa maior que referencia a comunidade.

E o que dizer da hospitalidade? Logo fomos recebidos de maneira gentil com um belo café da manhã e convidados para uma “prosa”. Havia duas pessoas responsáveis para nos receber. Depois visitamos toda a plantação e conhecemos várias melhorias que estão sendo realizadas na comunidade. As pessoas gostam de receber e contar sobre a sua história. Essa talvez seja uma das grandes marcas da comunidade. Um senso de pertencimento e orgulho de tudo aquilo que se construiu. Foi um bom momento.

Depois de conhecermos a infraestrutura da comunidade e ouvirmos sobre as aquisições realizadas através do trabalho árduo e dos projetos para a melhoria da produção, paramos para almoçar as delícias da culinária mineira.

Após o almoço, assistimos alguns vídeos da comunidade. Eram os trabalhos artísticos apresentados ao longo dos últimos anos. Logo em seguida conversamos sobre o projeto de pesquisa e da relevância da realização dele para a comunidade. Identificamos a instituição PUC Minas, o departamento de Ciências da Religião e o projeto de pesquisa que queríamos

realizar. Como resposta sobre a possibilidade de execução, nos disseram: “vamos consultar a comunidade e daremos um retorno”.

Nessas horas o tempo demora a passar. Existia o interesse por desenvolver o trabalho assim como a necessidade de aceitação da comunidade em participar. Aguardamos por cerca de vinte dias e, por fim, decidimos ligar novamente. Como resposta recebemos o tão esperado “sim”. A comunidade autorizou a pesquisa. Foi um momento muito importante e a partir dele foram realizados os procedimentos legais para as pesquisas com seres humanos pelo comitê de ética e a elaboração dos questionários<sup>4</sup>. Agendamos as novas visitas para a realização das entrevistas, verificamos a disponibilidade dos indivíduos e fomos novamente muito bem recebidos.

Escolhemos dentro da comunidade um local reservado, no caso o amplo salão onde são realizados eventos de integração como a sexta da viola que será citado posteriormente, somente com o grupo que responderia ativamente as entrevistas. Infelizmente, em alguns momentos ocorria um pouco de barulho devido as próprias atividades da comunidade que não foram deixadas por fazer durante as entrevistas. Procuramos separar os grupos nos dias e horários que menos prejudicassem o funcionamento cotidiano da comunidade, procurando causar o menor impacto possível na organização das pessoas.

Antes do início das entrevistas, fizemos uma leitura conjunta do termo de consentimento livre e esclarecido, sanamos quaisquer dúvidas para os participantes e colhemos as assinaturas de cada entrevistado. Após as apresentações, agradecemos a participação dos entrevistados e demos início ao registro e início das perguntas.

### **3.2 Comunidade Noiva do Cordeiro: sentidos e essência**

Na sequência apresentaremos a comunidade Noiva do Cordeiro e os dados obtidos a partir das entrevistas e do documentário Noivas do Cordeiro, do roteirista e diretor Alfredo Alves (2008), visando compreender tudo o que foi dito para entendermos como se dá o processo de transmissão dos valores espirituais dentro da comunidade. Inicialmente, será apresentado um histórico da comunidade juntamente com a visão de cada um dos grupos entrevistados. Logo após, identificaremos como é a vida comunitária, a vida sem religião e faremos uma discussão sobre valores espirituais.

---

<sup>4</sup> Pesquisa autorizada e registrada no CEPE, CAAE: 45027415.1.0000.5137

### 3.2.1 Histórico

A história da comunidade se inicia em 1890 com Dona Senhorinha de Lima. Por decisão de seu pai, Senhorinha casou-se, mas não amava seu marido. Ela se apaixonou por um outro homem chamado Chico Fernandes, seu grande amor. Senhorinha engravidou de Chico Fernandes e eles resolveram fugir, mesmo contra os costumes da época.

A família era católica e com o adultério, foram amaldiçoados e excomungados pelo padre local durante 4 gerações. A maldição era a exclusão espiritual e a discriminação social e familiar. Assim mudaram-se para Roças Novas de Cima, distrito rural do município de Belo Vale, próximo a Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Roças Novas é uma região rural, com agricultura bem desenvolvida e hábitos característicos de uma região interiorana de Minas Gerais. Lá construíram um casarão que depois veio a se tornar o centro da comunidade Noiva do Cordeiro.

Senhorinha e Chico Fernandes tiveram nove filhos. Dentre eles um filho chamado França que se tornaria pai de Delina Fernandes, atual matriarca da comunidade Noiva do Cordeiro.

De acordo com o documentário Noivas do Cordeiro, do roteirista e diretor Alfredo Alves (2008), o pastor Anísio Teixeira passou por Roças Novas em 1940 e conheceu Delina ainda bem jovem. Aos 16 anos ela e o pastor Anísio, na época com 43 anos, se casaram. De acordo com a história contada pela comunidade, ele já havia sonhado com esse casamento, quando ela era bem mais jovem, mas esperou, para pedir a mão de Delina a seus pais. Os pais de Delina disseram que se ela quisesse casar poderia. E assim aconteceu o casamento. O pastor Anísio foi quem fundou a igreja Noiva do Cordeiro, uma igreja evangélica, que mais tarde daria o nome à Comunidade após a ruptura com a religião institucional. Eles se casaram em 1962 e logo Delina engravidou do primeiro de seus quinze filhos. A igreja Noiva do Cordeiro era muito rígida em sua doutrina e pregava

oração diária de 40 minutos cada, sendo observados dois a três jejuns semanais, além de proibição de uso de anticoncepcionais, imposição de cabelo longo para mulheres, uso exclusivo de saias e roupas longas para mulheres, proibição do uso de música profana, inclusive rádio e televisão. Também era proibido falar com as pessoas de fora da comunidade. (SCHULTZ, 2013, p 107)

Delina viveu uma vida muito difícil com as imposições da igreja. Eles se mudaram muitas vezes para a fundação de comunidades pelo pastor Anísio e nessas mudanças residiam por pouco tempo. O preconceito contra a igreja evangélica por parte das outras pessoas atingia

diretamente a família de Delina. Várias fofocas, principalmente difamações das filhas mais velhas de Delina, foram motivo de muito sofrimento.

Por fim, fixaram-se em Roças Novas (Belo Vale) e buscavam seguir fielmente as orientações da igreja fundada pelo pastor Anísio.

A Igreja do pastor Anísio impunha regras muito severas a todos que a seguiam e o isolamento da comunidade agora se agravaria em vista da rigidez da doutrina. Quase tudo não podia, quase tudo era pecado. Não havia televisão, era proibido ouvir música e dançar. As rezas eram longas e diárias e acompanhadas de jejuns semanais – que traziam fraqueza física para pessoas que tinham duro trabalho de plantação e colheita na roça. Havia castigos públicos para quem não seguisse os preceitos, que ainda incluíam proibição de uso de álcool, métodos contraceptivos e corte de cabelo. O isolamento por meio do preconceito, mas também pela falta de informação, educação e alimentação levaram a comunidade à pobreza extrema. Os cultos incomodavam a comunidade católica e geravam conflitos religiosos. (ROESE; SCHULTZ, 2010, p. 154)

De acordo com o Documentário Noivas do Cordeiro, do roteirista e diretor Alfredo Alves (2008), a vida era muito sofrida, dura e miserável. A igreja deixava as pessoas sem energia, com a imposição dos jejuns, para o trabalho na lavoura e a miséria e exclusão foram muito negativas para a comunidade. Em 1991, após muito sofrimento e tomada de consciência, a comunidade decidiu acabar com a igreja e abandonar a religião institucional.

Em 1995, o pastor Anísio faleceu. O casarão que era denominado prostíbulo pelas pessoas das comunidades vizinhas, então, sem a religião, é denominado também como a Casa do Diabo e uma nova forma de discriminação assombra a comunidade: a ausência da religião.

Passaram-se mais de 100 anos de preconceitos, de isolamento e de calúnias. Destinada à exclusão social, imposta pelas restrições as quais os moradores foram submetidos, principalmente as mulheres, a comunidade precisou criar uma forma de vida sustentável e comunitária (NOIVAS DO CORDEIRO, 2008). Com o tempo, a comunidade quebrou seu vínculo e dependência com a religião e passou por novos preceitos, menos autoritários. O fato que marcou o fim de igreja segundo Schultz (2013) foi uma festa de casamento de uma das filhas da Senhora Delina. Na festa houve a música (que até então era proibida) e todos dançaram. Muitos pela primeira vez. As artes então ficaram mais próximas da comunidade. Foi construído um local de encontro e alegria exatamente onde era a igreja. Um bar com pista de dança onde todos poderiam se divertir.

Em Noiva do Cordeiro a comunidade aprendeu que o fechamento sobre si mesmo não lhes dava força. A abertura levou a comunidade a contar e recontar sua própria história e recorrer à memória mais profunda da mesma. Deste modo o enraizamento

e o fortalecimento das próprias raízes e do poder local deu-lhes cada vez mais autonomia. (ROESE; SCHULTZ, 2010, p. 155)

A comunidade passou a se comunicar com as pessoas de outras comunidades e a fé continuou e continua até hoje em Noiva do Cordeiro. A ruptura com a religião institucional não significou uma ruptura com a fé em Deus (Schultz, 2013). A marca da espiritualidade dentro de Noiva do Cordeiro está nas relações com o próximo. Nas relações de amor, respeito e cuidado.

A primeira pergunta realizada para os três grupos foi um pedido de descrição da história da comunidade Noiva do Cordeiro. Cada grupo falou um pouco sobre a história da comunidade a partir do seu ponto de vista. Um indivíduo do grupo completava a fala do outro e o grupo junto relatava sua visão da comunidade. Consideramos importante comparar as falas dos grupos e começarmos nossa análise sobre como cada grupo e indivíduo enxerga a história da comunidade e se apropria dessa história como parte de sua própria constituição de sujeito. Todos os nomes identificados nas falas são fictícios para preservar a identidade real dos entrevistados.

#### **GRUPO 1**

Então assim a vida de antes era uma vida muito precária e difícil e nós, por sorte, os mais jovens, já teve assim uma grande vitória, uma grande conquista. Da vida que a gente tem hoje que é uma vida melhor do mundo em todos os sentidos. – **Juliana – Grupo 1**

Aí foi discriminada (Maria Senhorinha que rompeu o casamento arranjado e foi viver com seu grande amor), isolada, excomungada. Teve uma neta, que é a Dona Delina que casou-se com o Anísio. Fundou a igreja Noiva do Cordeiro que foi uma época tão difícil quanto a da Maria Senhorinha. – **Carla – Grupo 1**

Pulamos essa história de religião. Mas temos essa consciência que nossos pais viveram. Eles sempre contam. As mães e os pais contam como era difícil. Pai e mãe conta como era difícil ter um feijão, um arroz e a gente tem consciência disso. A gente fica muito feliz com essa vida boa. – **Juliana – Grupo 1**

Nossos pais são heróis para nós. Eles são nossa referência, nossa admiração é toda deles. Eles que nos fez ter uma vida sem religião. Saber amar. – **Juliana – Grupo 1**

#### **GRUPO 2**

A Senhorinha teve 9 filhos com o Chico. O pai da Delina é o França. Casou e teve a Delina. A Dona Delina casou com o Senhor Anísio com 16 anos. Ele fundou uma Religião Noiva do Cordeiro. Era uma igreja Evangélica. – **Josi – Grupo 2**

Essa igreja durou muitos anos. – **Josi – Grupo 2**

A vida era muito difícil. Eu quase não participei nessa época. Até do meu pai eu lembro pouco dele. Não lembro muito não. – **Cecília – Grupo 2**

Eu ainda jejeuei bastante. – **Paula – Grupo 2**



Era muito difícil. Eu não participei porque eu era criança. – **Cecília – Grupo 2**

Eu acho que eles foram muito heróis. Porque naquele tempo não tinha nem informação. Hoje tem televisão, internet e naquele tempo não tinha nada disso. E eles foram heróis. – **Cecília – Grupo 2**

Raciocínio próprio, romper com aquilo tudo. – **Paula – Grupo 2**

### **GRUPO 3**

A comunidade foi formada há 150 anos pela Maria Senhorinha e o Chico Fernandes e a comunidade cresceu. Uns filhos foram morando aqui e outros saiu. Mas a fundação é da Senhorinha e do Chico Fernandes. – **Jackeline – Grupo 3**

Pelo que a gente viveu a gente pode ver um pouco também da história. – **Marina – Grupo 3**

Eu acho assim, eu vou falar meu ponto de vista. Eu acredito que a própria família e os descendentes deles sofreram mais do que eles próprios porque a decisão foi deles, né? E a Maria Senhorinha se mostrou uma pessoa muito corajosa e decidida. Porque para a época dela ela ter coragem de fazer, se bem que ela não sofreu porque quando a gente toma uma decisão e gente aceita. E ela foi feliz. Viveu muitos anos, morreu. Viveu quase 100 anos. – **Marina – Grupo 3**

A exclusão foi total. As gerações que veio depois acabaram por sofrer mais. Porque eles não tinham culpa. Essa exclusão foi até 2004. Não era assim uma exclusão comum. Era 100% isolado. A Noiva do Cordeiro era como se fosse outro mundo dentro do município. Não tinha contato com ninguém. Dois fatores que contribuíram: a história da Senhorinha e aí vem a parte da igreja evangélica que também tinha essa filosofia de não deixar as pessoas que pertenciam a igreja conviver com as que não pertenciam. – **Marina – Grupo 3**

Era uma seita. Pregava o distanciamento. Só que começou uma história e reforçou. Teve a história da Maria Senhorinha e depois a igreja. – **Eva – Grupo 3**

Como podemos observar, o grupo 1, composto de jovens entre 18 e 25 anos não viveu diretamente a discriminação, mas recebeu, a partir da história oral, um sentimento de grande sofrimento mediante a exclusão social e isolamento que geraram a miséria em um primeiro momento. Esse grupo relatou ainda que já receberam uma “vida boa de mão beijada” dos seus pais e avós. Nota-se um sentimento de gratidão pelo que foi construído pela comunidade e pela superação de uma fase difícil marcada pela miséria.

No grupo 2, composto por adultos entre 25 e 45 anos, podemos identificar em sua descrição uma maior clareza em relação à fase protestante da Comunidade. A presença do fundador da igreja Noiva do Cordeiro é muito forte nos relatos e os jejuns e obrigações excessivas foram também lembrados. Esse momento também foi marcado por uma miséria (falta de alimentos) e por um tipo de exclusão social, política e religiosa (mas nesse momento da própria comunidade em relação às comunidades vizinhas uma vez que não comungavam da mesma fé).

O grupo 3, composto por adultos com idade acima de 45 anos já relata em sua fala o primeiro momento de sofrimento após a excomunhão. A elaboração das pessoas desse grupo já perpassa por pelo menos três momentos diferentes (apesar de terem vivido cronologicamente 2 – do protestantismo e da ausência de religião). Eles escutaram de perto a exclusão da primeira fase da comunidade com a excomunhão e relatam a dor e sofrimento dessa primeira geração após a ruptura com a religião católica.

A visão de cada um dos grupos possui uma particularidade geracional que acreditamos ser muito relevante no nosso trabalho. A maneira de se relacionar com o mundo já pode ser identificada como algo bem diferente entre os três grupos. Analisando todas as respostas com os dados obtidos através de artigos sobre a comunidade, do documentário e do filme produzido em 2008 sobre a vida da Senhora Delina, notamos que a mesma história é vista com diferentes enfoques e cada marca representa uma característica de cada grupo.

O grupo 1 relata uma identificação, ele não se organiza socialmente tal como a subjetividade capitalística produz os processos de subjetivação, porém não notamos um processo de singularização no sentido em que reproduzem fielmente o discurso dos indivíduos dos outros grupos da comunidade. Por ser um grupo jovem (que não viveu os processos de ruptura de maneira consciente) é esperado que a única forma de manter um discurso comunitário seja a identificação. Essa identificação tem um valor pessoal para o grupo e também não se pode negar que existe um repasse de valores que nesse caso específico, são feitos a partir dos outros indivíduos da comunidade. É um momento de produção de subjetividade, mas que não está nos moldes da produção capitalística e sim da própria comunidade que age como uma máquina em menor escala (GUATTARI; ROLNIK, 1986).

Para Guattari, Rolnik (1986) a análise da subjetividade dos indivíduos passa por um mecanismo de produção social. Podemos comparar essa produção com uma fábrica que adiciona ingredientes para a produção de um produto que se deseja. Dessa forma, as grandes máquinas capitalísticas a partir de mecanismos de culpabilização, segregação e infantilização dos indivíduos insere nas mesmas formas de se viver, portar e se comportar. A comunidade Noiva do Cordeiro rompe com esses mecanismos, porém nota-se que o sentido dessa ruptura é bem diferente para cada uma das três gerações entrevistadas.

O grupo 2 relata uma lembrança com mudança, fato que já é muito diferente do grupo 1. Eles também em algum momento receberam essa produção subjetiva, porém já podem interagir com a própria percepção daquilo que viveram enquanto crianças e têm algum tipo de elaboração em relação ao processo de ruptura com a religião. Notamos uma elaboração nas implicações do processo de ruptura com a religião e uma preocupação de como seria viver

com todas as imposições daquele tempo nos dias atuais. É clara a valorização do processo de questionamento e posterior ruptura com o sistema de valores da comunidade e como esse rompimento foi importante para a comunidade se tornar o que é hoje. Existe uma grande valorização desse grupo em relação aos indivíduos do grupo 3 e um forte desejo de manter a atual maneira de viver da comunidade.

O grupo 3 nos mostra uma vivência com lembrança e mudanças. Esse demonstrou um processo de singularização. O processo de singularização para Guattari; Rolnik (1986) é algo que frustra os mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos e que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que cercam os indivíduos e os espreitam de todos os lados. A partir do que o grupo 3 vivenciou e resolveu mudar a lógica existente. Sobre a mudança podemos identificar que dentro do próprio coração dos indivíduos (GUATTARI; ROLNIK, 1986) ocorreu uma mudança na maneira de perceber o mundo e assim uma necessidade de mudança. O grupo rompe com a lógica imposta a partir de uma tomada de consciência que os leva a emancipação e ruptura com a religião formal.

Dessa forma identificamos que o grupo 3 realizou o processo de singularização a partir de uma emancipação da ordem preexistente e buscou, a partir de identificações com valores espirituais, rever seu modo de vida e se desvincular da religião institucional, preservando elementos espirituais, que consideravam relevantes para o convívio dentro da comunidade.

### **3.2.2 Vida comunitária**

A segunda pergunta realizada foi sobre como é a vida dentro da comunidade. Cada grupo falou livremente de como vê a vida e nessa questão notamos que as respostas se assemelham muito. Destacamos em *itálico* algumas unidades de sentido presentes nas falas dos entrevistados e nas conversas informais com a comunidade no período de realização das visitas.

#### **GRUPO 1**

*É bom demais.* – **Rodrigo – Grupo 1**

Maravilhoso. *É ser livre.* – **Carolina – Grupo 1**

Viver na Noiva do Cordeiro pra mim *é ser livre.* – **Juliana – Grupo 1**

Antes eu vivia muito aqui dentro e eu não tinha noção como era a vida de outras pessoas. Pra mim era natural. A vida de todas as pessoas era igual a minha. Depois

que chegaram outras pessoas na comunidade e que eu saí para conhecer outros lugares e pessoas é que eu tive essa noção. – **Juliana – Grupo 1**

Viver aqui, o significado de tudo, o mais grande de tudo é que você realmente é *amado*. Isso te dá uma *segurança*, Te dá uma vida, te dá uma coragem. Te tira seus medos, te tira todos os sentimentos ruins que as pessoas lá fora sente. Tira a insegurança e isso te dá uma certeza, uma vida. Para mim o mais importante aqui é o tanto que as pessoas me *amam*. O tanto que eu me *sinto amada*. Isso é um presente, um presente que em lugar nenhum eu vou ganhar. Aqui as pessoas preocupam com você antes de você. As pessoas fazem tudo por você. Acho que as pessoas não sabem como o tanto. – **Juliana – Grupo 1**

### **GRUPO 2**

Em qual sentido você quer saber? Eu vejo a vida assim que nós temos a *vida melhor desse mundo*. Gosto demais de viver assim. Quando eu converso com pessoas de fora eu fico *mais feliz* de viver aqui. Eles sentem um vazio, uma busca por sei lá o que. Nós não temos isso aqui. Você não se sente sozinho aqui. Não é pela presença, é pela *confiança*. *Confio* em qualquer um deles. Tô falando da parte sentimental. Acho que nós somos muito amoroso. – **Cecília – Grupo 2**

Aqui sua profissão não iria dar certo. – **Paula – Grupo 2**

A minha mãe (Sra. Delina), eu não conheço ninguém igual a ela. Por mais que sejamos amorosos ninguém consegue ser tão *amoroso* quanto ela. Ela nos surpreende a cada dia com as atitudes dela. Seja com um gatinho, com um idoso. Ela consegue ganhar a minha admiração a cada dia. Ela é uma inspiração de como nós podemos tirar a tristeza do outro com gestos simples. – **Cecília – Grupo 2**

Quando tenho que sair é que percebo o tanto que isso que temos aqui é valioso. Eu tenho que passar isso para o meu filho também. – **Cecília – Grupo 2**

### **GRUPO 3**

*Melhor é impossível*. Risos. – **Miguel – Grupo 3**

Para mim é como se fosse um *paraíso*. – **Jackeline – Grupo 3**

Aqui é igual aquela música: felicidade brilha no alto igual uma estrela para nós. – **Jackeline – Grupo 3**

Eu não consigo imaginar eu morando em outro lugar e nem vivendo outra vida – **Eva – Grupo 3**

Trabalhamos *juntos*. Tudo o que tem que fazer é *junto*. – **Luiza – Grupo 3**

Podemos identificar nas respostas dos três grupos uma grande alegria e satisfação da vida em comunidade. É percebido um sentido nessas falas, um sentido de unidade. Notamos que os indivíduos relatam a própria história com ênfases comuns como o cuidado, o amor, a liberdade e o estar ao lado uns dos outros. O primeiro grupo destaca o cuidado com o outro e o sentimento de zelo que cada indivíduo tem com seu semelhante. Ele mostra o quanto esse grupo se importa com o repasse das tradições e de como viver dessa forma se tornou uma marca da comunidade. O segundo grupo fala das relações interpessoais e do exemplo dos mais velhos. Nota-se na fala uma grande gratidão pelo primeiro passo da mudança. Da alegria

de ter caminhado por uma vida mais alegre e menos restrita, no sentido de privações e isolamentos. O terceiro grupo relata sobre o viver no paraíso. Sobre estar no melhor lugar do mundo e no nem se imaginar vivendo em outro local. Notamos também uma preocupação com o estar junto. Uma pessoa somente não conseguiria construir toda a história de uma comunidade como a Noiva do Cordeiro. É claro o destaque de alguns personagens marcantes dessa história e o imenso respeito pelo espírito de liberdade de Dona Senhorinha, gratidão pelos ensinamentos de união do pastor Anísio e o exemplo de amor e entrega de Delina.

Todos os grupos enfatizam a comparação com outros locais e como é única a experiência que se tem ao viver dentro da comunidade Noiva do Cordeiro. A fala de “melhor lugar do mundo” e “pedaço do céu” é bem presente na comunidade que se orgulha de sua história e maneira de viver.

Para Bello (2006) o ser humano se liga à cultura a partir da sua espiritualidade. Sua relação com o outro está ligada com o que ele experiencia e com o que ele transmite e recebe. Essa ligação com o outro é bem enfatizada nas falas dos indivíduos da comunidade Noiva do Cordeiro. “O ser humano é um ser cultural porque é um ser espiritual, ou seja, é um ser que sabe produzir, que se expressa no nível que chamamos de espiritual. Isso não significa que o nível espiritual seja separado da psique” (BELLO, 2000, p. 56). Dessa forma, a autora acredita que

[...] o mundo não é somente o conjunto das coisas físicas, mas é constituído por toda a bagagem de experiências vivenciais que cada ser humano possui e compartilha com o grupo ao qual pertence. Na verdade, representa a totalidade do mundo físico, intelectual e cultural no qual estamos mergulhados e reconhecemos mais ou menos de forma consciente como sendo o nosso mundo (BELLO, 1998, p. 38)

Toda e qualquer cultura jamais será neutra, ou seja, isenta de uma referência política e histórica. Podemos entender a cultura como sendo “um complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005 p. 54). Esse complexo engloba tanto sentimentos, vivências, política, subjetividade e sociedade. “A natureza e a cultura constituem os dois momentos essenciais para compreender uma comunidade” (BELLO, 2000b, p. 169). Na comunidade Noiva do Cordeiro, de acordo com as respostas dos indivíduos, podemos notar que essa integração referenciada por Bello (2000b) e Eagleton (2005), se dá muito pela própria história da comunidade, da exclusão social e do processo de ruptura que ocorreu a partir da tomada de consciência dos indivíduos.

### 3.2.3 Vida sem religião

A terceira pergunta busca investigar como é para cada indivíduo viver sem religião e qual o significado dela para cada um. As respostas para essa pergunta foram bem variadas em relação ao grupo e podemos identificar uma diferença de percepção bem considerável em cada um dos grupos.

#### **GRUPO 1**

Viver sem religião para mim é *viver. Viver livre, viver sem ter medo das pessoas.* – **Carla – Grupo 1**

É difícil de falar porque não tenho experiência com religião. Minha vida é sem religião. Eu sei que não é bom porque meus pais disseram que não é bom. Eu sou *livre para pensar como eu quiser, sou livre.* – **Juliana – Grupo 1**

O que sei de religião foi o que nossos pais viveram e foi muito ruim. A religião não foi boa para nossos pais e é isso que aprendemos. *Somos livres para pensar e acreditar no que queremos.* A religião é algo que, pela experiência dos nossos pais, poderia ser bom mas não foi. – **Juliana – Grupo 1**

As religiões restringem demais as pessoas o que a gente vive aqui não é assim. Aqui é *livre de tudo mesmo.* – **Rodrigo – Grupo 1**

A gente não tem uma experiência. Nós não podemos te falar da religião, mas podemos te dizer o tanto que é bom viver sem. – **Julia – Grupo 1**

Quem já praticou, vamos supor, as pessoas mais velhas que já praticaram sabem dizer. – **Rodrigo – Grupo 1**

Na verdade a gente é meio cru nessa parte. Eu não sei, não estou lá dentro e não tenho essa experiência. Tenho a experiência de uma vida sem religião que é a que eu vivo agora. – **Juliana – Grupo 1**

Se realmente valesse não tinha tanta coisa ruim lá fora. Eu fico pensando que se valesse não teria. A religião deveria então resolver os problemas do mundo. – **Luana – Grupo 1**

#### **GRUPO 2**

A religião dos outros? Eu vejo a religião assim. Eles pregam muito mas não é aquilo. Eles dizem de Deus mas eles não sentem assim. Eu tenho pena porque é uma coisa que eles estão vivendo mas não sentem. Não tenho nada contra, mas não gosto que prega para mim. Vou te ser sincera. Não tenho muita paciência. Quando estou em Belo Horizonte e eles é insistente ainda mais quando você fala que não tem. É difícil. – **Cecília – Grupo 2**

Não me interessa (risos). Ter isso para mim. – **Paula – Grupo 2**

É igual casamento. As vezes não tá dando mais certo mas já acostumou tanto com aquilo que fica, né? – **Cecília – Grupo 2**

#### **GRUPO 3**

Ótimo. – **Miguel – Grupo 3**

Eu vou te falar. *Eu comecei a viver depois que eu larguei a religião.* Não é viver mundo pra lá não. *É ser eu. Ser eu!* – **Jackeline – Grupo 3**

Você vive sem pressão, sem nada e com o amor verdadeiro. – **Eva – Grupo 3**

Pra mim significa mercado. – **Jackeline – Grupo 3**

Eu também acho que é poder e dinheiro. – **Marina – Grupo 3**

Eu acho que é vaidade e comércio. – **Miguel – Grupo 3**

Nas falas relativas a essa pergunta, notamos que o grupo 1 ao mesmo tempo que tem consciência de que não viveu as fases das religiões institucionais, tem uma certa aversão à religião. Os ensinamentos dos pais são bem presentes nas falas e o ser livre é a unidade de valor que mais podemos destacar nas respostas (itálico). Mesmo com a consciência de que não viveram a experiência de uma religião institucionalizada, os indivíduos do grupo 1 sentem-se seguros para se apoiar nos ensinamentos dos pais que relatam que a religião foi ruim para a comunidade na vivência institucional e afirmam não ter qualquer interesse em praticar uma religião.

O grupo 2 relata não ter qualquer interesse na religião institucional e destaca aspectos de uma pregação diferente da prática dentro da religião institucional. Nas respostas do grupo 2 notamos uma certa repulsa pela insistência de pessoas que quando sabem que eles não tem religião tentam “convertê-los”. Falam ainda da comodidade de algumas pessoas de continuar em uma religião mesmo quando não está dando certo (uma analogia com casamentos que se arrastam mesmo na falta de amor) e de que “isso” (a religião institucional) não é interessante para eles.

O grupo 3 já analisa dois momentos bem diferentes em relação a religião. Um momento de justificativa social, uma aceitação social e uma ruptura que valoriza o eu, o individual e aquilo que se escolhe. A comunidade é marcada por esse respeito à individualidade e o terceiro grupo relata bem como é realizada essa escolha. Esse grupo, realmente, passou por dois momentos conscientes e elaborou uma escolha. O segundo grupo chega a ter um contato com a institucionalização, porém, nota-se ser um contato ainda desprovido de análise (pelo fato de ainda serem muito crianças quando a institucionalização ainda ocorria na comunidade) e o primeiro grupo nem chegou a ter uma real análise e sim uma aceitação a partir de uma comunidade que funciona bem e é agradável ao existir deles.

De acordo com Giovanetti (2015), ocorreu na atualidade uma passagem da sociedade centrada nos valores advindos da religião para uma sociedade centrada em valores advindos do eu. A esse processo o autor denomina centramento do eu. Para o autor, é possível identificar uma exacerbação do egocentrismo no qual o indivíduo se supre nele mesmo, em seu interior e exclui o outro numa consequência imediata. Sem o outro, o ser humano se fecha

em uma lógica hedonista que tem por consequência um sentimento de vazio interior, desorientação e perda. No caso da comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar que não ocorre o fechamento para o outro e a comunidade se organiza a partir do respeito e solidariedade.

Pra Giovanetti (2005) a vivência e a experiência religiosa se diferem muito. A vivência é algo habitual, algo que acontece naturalmente, mas para se ter uma experiência, é necessário compreender, extrair da vivência um significado. É preciso refletir e aprender a partir da vivência religiosa, buscando uma apropriação do significado. O autor ressalta ainda que na sociedade atual, centrada no eu, a interiorização acaba por ficar muito distante e o que identificamos é muita vivência e pouca experiência religiosa. Na comunidade Noiva do Cordeiro, as pessoas não têm uma prática institucionalizada da religião, mas em cada momento de suas ações, experienciam com o outro uma experiência espiritual no sentido de, “você vive sem pressão, sem nada e com o amor verdadeiro”, como relatado na fala de uma participante.

### **3.2.4 Valores da comunidade**

A comunidade Noiva do Cordeiro possui uma série de valores que a caracterizam. Esses valores podem ser entendidos como o que se faz presente na vida comunitária e o que se repassa para que a vida se mantenha harmônica dentro dela. A quarta e a quinta pergunta visaram identificar esses valores e como se dá o repasse deles dentro da comunidade.

#### **3.2.4.1 Os valores existentes**

Na quarta questão, perguntamos quais são os valores existentes da comunidade Noiva do Cordeiro que ajudam as pessoas a viverem em comunidade e quais são os valores que possibilitam essa vida em comunidade. Cada sujeito pôde falar o que pensa a respeito de valores no sentido de importância para a vida em comunidade.

#### **GRUPO 1**

*Amor, carinho, confiança, união.* – **Rodrigo – Grupo 1**

Assim a gente *confia plenamente*. Se você tiver que fazer uma coisa e o outro for fazer para você a gente *confia plenamente* que ele vai fazer do mesmo jeito que você faz. É uma *confiança* que não tem preço. É tudo de bom. – **Juliana – Grupo 1**



Um bem comum. *Caminhar junto.* – **Rodrigo – Grupo 1**

Crescer. A gente quer uma vida melhor, confortável. Mas todos lutam para isso. Eu não quero o *melhor* só para mim. Tem que ser *para todo mundo*. O pão tem que *dividir*. Um bolo gostoso não é só para mim. O *compartilhar*. – **Juliana – Grupo 1**

## **GRUPO 2**

Acho que o primeiro é o *amor*. Quando você usa ele para todas as coisas você se dá bem. *Confiança e consideração.* – **Cecília – Grupo 2**

*Solidariedade.* – **Carmen – Grupo 2**

*Respeito*– **Diana – Grupo 2**

Acho que o principal para você viver bem é *não ter egoísmo*. – **Josi – Grupo 2**

Se tem egoísmo não tem lugar para mais nada. – **Paula – Grupo 2**

E antes mesmo de eu me preocupar comigo tem um tanto de gente que se preocupa comigo. Faz a gente se sentir muito especial. É muito gostoso ser e *sentir amado* o tempo todo. A coisa que a gente mais sente é que tem um tanto de gente que me cuida, que me *ama*. – **Gisele – Grupo 2**

E não preciso me fazer. Eu sou quem eu sou. Posso ser *livre para ser quem eu sou*. O exemplo dessas pessoas. Principalmente para a Dona Delina. Ela me socorreu no momento mais difícil da minha vida. Minha mãe separou do meu pai e nós fomos morar em Belo Horizonte. Passando fome em uma favela, meus irmão em risco de vida. Bandido em favela colocando arma na mão deles. Ele trouxe todos nós para cá. Ela marcou a minha alma tão profundamente que eu nem consigo explicar. E nesses 20 anos que moro aqui ela nunca me ensinou com palavras. Ela faz. Ela deu o maior amor e carinho. Eu nunca vou esquecer isso. A alegria dela tocou meu coração. A comunidade é feita de *ação*. – **Josi – Grupo 2**

Não existe uma pregação, uma regra. – **Paula – Grupo 2**

## **GRUPO 3**

*Felicidade, união. Confiança.* – **Jackeline – Grupo 3**

*Respeito* ao próximo – **Eva – Grupo 3**

Eu acho que o número 1. O valor maior é a *confiança* no ser humano. É você viver ao lado das pessoas que você pode *confiar* de olho fechado. Não tem nada no mundo que pague. – **Marina – Grupo 3**

Eu vejo lá fora a gente tem que pisar em ovo. Tem que conversar com as pessoas pensando meu Deus que que ele tá entendendo. Será que ele tá querendo me ajudar e devido ao fato de eu ter muitas frustrações, custei para aprender sobre as pessoas. Soube valorizar isso depois das terríveis experiências que eu tive com as pessoas que não eram da Noiva do Cordeiro. A nível de estado, de Brasil. Eu frequentei muito Brasília, Belo Horizonte e outras cidades de Minas. – **Marina – Grupo 3**

Aqui a *gente é real*, o que *a gente pensa a gente fala*, o que *a gente quer a gente pede*. Não precisa mudar. E lá (fora) você tem que viver um personagem. Isso é muito torturante. Para mim é. Não sei para as outras pessoas, mas para mim é torturante você ter que ser um personagem o tempo todo. – **Marina – Grupo 3**

Podemos identificar que nessa pergunta os grupos se assemelham bastante. Todos ressaltam valores como amor, união, confiança, solidariedade e até mesmo uma desconfiança em relação ao tipo de vida fora da comunidade. Essas são unidades de sentido em nossa pesquisa. Identificamos no discurso da comunidade uma unicidade nos termos confiança, lutar por todos, liberdade e viver junto. O ser quem se é, sem viver um personagem. O ser real, pedir o que quiser, falar o que realmente pensa e não ter que viver um personagem é uma característica bem forte e destacada na comunidade. Palavras como respeito e o caminhar junto são bem exploradas nessa pergunta e a comunidade mantém um discurso bem afinado nesse sentido.

Outro aspecto interessante no entendimento dessa questão é a semelhança das respostas com as questões 2, 3 e 4. A comunidade no geral resalta os aspectos positivos da vida em comunidade e as mesmas unidades de sentido como amor, confiança e ser livre estão presentes tanto no relato da vida em comunidade quanto na ausência de religião. Podemos pensar, de acordo com Guattari; Rolnik (1986), que dentro da comunidade Noiva do Cordeiro também é recebida a subjetividade produzida pelos agenciamentos de enunciação. Toda a produção de sentido não está centrada no indivíduo e nem em agentes grupais, mas em todo um sistema capitalista, econômico e social, que afeta a maneira de perceber e valorizar. Essa subjetividade capitalística é conscientizada a partir dos processos de singularização nos quais os indivíduos refletem a partir do que consideram relevante para si mesmos.

Assim, podemos identificar que a própria elaboração do que se considera como “melhor lugar do mundo”, “bom demais” “caminhar junto” está inserido dentro de um contexto subjetivo que perpassa os indivíduos a partir do próprio sentimento de estar integrado à comunidade. Independentemente de quais forem os valores destacados assim como o que não é interessante para a comunidade, nota-se que no próprio sentimento de pertence ao grupo já existem valores característicos que são a própria subjetividade da comunidade, que são diferentes de uma lógica capitalista encontrada fora dela.

No caso da comunidade Noiva do Cordeiro, notamos que, pelo menos para as pessoas ouvidas na entrevista e nas visitas, esses valores são muito presentes e se manifestam com frequência no discurso de todos os indivíduos pertencentes.

### **3.2.4.2 O aprendizado dos valores**

Na quinta pergunta visamos identificar como os indivíduos aprendem os valores que eles mesmos citaram na pergunta anterior. Essa questão buscou identificar o processo de

transmissão de valores espirituais. Esse processo de transmissão é o objetivo principal desse trabalho e é necessário compreender bem o discurso dos grupos. Nessa pergunta, os grupos também apresentaram um discurso bem próximo.

### **GRUPO 1**

Acho que são nossos *pais que passaram* para a gente essa sementinha. Igual a gente tá passando para a nova geração que está vindo, que são as criancinhas. *A gente procura tá plantando nelas essa sementinha do bem que nossos pais passaram.* Passando essa sementinha que nossos pais plantou. – **Luana – Grupo 1**

Com *ações*. – **Luana – Grupo 1**

Com *ações*, sem palavras, com *exemplo* mesmo. – **Carolina – Grupo 1**

Acho que é assim, né? Eu particularmente eu acho que é de te preencher mesmo tudo o que te dá um resultado interior. Acho que nosso país que viveram assim e nos passaram através de *exemplo*. *Minha mãe que é o meu maior exemplo*. Acho que é isso. O resultado interior. As pessoas buscam a felicidade e eu sou feliz. A felicidade me procura. Ela sempre está comigo. Está comigo no meu interior, No meu dia-a-dia. Não tem exemplo melhor que isso. Aquilo que te faz melhorar no dia o que te faz no seu interior. Que te faz bem, que te faz feliz. – **Juliana – Grupo 1**

Quando você *faz* algo que te faz bem não há aprendizado melhor. Ela falou tudo. – **Luana – Grupo 1**

### **GRUPO 2**

Com *ação*. Tudo que eu aprendi foi com *ações*. Não tem um dia que eu não pense em tentar ser melhor. Tudo o que me fizeram. Uma coisa que aprendi é que faz bem para a gente mesmo estender a mão. Então a gente aqui, a confiança que eu tenho, a minha família que são todos, é tão grande que não consigo explicar. É uma confiança tão grande que foi construída. É no dia a dia. É prática, não é teórica. Cada gesto que comove tanto. Nosso alicerce é muito bem feito, é muito bonito. – **Josi – Grupo 2**

Como você explica um gesto desse? Como você explica o dia-a-dia. Um olhar. Como se explica isso? Não tem como. Vai dar tudo certo e você sabe que é verdadeiro e sabe. – **Josi – Grupo 2**

As crianças. Você não explica. *Elas vão vivendo isso*. Você vê até nas brincadeiras. – **Paula – Grupo 2**

É *ser* não é falar. – **Cecília – Grupo 2**

O alicercinho das crianças está lá. Nós não temos essa questão de sentar e dar uma lição para as crianças. *A lição está ali*. – **Josi – Grupo 2**

### **GRUPO 3**

A gente vai aprendendo e continua. A parte de Belo Horizonte aprendi vivendo assim. O que me fez crescer foi muito bom na política. Se eu não tivesse saído igual muitos nunca saíram. Mas eu vi, com esses olhos. O único lugar que a gente pode ser real é em Noiva do Cordeiro. Você não precisa pensar em falar bonito, você não precisa preocupar com o que o outro vai pensar de você. Você é *real*. Se está bem vestido ou não. – **Marina – Grupo 3**

O mundo lá fora me ajudou a valorizar mais o mundo aqui dentro. – **Marina – Grupo 3**

O Senhor Anísio ensinou muito. – **Jackeline – Grupo 3**

*O que a gente vive hoje é o que ele ensinava, mas na verdade a gente vive na prática e ele ensinava na teoria. Desculpa falar mas era só gogó. Era só na teoria. A gente vive na prática.* – **Marina – Grupo 3**

Tudo que a gente vive hoje é que ele ensinou. – **Eva – Grupo 3**

*Ele plantou a semente lá mas ela prosperou depois que acabou a igreja.* – **Miguel – Grupo 3**

Os três grupos falam muito sobre o exemplo e sobre seguir aquilo que é visto diariamente dentro da comunidade. Não existe um manual de aprendizado para viver dentro de especificações dentro da comunidade, mas sim um aprendizado constante a partir do exemplo dos mais velhos. No grupo 3 principalmente uma importante figura é citada e reverenciada: o Senhor Anísio. Fundador da igreja Noiva do Cordeiro é uma figura considerada muito sábia por todos. Apesar de não ter rompido com as amarras institucionais, seus ensinamentos estão presentes e são de grande relevância e valia para a comunidade.

Na “pedagogia dos valores”, para Sampaio (2005), podemos identificar que é necessário um valor da justiça para um equilíbrio nas relações humanas. De acordo a autora existem três planos na aprendizagem dos valores: da intenção, com foco em valores superiores; da co-criação, de um mundo humano que cresce até Deus e da ascensão, a um estado de consciência superior. Dessa forma deve-se eliminar sentimentos negativos como o medo, a culpa e sofrimento e inculcar sentimentos positivos como a inocência, a coragem e a alegria de viver. Um fato bem relevante que podemos observar é como que a ligação com o outro é preservada na comunidade. Na sociedade atual, essa relação está tão desgastada a partir do que Giovanetti (2015) chama de centralização do eu, uma sociedade psi caracterizada pela valorização fundamentada no indivíduo que em sua vivência de solidariedade com o outro só tem sentido a partir de sua própria disponibilidade.

Podemos identificar a palavra “ações” o tempo inteiro em quase todas as respostas dos três grupos. Essa é uma outra unidade de sentido no relato dos participantes dos três grupos. Deus é valorizado e muito citado nas conversas com a comunidade. A espiritualidade e fé religiosa ainda é muito presente na vida das pessoas. Nesse sentido, apesar de não ser intencional, vemos na comunidade uma pedagogia de valores acontecendo na transmissão dos valores espirituais dentro da comunidade. As ações fortemente desenvolvidas pelas pessoas como na fala de Josi “Como você explica um gesto desse? Como você explica o dia-a-dia. Um olhar. Como se explica isso? Não tem como. Vai dar tudo certo e você sabe que é

verdadeiro e sabe”. Chamam a nossa atenção para o quanto essa pedagogia é presente dentro da comunidade de forma natural e corriqueira.

Os ensinamentos do pastor Anísio são bem identificados no grupo 3 e foram muito relevantes pois marcaram as pessoas. Apesar de identificarmos ao longo da história da comunidade um radicalismo exacerbado nos dogmas institucionais de sua igreja, podemos notar que os ensinamentos de união do pastor ainda são valorizados e presentes para as pessoas até hoje. Uma das entrevistadas chega a dizer que hoje vivem na prática seus ensinamentos.

Existe uma marca muito forte tanto nos ensinamentos do pastor Anísio quanto nos exemplos e postura da Senhora Delina. A matriarca viva serve como modelo e fonte de inspiração da comunidade e o fundador da comunidade ainda representa um norte nos valores almejados.

Não se pode ignorar todo o passado, a exclusão espiritual, social, e a própria miséria como fontes de dificuldade e superação da comunidade, mas a base de ensinamentos e como eles mesmos dizem, o exemplo, são decisivos para a transmissão dos valores. Podemos identificar que a matriarca como modelo é uma referência muito forte na vida das pessoas, bem como seus ensinamentos.

O fato do grupo ter a consciência e valorização da importância dos ensinamentos do pastor Anísio (apesar do tamanho do sofrimento que a instituição idealizada por ele mesmo gerou), é muito interessante e curiosa. É mais interessante ainda é novamente a consciência de que esses mesmos valores podem ser aplicados na simplicidade da vida sem as amarras institucionais e são vistas e sentidas juntamente com a convivência com a matriarca Delina que aprendeu e apreendeu esses valores transformando-os na marca da convivência da comunidade Noiva do Cordeiro. Podemos identificar a senhora Delina como repasse primário para os novos multiplicadores dos valores espirituais dentro da comunidade.

### **3.2.4.3 O repasse dos valores**

Na sexta questão, visamos identificar se cada indivíduo repassa os valores espirituais e como ele repassa esses valores. Notamos uma diferença bem interessante nas respostas dos grupos.

Para a fenomenologia, “A consciência é sempre consciência de alguma coisa e o objeto é sempre para uma consciência. Sem essa relação consciência-objeto não haveria nem

consciência nem objeto” (SILVA, 2015, p. 48). Dessa forma, existe uma intencionalidade na consciência e essa intencionalidade procuramos compreender no repasse dos valores espirituais dentro da comunidade.

#### **GRUPO 1**

A gente tem a Sexta da Viola. – **Juliana – Grupo 1**

A gente tem a Sexta da Viola é um dos principais, né? – **Rodrigo – Grupo 1**

É um momento de passar isso para as crianças. – **Luana – Grupo 1**

Tem show, tem teatro, sempre tem uma homenagem para alguém. As crianças vão participando. – **Rodrigo – Grupo 1**

As criancinhas pequeninhas já participam, assistem. – **Rodrigo – Grupo 1**

A gente já faz tudo com uma intenção. Nada é feito por fazer. Tudo é intencional. A gente observa muito, se alguém está triste e eu percebo. Se não a Clarisse percebe, ou qualquer outra pessoa e a gente faz algo para cuidar. Já buscamos fazer alguma coisa pela pessoa. É um cuidado do outro o tempo todo. Nunca acaba. – **Juliana – Grupo 1**

Cuidado de maneira positiva, mas sem intrometer na vida da pessoa. A pessoa deve se sentir acolhida, amada. – **Clarisse – Grupo 1**

Todo mundo aqui é muito parecido, tem o mesmo objetivo: o objetivo é viver bem e respeitar. O objetivo é amar, respeitar e fazer dessa vida o melhor para o outro e para si. – **Carla – Grupo 1**

#### **GRUPO 2**

Acho que é o ser. Se você é, você já está contribuindo. – **Paula – Grupo 2**

Porque se você falar com meu filho. Não faz isso. Mas se ele me vê fazendo você acha que vai adiantar? Agora se eu tô fazendo uma coisa boa, ele tá aprendendo com aquilo que eu tô fazendo. Então se ele vê a minha mãe amando as pessoas e respeitando. Tendo carinho com os mais velhos. – **Cecília – Grupo 2**

Ser vale mais do que falar. – **Gisele – Grupo 2**

Nós não temos a igreja igual os outros para dizer o que é certo. Nós vai vivendo com nossa mãe. – **Cecília – Grupo 2**

A gente escreve um teatro sobre um tema que precisa falar a pessoa vê. Olha estou me encaixando naquilo. Entendeu? – **Paula – Grupo 2**

As artes aqui são importantes. – **Cecília – Grupo 2**

Aí é uma forma de quem quiser. Não existe um dedo apontado. Se você se despertar para aquilo ótimo, mas se não é porque não está no seu momento. Tudo bem. Despertar o raciocínio próprio. – **Josi – Grupo 2**

Acho que é triste a pessoa muito obcecada que não tem raciocínio próprio. O mais importante no ser humano é ter raciocínio próprio. Se você não tem vai ser manipulado. – **Paula – Grupo 2**

Troca informal. Todo mundo é bem falante no dia a dia. – **Cecília – Grupo 2**

**GRUPO 3**

Exemplo. – **Eva – Grupo 3**

Desde que você dê o exemplo. – **Jackeline – Grupo 3**

Se você vive aqui e do seu lado você vê que aquilo ali está dando certo automaticamente você faz. – **Marina – Grupo 3**

Mas além disso que ela falou a gente criou uma coisa tipo um evento que é a Sexta da Viola para cada um que quiser se desculpar, homenagear o outro, estar junto. – **Renata – Grupo 3**

Notamos que os três grupos falam sobre o exemplo, porém a ênfase dada ao evento sexta de viola é muito maior para o grupo 1 (dos jovens). A arte é muito valorizada na comunidade como um todo, porém notamos que esse momento de interação social foi muito ressaltado pelo grupo 1. O grupo 3 também fala do evento, porém a ênfase maior é dada ao respeito e à convivência. O grupo 2 fala sobre a importância da arte na comunidade, chega até a falar sobre o teatro (que ocorre normalmente no evento sexta da viola). Nota-se que a geração mais jovem da comunidade tem caminhado mais para as experiências artísticas e uma forte valorização de eventos comunitários que visam integração e relacionamento. Os outros dois grupos também valorizam, mas relataram mais sobre a convivência diária. Essa análise em particular mostra o cuidado dos mais jovens com as criancinhas e a vontade de ser multiplicador e bom exemplo. De acordo com o grupo 2, não existe um julgamento dentro da comunidade e cada um deve se responsabilizar por si mesmo e pela manutenção da vida na comunidade.

A consciência e a intencionalidade estão bem presentes na fala dos grupos. Tudo é feito com uma intenção. Isso foi dito veementemente no grupo 1 e pode ser identificado também como os exemplos dos grupos 2 e 3. A consciência pertence incondicionalmente ao ser humano. Na sua origem, a consciência está imersa no inconsciente e precisa ser considerada irracional e pré-lógica. Trata-se de uma compreensão pré-moral de valores. Ela é irracional porque em sua realidade de execução imediata nunca é completamente racionalizável. Torna-se acessível apenas posteriormente a uma “racionalização secundária” (BELLO, 2000b).

De acordo com a Teoria das Necessidades criada por Maslow em 1935, existem 5 (cinco) níveis de necessidades: as necessidades fisiológicas (ar, água, comida, sexo, etc.), as necessidades de segurança e estabilidade, as necessidades de amor e pertencimento, as necessidades de estima e a necessidade de auto realização. Maslow considera as quatro primeiras necessidades como necessidades básicas e a última como uma necessidade

diferenciada, voltada para a auto realização do indivíduo. Algo pessoal e de imensa importância para a saúde do Ser. Notamos que essa auto realização está ligada à consciência.

Para Maslow (1968), a motivação é uma força interior que irá seguir se modificando a cada momento durante toda a vida e direcionará e intensificará os objetivos de um indivíduo. Assim a motivação para Maslow está dentro de cada pessoa de forma particular. Ela pode ser definida como o processo psicológico que leva uma pessoa a fazer esforços para obter um certo resultado. A motivação é gerada por fatores intrínsecos e por fatores extrínsecos. Os fatores intrínsecos são internos à pessoa Os fatores extrínsecos estão ligados a compensações externas.

Segundo Maslow (1968), existem vários códigos no âmbito da motivação. Se quisermos motivar as pessoas que temos ao nosso redor devemos buscar que necessidades têm satisfeitas e tentar facilitar a consecução do degrau superior imediatamente. Dessa forma, a hierarquia de necessidades, de acordo com Maslow, tem um papel fundamental na constituição do indivíduo e o mesmo dependerá dessas realizações para que possa se desenvolver em sua plenitude. A motivação é colocada como um processo fundamental para o desenvolvimento humano.

De acordo com Sampaio (2009) diferentemente do que se pensa, os estudos de Maslow sobre motivação humana tinham em vista o desenvolvimento de uma teoria que pudesse servir de base para a compreensão do ser humano inserido na sociedade, e não reduzida ao aspecto da vida laboral. Sua teoria se desenvolveu para a análise do ser humano inserido na comunidade, nas relações sociais.

De acordo com Sampaio (2009, p. 7) Maslow apoia-se, portanto, em uma visão do ser humano

racional, mas às voltas com seus impulsos e desejos; dotado de corporalidade, não circunscrito, todavia, a ela; possuidor de uma vida interior, que não pode ser reduzida à mera manifestação da cultura ou da sociedade e que não se acha descolada delas; em interação interpessoal, mas também com elementos coletivos, é um “todo integrado e organizado” e capaz de escolhas e de criação de significado para a realidade. (SAMPAIO, 2009, p. 7)

Seu conceito de motivação passa pela consciência, de maneira que pode ser considerada interna, porém articulada com o outro, mediada pelas relações sociais e comunitárias. O indivíduo para se auto realizar desenvolve suas potencialidades em um contínuo desejo de melhora. O homem é um ser de necessidades. Ele irá procurar fora de si aquilo que precisa para manter e desenvolver seu organismo. A motivação é primeiramente



um estado de falta, que irá desencadear um processo de busca direcionado para os objetos afim de colocar um fim no estado de carência. Uma necessidade se manifesta na tendência de procurar objetos capazes de satisfazê-la.

O conceito de necessidade desenvolvido por Maslow possivelmente levou alguns autores a afirmarem que a motivação é interna, ou seja, pertence ao mundo íntimo da pessoa; entretanto, há que considerar-se que ela se acha articulada ao mundo exterior (onde se encontram os objetos de satisfação dos desejos) e mediada pela consciência (de si e do outro) e pelas relações sociais, ou seja, não é possível falar-se em gratificação sem considerar a inserção e o relacionamento humano no mundo social. Esse tipo de leitura não considera que o conceito de necessidade básica esteja atrelado a uma finalidade, ainda que a escolha do objeto possa sofrer interferências da pessoa (necessidade básica→vontade consciente→escolha). (SAMPAIO, 2009, p. 14)

Uma frase muito importante no grupo 2 mostra que a própria matriarca da comunidade se tornou uma fonte de inspiração e ensinamentos: “Nos vai vivendo como nossa mãe”. Não existe uma igreja para dizer o que é certo como em outros locais, mas existe uma matriarca que é exemplo e modelo para a comunidade. Existe um sentido muito forte na comunidade representado pela Senhora Delina. A partir desse modelo toma-se consciência do que se almeja ser e de qual é a responsabilidade de cada um para tornar-se.

A fenomenologia se debate diretamente com ou contra a metafísica questionando a unicidade, a estabilidade e o acesso à verdade. Na interpretação fenomenológica, um ponto de vista é apenas um ponto de vista e uma perspectiva é apenas uma possível entre outras. No pensamento metafísico existe a aceitação de uma verdade una e imutável, porém a fenomenologia reconhece a relatividade das perspectivas que ocasiona na relativização também da verdade.

O evento “Sexta da Viola” curiosamente ocorre nos sábados e geralmente é um momento de descontração, apresentações artísticas e alegria para os membros da comunidade. As pessoas tem a oportunidade de se desculpar com os outros e homenagear aqueles que se destacaram. Durante o período das entrevistas, havia cerca de dois meses que não ocorria a “Sexta da Viola” devido ao falecimento de membros queridos da comunidade. Porém esse evento já seria retomado na semana seguinte do nosso último encontro. Pelo que podemos notar é um evento que mobiliza muito a comunidade e é de grande importância na transmissão dos valores e no fortalecimento dos laços das pessoas em momentos de lazer.

### 3.2.4.4 O entendimento de valores

Na sétima pergunta, procuramos entender o que cada pessoa entende por valores espirituais.

#### GRUPO 1

O valor pra mim é de ser um *ser humano bom*. – **Juliana – Grupo 1**

Ser tudo de coração. Não ser uma coisa feita por fazer. O coração tem que sentir vontade. *A atitude tem que ser boa para ser feita*. O coração tem que sentir vontade de *fazer o bem* para outra pessoa. – **Carla – Grupo 1**

A gente acredita muito em Deus. Pra mim o valor é ser um *ser humano bom*. – **Juliana – Grupo 1**

*O bem* é um valor espiritual. – **Juliana – Grupo 1**

Pelo menos para a nossa comunidade. – **Rodrigo – Grupo 1**

Está na essência do nosso coração. Uma vontade de *fazer o bem* na essência. – **Carla – Grupo 1**

#### GRUPO 2

Ah eu acho assim, eu acredito em Deus. Pra mim eu demonstrar para ele o meu valor e demonstrar o valor que sinto por ele e *ser uma pessoa amorosa*. Eu acho que é o que eu sou. É tudo de bom que você está fazendo. – **Cecília – Grupo 2**

Ser uma pessoa do *bem*. – **Josi – Grupo 2**

Seu próprio estilo, seu próprio raciocínio. – **Paula – Grupo 2**

Fazer o *bem* sem esperar nada em troca. – **Rodolfo – Grupo 2**

É muito difícil por uma palavra nas coisas que você acredita. Acho que não existe uma palavra. *Tudo o que é bom* – **Paula – Grupo 2**

Eu tinha um amigo, que até faleceu que não acreditava em Deus. E ele era uma pessoa que tinha esses mesmos valores. E ele era *uma pessoa do bem mesmo*. Ele era o cara. – **Cecília – Grupo 2**

Nessa pergunta, notamos que os valores espirituais para os indivíduos da comunidade estão voltados para ações que representam o bem. Esses valores estão desvinculados de uma religião institucionalizada e notamos ainda que são valores absorvidos por cada um a partir de uma experiência comunitária. De acordo com Belo (2000, p. 93) “para os fenomenólogos o mundo interior é muito importante: o nosso mundo, que está dentro de nós, não coincide com as coisas que nós vemos nesse momento”. Isso quer dizer que: não é somente o que se vê, isso é muito pouco. O que Bello (2000) chama a nossa atenção é para o que se vivencia. Para o que recordamos, refletimos, sonhamos, etc. Essa vivência do mundo está além dos sentidos e

perpassa pela via dos sentimentos e significações. Essa vivência, com a devida reflexão, se torna uma experiência e na Comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar esse “dentro de nós” bem forte nas falas sobre as ações, sobre o que se aprendeu com os pais e o que se faz dentro da comunidade.

O “bem” é novamente enfatizado nas falas e as pessoas demonstram que na comunidade essa é uma marca na qual os membros têm muito apreço. Ser é algo que está bem presente também. Antes de qualquer coisa, essa autenticidade também é exaltada. Ser o que se é e de coração. Essas atitudes voltadas para o bem e a crença em Deus são valores espirituais importantes descritos pela comunidade. Nota-se novamente uma unicidade nos discursos.

A experiência humana é marcada pela fluidez e, essa condição de mutabilidade, é também condição de existência inerente ao ser humano. Esse fato revela certa insegurança aos seres, mas dota-nos de liberdade, liberdade como condição humana e faz do homem também responsável. O ser humano que conhece o que gera a angústia, a sua insegurança, o âmbito da existência é dotado de liberdade. A fenomenologia é uma “escola filosófica” com um pensamento provocado pelo descompasso da civilização, o sentido do ser no mundo, o interagir. Saber que o saber é relativo, provisório e marcado, tal como a existência, pela temporalidade.

As unidades de sentido destacadas ao longo do trabalho demonstram que os indivíduos mantem um discurso afinado dentro da comunidade e que a mesma possui uma lógica própria, diferente da imposta pela lógica capitalística e está se mantendo ao longo de suas gerações dessa forma.

A presença ou não da postura crítica nas culturas permite entender a relação com a tradição tanto por parte do indivíduo como também do grupo que pertence. É por esta razão que o tema da tradição foi tão querido aos filósofos ocidentais, inclusive ao próprio Husserl. (BELLO, 1998 p. 149)

A transmissão e formação de conceitos perpassam pela socialização do indivíduo, porém, não podemos entender somente como sua inserção em determinada cultura, mas a soma de sua percepção, suas vivências, a cultura e a temporalidade na qual ele está inserido. Para Giovanetti (2005, p. 142), “o que faz com que o homem seja um ser vivo diferenciado entre todos os outros seres vivos é a sua dimensão espiritual”. Essa dimensão espiritual está diretamente ligada à cultura e a construção de sentido que as pessoas fazem a partir da vivência de sua espiritualidade. Dessa forma, só nos damos realmente conta do sentido das coisas a partir de que experienciamos delas mesmas. Depois disso, é possível então refletir. Essa reflexão é uma vivência, pois corresponde a capacidade do ser humano de dar-se conta

do que está fazendo. A construção dos valores está ligada diretamente a tomada de consciência em relação a si e a comunidade em que se vive. Para isso, as dimensões físicas, psíquicas e religiosas do ser humano são acessadas e os valores são assumidos pelos indivíduos.

## **4 A SUBJETIVIDADE DENTRO DA COMUNIDADE NOIVA DO CORDEIRO E A TRANSMISSÃO DOS VALORES ESPIRITUAIS**

O objetivo desse capítulo é aprofundar o estudo da vida religiosa da comunidade e o processo de ruptura com a religião. Para isso vamos retomar a discussão sobre a subjetividade do primeiro capítulo, analisando agora além da subjetividade capitalística, os processos de singularização relacionando com as análises das entrevistas do segundo capítulo. De acordo com Guattari, Rolnik (1986) as mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano. Essas mutações que ocorrem se dão a partir dos processos de singularização que irão associar e aglomerar diferentes dimensões, podendo ocorrer processos de responsabilização e individualização.

Optamos por discutir um pouco sobre a importância da senhora Delina Fernandes dentro da comunidade. A matriarca exerce uma forte influência nos indivíduos da comunidade a partir de suas ações, gestos e congruência. A partir dela a comunidade, de acordo com Roese; Schultz (2000, p. 158) passou a assumir “sobre si a responsabilidade de criar novos modelos de vida, ensaiar novos sistemas de poder na família, no casamento, na espiritualidade. Criar um novo modelo de poder, agora partilhado, horizontal”. Delina é considerada por todos e chamada de “nossa matriarca”. As falas da comunidade foram unânimes sobre o respeito e a admiração que todos têm por sua postura de amor e respeito. Por sua acolhida e por sua força.

Será realizada uma análise da comunidade a partir da vivência dos valores e de como as respostas obtidas nas entrevistas demonstram uma harmonia e interesses comuns entre os membros. A comunidade Noiva do Cordeiro pode ser caracterizada a partir dos valores que ela constrói e repassa para suas gerações através de ações e exemplos.

### **4.1 A tomada de consciência e a nova construção de identificação**

Na comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar uma clara ruptura com a religião institucionalizada em 1991. Ao longo da existência da comunidade, podemos identificar um período de exclusão social a partir da excomunhão, um período de exclusão social marcado pela rigidez imposta pela doutrina seguida e o atual período.

Como já foi relatado, de acordo com Anete; Schultz (2010), a história da comunidade se inicia por volta de 1890 quando Maria Senhorinha se casa por imposição com Artur Pierre

e, infeliz no casamento foge com Chico Fernandes. Ocorre então a excomunhão pela igreja católica seguida do preconceito e da discriminação por toda a redondeza.

Com a excomunhão, viria também a maldição que seguiria toda a família por quatro gerações. Em 1940, a filha Delina conhece o pastor Anísio e eles se casam. Ela com 16 anos e o pastor com 43 anos. Surge então a igreja Noiva do Cordeiro fundada por Anísio com toda a sua imposição de regras severas. Vale ressaltar que o próprio fato de ser uma igreja evangélica já aumentava o preconceito em relação à maioria católica da região de Belo Vale e a discriminação, as fofocas e boatos aumentaram substancialmente. (NOIVAS DO CORDEIRO, 2008).

A partir do isolamento, da falta de comida, de todo o sofrimento gerado a comunidade chegou a um grau de pobreza extrema e a liderança do pastor Anísio se torna enfraquecida. Na década de 1990, de acordo com Anete; Schulz (2010), a comunidade decide abandonar a igreja. Mas como se dá esse abandono?

A partir das entrevistas realizadas com a comunidade, notamos que foi um processo e não uma ruptura brusca com a igreja evangélica. Houve uma conscientização dos indivíduos da comunidade. No documentário Noivas do Cordeiro (2008), notamos na fala das pessoas o questionamento de como somente aquela pequena comunidade iria para o céu? Será preciso tanto sofrimento e tanta miséria para agradarmos a Deus? E então esses questionamentos foram cada vez mais frequentes e a necessidade de sair de todo aquele estado de miséria e escassez se fazia mais forte.

Essa tomada de consciência crítica de acordo com Bello (1998, p. 150)

é um fato positivo, contanto que em seguida, se encontrem critérios de orientação válidos que certamente uma interpretação da realidade respeitosa da própria realidade pode propiciar. Isso implica uma atitude equilibrada e construtiva por parte do ser humano na sua dimensão individual e na coletiva. (BELLO, 1998, p. 150)

A partir da tomada de consciência e das reflexões acerca de suas vivências religiosas a comunidade Noiva do Cordeiro, de acordo com Roesse; Schultz, (2000, p. 157)

preludia o fim de um tempo de uma determinada configuração religiosa que privilegiou discursos e práticas que alinham a tudo e a todos ao status quo, sem brechas para a autonomia e a responsabilidade. O que sobrevive no cristianismo contemporâneo do senso de vida em comum, da agudeza das necessidades coletivas, do cuidado mútuo dentro das famílias, da educação de crianças, homens e mulheres baseada em valores como autonomia, solidariedade e responsabilidade? No limite dessa questão, o rompimento com a religião em Noiva do cordeiro pode ser visto como consequência inevitável do modelo de igreja ou religião em curso. O modelo religioso dominante apresentado pelo cristianismo patriarcal levou a desintegração e ao desenraizamento, à fragmentação do ser-humano, das relações e dos valores.

Afastou o ser humano das necessidades próprias e essenciais – do si mesmo e da noção de cooperação com outro. (ROESE; SCHULTZ, 2000, p. 157)

De acordo com Guattari; Rolnik (1986), a cultura de massa produz indivíduos normatizados e articulados uns aos outros que obedecem uma lógica dominante com sistemas de submissão (não visíveis e explícitos). Para os autores, esse sistema de submissão não é internalizado no indivíduo e sim produzido. Os autores acreditam em uma produção de subjetividade, chamada subjetividade capitalística, uma subjetividade não somente dos indivíduos, mas social e inconsciente que se opõe a ideia de desenvolvimento de modos de subjetivação singulares. Esses últimos seriam os processos de singularização<sup>5</sup>.

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. Há assim algumas palavras-cilada (como a palavra cultura), noções-anteparo que nos impedem de pensar a realidade dos processos em questão. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 17)

A subjetividade não nasce com o indivíduo ou se transmite geneticamente. Ela é construída e reconstruída ao longo das relações, vivências, afinidades e questionamentos. Existe a tendência inata para a busca do conhecimento, porém nem todos os indivíduos irão viver um processo de singularização e romper com as convicções impostas pela subjetividade capitalística tomando consciência do próprio processo de individualização. O indivíduo se molda em sua relação com o outro, com a comunidade em que vive e tudo isso dentro de um período histórico específico. Cada momento vivido pelo indivíduo o influencia e faz com que o ser questionador reveja suas convicções, as fortaleça ou as refute. A comunidade tem um papel fundamental na construção social do indivíduo e ele é quem transforma a comunidade numa relação dialética transmitindo os valores sociais aos mais jovens que por sua vez analisarão, vivenciarão e questionarão ao longo de sua existência.

Não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. São exemplos de “coisas” desse tipo: um certo jeito de utilizar a linguagem, de se articular ao modo de semiotização coletiva (sobretudo a mídia); uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser eletrocutado; uma relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 34)

---

<sup>5</sup> Processo de singularização para Guattari e Rolnik (1986) é um processo de recusar os modos de encodificação preestabelecidos pela subjetividade capitalística. Ou seja o indivíduo deixa de ser manipulado e telecomandado e constrói modos de sensibilidade, de relação com o outro e de criatividade que produzam uma subjetividade singular.

Assim, Guattari; Rolnik (1986), demonstram que a subjetividade não pode ser totalizada ou centralizada no indivíduo. Ela é modelada e fabricada socialmente e o indivíduo é produzido e normatizado a partir da cultura dominante. Podemos identificar essa subjetividade capitalística dominante como uma força cultural que é transmitida aos indivíduos coletivamente. Essa subjetividade capitalística descrita por Guattari; Rolnik (1986) é algo tão presente no cotidiano dos indivíduos que de acordo com os autores ela nem pode ser considerada interiorizada, mas resultado de uma produção em massa. Dessa forma os autores dissociam o conceito de indivíduo do conceito de subjetividade mostrando que a subjetividade não se situa no campo individual, mas seu campo é o de todos os processos de produção social e material.

As religiões podem ser pensadas como tecnologia de subjetivação, ou seja, saberes práticos sobre o mundo da vida que consolidam certas subjetividades (BIZERRIL, 2013).

De acordo com Roese (2015b), podemos verificar uma linha entre o instituído e a autogestão do sujeito em seus processos de vida. A comunidade figurou-se como um grupo assujeitado que se identificava ao padre, depois ao pastor e aos políticos.

A subjetividade coletiva não é resultante de uma somatória de subjetividades individuais. O processo de singularização da subjetividade se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies. Pode acontecer de processos de responsabilização portadores de vetores de desejo encontrarem processos de individualização. Nesse caso, trata-se sempre de processos de responsabilização social, de culpabilização e de entrada na lei dominante. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 37)

A transmissão e formação de conceitos perpassam pela socialização do indivíduo, porém, não podemos entender somente como sua inserção em determinada cultura, mas a soma de sua percepção, suas vivências, a cultura e a temporalidade na qual ele está inserido. Para realizar um processo de singularização, tal como podemos identificar o da comunidade Noiva do Cordeiro, é necessário, a partir da conscientização e da reflexão, uma afirmação dos valores individuais da pessoa, como afirmam Guattari; Rolnik (1986, p. 47), que irão frustrar

esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam de todos os lados. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 47)

A subjetivação do ser humano livre, de acordo com Deleuze (2006), acaba por se transformar em sujeição. É a submissão ao outro por um certo controle e dependência, porém com processos de individualização e modulação instaurados pelo poder. E apego com a



própria identidade, mediante a própria consciência, juntamente com os valores morais estabelecidos que formarão um saber no ser humano. Deleuze afirma sobre os processos de subjetivação que “a ideia fundamental de Foucault é a de uma dimensão da subjetividade que deriva do poder e do saber, mas que não depende deles” (DELEUZE, 2006, p. 109).

Bizerril (2013, p. 368) considera que as espiritualidades minoritárias oferecem a “possibilidade de constituição de subjetividades alternativas às formas hegemônicas das subjetividades do capitalismo contemporâneo”. Uma ruptura com o modelo social pré-estabelecido dá um novo posicionamento para os indivíduos que, a partir de uma nova lógica, passam a construir seus valores e se apropriam de um sentimento comunitário.

A consciência pertence incondicionalmente ao ser humano e é fundamental para a construção de valores. Na sua origem, a consciência está imersa no inconsciente e precisa ser considerada irracional e pré-lógica. Trata-se de uma compreensão pré-moral de valores. Ela é irracional porque em sua realidade de execução imediata nunca é completamente racionalizável. Torna-se acessível apenas posteriormente a uma “racionalização secundária”.

Essa racionalização secundária, dentro de um processo consciente do indivíduo, está ligada diretamente a subjetividade do mesmo e carregada de sentido para ele.

De acordo com Guattari, Rolnik (1986, p. 46)

O que vai caracterizar um processo de singularização (que, durante certa época, eu chamei de “experiência de um grupo sujeito”), é que ele seja automodelo. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 46)

Para Guattari, Rolnik (1986), a partir do momento em que as pessoas se apropriam da liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de refletir sobre sua situação e aquilo que se passa em sua volta. Essa capacidade é que vai lhes dar a possibilidade de criar e preservar sua autonomia. A comunidade necessita de objetivos comuns para existir enquanto comunidade e não como um aglomerado de pessoas. Assim, de acordo com Roese (2015, p. 1553), podemos identificar que as mulheres da comunidade Noiva do Cordeiro realizaram

uma ruptura muito mais radical. Elas rompem com todos os ritos da tradição cristã, ainda que continuem com a fé em Deus. Seu argumento é justamente o do sofrimento que esta tradição lhes impôs ao longo de um século específico. (ROESE, 2015, p. 1553)

Com os processos de singularização, os indivíduos da comunidade saem de uma lógica imposta dominante e passam à reflexão. A partir dessa reflexão eles questionam que poderiam viver de uma maneira diferente e escolhem não compactuar com toda a miséria imposta pela religião da igreja Noiva do Cordeiro, para viverem o amor que acreditam, a partilha, o respeito com o outro, o uso coletivo dos bens e serviços, na comunidade (agora não mais igreja) Noiva do Cordeiro. Para Guattari; Rolnik (1986) os processos de singularização são uma maneira de recusar todos os modos de encodificação preestabelecidos e os indivíduos passam a não se submeter aos modos de manipulação e telecomando para construir novos modos de sensibilidade e de relação com o outro.

De acordo com o documentário Noivas do Cordeiro (2008) o que marcou a ruptura com a igreja foi uma festa de casamento na qual teve música. Os integrantes da comunidade relatam essa sensação como uma emoção indescritível e que todos dançaram. Os mais jovens nunca haviam dançado e pela primeira vez experimentaram os primeiros passos de dança. Esse foi o fato na comunidade que marcou para as pessoas a ruptura com a religião institucional.

A percepção está intimamente ligada ao ato reflexivo do ser humano. Esse ato faz parte da vivência do indivíduo e dessa forma “a reflexão é uma capacidade de examinar toda a estrutura do sujeito humano, é um ato reflexivo, talvez o ato mais importante para o ser humano.” (BELLO, 2000, p. 51). A capacidade de refletir é uma característica fundamental do ser humano e essa não significa que o ser humano tem capacidades exclusivamente intelectuais, mas essa capacidade, de acordo com Bello (2000) é uma característica fundamental para a identificação do indivíduo como humano e na identificação de seus semelhantes. Pra Fromm (1969, p. 79) o processo do aumento da percepção “nada mais é que o processo do despertar, do abrir os olhos e ver o que está na frente. A percepção significa a eliminação das ilusões e, na medida em que isso é feito, é um processo de libertação”.

Para Bello (1998), a tomada de consciência crítica

é um fato positivo, contanto que em seguida, se encontrem critérios de orientação válidos que certamente uma interpretação da realidade respeitosa da própria realidade pode propiciar. Isso implica uma atitude equilibrada e construtiva por parte do ser humano na sua dimensão individual e na coletiva. (BELLO, 1998, p. 150)

Sendo assim, a autora demonstra que é importante essa tomada de consciência para as escolhas que interferem na dimensão individual e coletiva do ser. Somente o indivíduo que

toma consciência que se torna responsável por suas escolhas e realmente vivência sua existência.

Com muita perspicácia E. Stein distingue o papel do sujeito que pensa e reflete, o qual, do ponto de vista fenomenológico, pode ser definido como “eu puro”, de onde parte a reflexão sobre os atos e sobre a constituição do seres humanos, pelo encontro concreto desses seres, no qual não se privilegia um ponto de partida subjetivo. Ao contrário, analisando a questão geneticamente, capta-se claramente a correlação-distinção recíproca entre os indivíduos, razão pela qual na gênese concreta do sujeito o ponto de partida poderia ser até mesmo a alteridade. Entretanto isso não significa que o outro determine, de um ponto de vista social, o meu conceito de eu, pois, ao contrário, desperta em mim a comparação com aquilo que se apresenta a mim na percepção interior, permitindo-me adquirir cada vez mais a consciência de mim mesmo através de uma referência contínua que pode ter também uma função de corrigir enganos eventuais. (BELLO, 2000b, p. 162/163)

Bello explica nessa citação a diferença entre o indivíduo que é livre e escolhe conscientemente a partir de reflexões de outros indivíduos que não tomam consciência e vivem de acordo com o que lhes é imposto. Voltando sobre o tema da produção de subjetividade, nas palavras de Guattari e Rolnik (1986, p. 33),

*A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 33)*

Assim, é claro o consenso dos autores em relação a importância comunitária para o indivíduo. No caso da comunidade Noiva do Cordeiro, os indivíduos pertencentes à comunidade que já se reapropriaram dos componentes da subjetividade em detrimento de uma relação de alienação e opressão que foi imposta durante anos com a igreja homônima que durante tantos anos gerou a miséria e aumentou ainda mais a exclusão de seus membros.

Para Maluf, o atual contexto religioso se caracteriza pela “ruptura das fronteiras doutrinárias pela alta circulação dos sujeitos, formando uma dinâmica de redes e fluxos na articulação dessas práticas, acima e além de dinâmicas institucionais específicas” (MALUF, 2011, p. 8). Dessa forma, a comunidade Noiva do Cordeiro apesar de todo o isolamento sofrido e de ter ficado por muitos anos com um convívio restrito a indivíduos de outras comunidades, pode ser considerada uma comunidade emergente nas novas dinâmicas religiosas assistidas na atualidade. Ao contrário do que se espera de uma comunidade rural, fortemente marcada pela rigidez de normas e de um domínio institucional, somos convidados

na experiência da comunidade Noiva do Cordeiro a uma espiritualidade voltada para o amor e pautada na partilha entre seus membros.

De acordo com Roese (2015b), na história da comunidade Noiva do Cordeiro podemos identificar uma ruptura dos indivíduos com os interesses dominantes a partir da conscientização, da autonomia, da autoanálise e da autogestão sobre os seus próprios processos de vida. A ruptura com as lógicas impostas e opressoras que levaram a comunidade ao isolamento e a miséria foi uma ruptura com um sistema vigente de uma lógica dominante que significou uma ruptura com a submissão. Essa ruptura se deve, entre vários fatores, a sua matriarca Delina, que foi protagonista ao romper com a igreja e assumir um papel de liderança frente a comunidade.

#### **4.2 A matriarca como modelo institucional e a questão de gênero**

Delina é hoje a matriarca da comunidade. Ela é neta de Maria Senhorinha e foi casada com o pastor Anísio. De acordo com Roese; Schultz (2010), Delina se preocupava ao acompanhar o marido em suas longas viagens para fundar comunidades em fazer pequenas hortas e pequenas roças para dar de comer a suas crianças (no total foram onze filhos biológicos). Mas, mesmo com todo esse empenho, muitas vezes passavam fome e outras necessidades. É reconhecida pela comunidade e chamada carinhosamente de “nossa matriarca” (SCHULTZ, 2013).

O papel de Delina foi fundamental para a manutenção da comunidade. Ela representou a integração e foi o pilar, de acordo com as entrevistas, para a manutenção e constituição da comunidade tal como ela se desenvolve hoje. De acordo com Schultz (2013, p. 109)

O fim da igreja ameaçou a unidade e a sobrevivência da comunidade. Delina é vista como aquela que tomou as rédeas da situação e decidiu lutar. Organiza uma associação formal, e inicia um processo de renovação financeira da comunidade. Graças à herança de solidariedade e vida em comum, a comunidade organizou um modo de produção coletiva na roça, trabalhando juntos na mesma terra. A prática de mutirões é a marca do trabalho na roça; plantam e colhem os frutos juntas. (SCHULTZ, 2013, p. 109)

De acordo com Roese; Schultz (2010), a partir da centralidade de Delina, a comunidade começou a trabalhar e viver em coletividade com o convívio, a fé e o sofrimento. Criaram uma associação comunitária em 1999 e todos passaram a trabalhar oficialmente para

o bem comum. Muitos homens precisaram buscar trabalho na cidade e as mulheres protagonizaram o desenvolvimento daquela comunidade com a gestão das lavouras, comércio de tapetes, colchas e lingerie. Buscaram formação, cursos e uma conexão com o mundo. A história da comunidade Noiva do Cordeiro ilustra bem forte as bases do movimento feminista.

O Feminismo<sup>6</sup> passou por diversas mudanças ao longo de sua existência. É um movimento que busca combater desigualdades entre homens e mulheres. A comunidade aprendeu que o fechamento sobre si mesma não lhe daria força e se abriu para o mundo e como é composta majoritariamente por mulheres, mesmo que não intencionalmente ela rompe com a lógica excludente do patriarcado ao desenvolver sua história. Contar a própria história e fortalecer as raízes foi um passo importante para a autonomia e a auto valorização.

De acordo com Conceição (2009), os estudos feministas são um tema complexo que sofreram uma grande mudança a partir dos anos 60 e 70, passando a ter um discurso mais elaborado e com certo distanciamento entre movimento e academia. As maiores mudanças ocorreram entre as reflexões sobre a mulher e as causas de opressão feminina para a questão mulheres como objeto empírico. Nos anos 70, o gênero era elaborado como a construção social das identidades sexuais e como objeto de estudos feministas. Nesse período, foi aberto um caminho de desconstrução e desnaturalização do masculino e do feminino. Esse momento pode ser considerado importante na luta feminista em relação a equidade entre as pessoas. O movimento feminista constitui-se como um agrupamento de dimensão teórica e política.

“Até os anos 70 o objeto central é ‘a mulher’ no singular” (CONCEIÇÃO 2009, p. 740) e o que se pode relacionar com isso são as tentativas de explicação das causas da opressão feminina, da subordinação da mulher na história do patriarcado. Já em meados dessa década começa a mudança de enfoque: de *mulher para mulheres*. Ocorre uma teorização sobre o sistema “sexo/gênero”. No final dessa década a partir da construção social das identidades sexuais (logo o objeto de estudo dos feministas) passa a ocorrer a desconstrução e desnaturalização dos gêneros masculino e feminino.

A própria utilização dos termos mulher, mulheres perpassaram ao longo de diversas análises.

---

<sup>6</sup>No presente trabalho o termo Feminismo é entendido, de acordo com Conceição (2009), como um movimento que combate às desigualdades de direitos sociais, políticos e econômicos entre homens e mulheres. O movimento feminista pode ser analisado em três diferentes fases descritas ao longo do texto. Historicamente podemos identificar as seguintes tendências no movimento feminista: liberal, socialista e radical, porém todos no mesmo plano epistemológico.

Todo este debate fez ver que não havia a "mulher", mas sim as mais diversas "mulheres", e que aquilo que formava a pauta de reivindicações de umas, não necessariamente formaria a pauta de outras. Afinal, as sociedades possuem as mais diversas formas de opressão, e o fato de ser uma mulher não a torna igual a todas as demais. Assim, a identidade de sexo não era suficiente para juntar as mulheres em torno de uma mesma luta. Isto fez com que a categoria "Mulher" passasse a ser substituída, em várias reivindicações, pela categoria "mulheres", respeitando-se então o pressuposto das múltiplas diferenças que se observavam dentro da diferença. E, mais: que a explicação para a subordinação não era a mesma para todas as mulheres, e nem aceita por todas. Mesmo assim, era preciso não esquecer que, mesmo prestando atenção nas diferenças entre as mulheres, não era possível esquecer as desigualdades e as relações de poder entre os sexos. (PEDRO, 2005, p. 82)

Nos trabalhos atuais nota-se a presença marcante do processo de desnaturalização/desconstrução, principalmente nas oposições binárias. Para Santos (2012), o sexo não é natural, mas sim discursivo e cultural. Uma vez que toda a existência é social, não podemos ter uma clara distinção entre sexo e gênero. Dessa forma, somos o que fazemos por meio de uma sequência de atos.

A categoria gênero é também uma ferramenta de análise. Pedro (2005) ressalta que o que significava ser homem ou mulher no passado está relacionado com a própria escrita da história.

O uso da categoria de análise “gênero” na narrativa histórica passou a permitir que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero. (PEDRO, 2005, p. 88)

A constatação dos privilégios masculinos em relação a materialidade, cultura e simbolismo é uma das maiores contribuições das teorias feministas para a compreensão das relações humanas. O gênero é um dos mais marcantes vetores de desigualdade e exclusão social. De acordo com Schultz (2013), o padrão sexista está estruturado hierarquicamente em binários. Os binários são naturalmente excludentes e revelam sempre uma superioridade. No caso da comunidade Noiva do Cordeiro, devemos ressaltar o grande papel das mulheres na gestão da comunidade que trabalha, até onde pudemos observar, durante todos nossos encontros, sem a divisão de gêneros para as tarefas e principalmente sem qualquer tipo de hierarquia entre homens e mulheres. Todos os seres humanos vivendo em harmonia e em prol do bem comum. Certamente as mulheres são maioria na comunidade e nem por isso buscam dominar os homens ou qualquer tipo de “guerra dos sexos”.

De acordo com Gebara (1997), conhecer é experimentar e nem sempre podemos traduzir isso com palavras. O primeiro passo é só nosso, o sentimento, o pessoal e o segundo é a expressão disso. Nela ocorre a interdependência ou relacionalidade no conhecimento. Existe uma interdependência entre todos os elementos que tocam o mundo humano. A realidade do conhecimento é processual. Conhecer é perceber, captar, organizar, perder, transformar em forma de sentido o universo no qual existimos. Na perspectiva ecofeminista, há uma indissociabilidade e uma interconexão que contextualiza o conhecimento a partir da experiência cotidiana entre homens e mulheres. Para Gebara (2000), a reflexão epistemológica é o primeiro passo para encontrar pistas de compreensão da estrutura do conhecimento religioso institucionalizado. Limitar a experiência religiosa dessa estrutura, e até mesmo controlá-la, passando então a ser submissa a um controle social.

A comunidade Noiva do Cordeiro, de acordo com Roese; Schultz (2010, p. 157), apresenta um modelo que está sendo gestado para a

constituição de sujeitos autônomos, que gerarão uma comunidade livre. Nem o isolamento identitário no gueto, nem a indiferenciação de parecer-se com todo mundo. No aspecto religioso significaria uma terceira via entre a massa catolicizante e o gueto pentecostal, com a constituição de uma espiritualidade que transcende os dois movimentos. (ROESE; SCHULTZ, 2010, p. 157)

Com o fim da religião institucional, a comunidade construiu com Delina um novo modo de vida. A história da comunidade Noiva do Cordeiro tem muitas mudanças e um movimento interessante de renovação da experiência religiosa e espiritual.

De acordo com Rosado (2001, p. 79),

Talvez se possa dizer que as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pela influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso – a Teologia Feminista. Os efeitos da crítica feminista às religiões foram também dos mais contraditórios; do abandono de qualquer fé religiosa pelas mulheres, à criação de espaços feministas de espiritualidade de vários tipos, expressando uma enorme criatividade e efervescência. (ROSADO, 2001, p. 79).

Ocorreram, a partir do desenvolvimento da Teologia Feminista, grandes mudanças nas práticas religiosas. O mesmo processo foi mais lento, porém não menos importante nas

ciências humanas. A comunidade Noiva do Cordeiro mantém sua ligação com seus laços básicos escolhidos e experienciados.

Uma das grandes contribuições do feminismo no pensar a religião, foi a tarefa epistemológica de mostrar que o “conhecimento” no sentido religioso pode ser um caminho de justiça e de amor, ou de submissão e injustiça, se não estivermos atentos para o fato de que contém uma força incrível. Pensar é tarefa árdua, mas não podemos deixar de fazê-lo. Para Gebara (2000) o ato de conhecer é um ato contextual. Ele é situado e marcado por aspectos ideológicos com tendências sexistas. A utilização da natureza, fauna e flora, e da força das mulheres tem pouco espaço nas análises históricas. Muitos consideram que pensar na natureza em situações de guerra é esquecer-se dos seres humanos para preocupar-se com seres de menor importância. Reflexões sobre o conhecimento não estão presentes em todos os momentos na nossa consciência. De acordo com Roese (2015, p. 1555)

O modo como as mulheres vivem a religião, como elas subjetivamente recriam, aproveitam, burlam, refundam e vivem as experiências espirituais e religiosas, dentro e fora das grandes religiões, é uma questão ainda a ser investigada com metodologias e perspectivas teóricas feministas e, em especial, do feminismo descolonial. (ROESE, 2015, p. 1555)

Gebara (1997) acredita que é necessário repensar o conhecimento e a religião e adotar um referencial mais amplo e inclusivo para a nossa cultura. A perspectiva ecofeminista trata-se de uma metodologia do conhecimento cuja finalidade é descomplicar as palavras e democratizar o conhecimento entregando às pessoas o poder de conhecer os mecanismos de seu conhecimento a partir de sua experiência. A questão epistemológica é prática. A perspectiva ecofeminista, “junta de certa ecologia com certo feminismo, quer mostrar a conexão entre a dominação das mulheres e da natureza do ponto de vista da ideologia cultural e das estruturas sociais e também introduzir novas formas de pensar em vista da ‘ecojustiça’” (Gebara, 1997, p. 29). No caso da comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar que ela é composta por indivíduos “que praticam o amor a si mesmo na medida em que têm respeito por si mesmo, pelos próprios sentimentos porque não se submeteram ao amor imposto, ao casamento imposto, à religião imposta e à exclusão imposta”. (ROESE; SCHULTZ, 2000, p. 155).

De acordo com Schultz (2013, p. 11)

As mulheres como um todo foram as protagonistas de muitos momentos marcantes da história da comunidade. Foram elas as responsáveis pelo rompimento com a igreja Noiva do Cordeiro. Foram elas também o alvo preferencial das perseguições



que a comunidade sofreu ao longo de um século, sobretudo a pecha de prostitutas. Ao mesmo tempo, foram elas as protagonistas dos movimentos de ruptura com a perseguição. (SCHULTZ, 2013, p. 11)

Para Rosado (2001), com os estudos teórico-metodológicos feministas, uma das questões fundamentais passou a ser a compreensão da maneira pela qual atividades simbólicas que parecem escapar a diferenciação sexual são, na verdade, moldadas por ela (crenças, ritos e discursos religiosos). Reproduz-se nas atividades simbólicas a crença de homens ativos e mulheres passivas tanto na religião como na sociedade. Para a comunidade Noiva do cordeiro, podemos identificar uma ruptura com valores tradicionais e, de acordo com Roese (2015, p. 1547)

o que se observa neste momento é uma infidelidade religiosa e confessional e uma desobediência religiosa das mulheres. Também devemos falar em *ruptura* delas, ruptura que se apresenta de várias formas. Trata-se, a nosso ver, de uma ruptura com o patriarcalismo religioso colonial cristão, que pode ser verificada em um fenômeno em processo no Brasil. (ROESE, 2015, p. 1547)

Até mesmo os desejos são modelados pelo contexto social do qual a religião faz parte. “O grau de participação ou a falta de participação das mulheres nas religiões é dada pela disponibilidade ou não de espaços sociais que permitam a articulação de seus desejos, medos e de suas próprias vidas” (WOODHEAD, apud ROSADO, 2001, p. 93). Torna-se necessário postular formas de identificação como resultado de experiências vividas; sensibilizar velhas lutas de classe, gênero e raça trabalhando de maneira integrada com diversos marcadores de identidade e apreciar esse novo tipo de sujeito, que não é predeterminado e está em constante processo de transformação. Precisamos de uma espiritualidade menos unilateral e mais unificadora que ajude a estabelecer novas formas de relacionamento com Deus, com nós mesmos e com os outros. No quesito religião, faz-se necessário propiciar uma nova espiritualidade que transcenda as fronteiras religiosas e possibilite o surgimento de novas identidades religiosas. Para Roese (2015, p. 1550)

uma questão fundamental no modo como as mulheres conduzem a vida religiosa e espiritual, sua busca e organização, é que para elas religiosidade e espiritualidade são expressões que tem lugar na vida cotidiana, e que afetam suas relações, sua corporeidade, o mundo do trabalho, a vida como um todo. Elas buscam religião para e desde o mundo da vida cotidiana. A religião para elas deve ser expressão do contexto e das necessidades da vida. Ou seja, religião envolve todos os mundos - o mundo da casa, do corpo, do trabalho, da família. (ROESE, 2015, p. 1550)

A comunidade Noiva do Cordeiro, principalmente a partir de Delina, lutou e conseguiu se desvincular da miséria e de todas as formas de exclusão que lhes foram impostas pela sociedade e pela religião. As mulheres foram protagonistas de uma escolha consciente que resultou num modelo social de inclusão, respeito ao próximo, vivência do amor e coletividade a partir dos ensinamentos e exemplos da matriarca.

O feminismo mostra um aspecto positivo do pensamento, um aspecto de reconstrução de um mundo menos violento, menos agressivo e menos opressor que através do pensamento crítico desconfia da simples naturalidade. Reinventa o mundo de forma criativa e diferente criticando binarismos com postura autocrítica entre pensamento e ação. Trata-se de um movimento inclusivo pelo fim de identidades rígidas. Não é melhor ser homem ou mulher. É melhor ser humano. Na comunidade Noiva do Cordeiro, vimos esse modelo, a partir da matriarca, que rompeu com uma lógica dominante exclusiva e implementou um modelo de amor e partilha na coletividade de seus membros.

A Comunidade Noiva do Cordeiro é marcada pela partilha de bens e serviço, pelo amor ao próximo e a terra e pelas relações de respeito e cuidado entre seus membros. Para Schultz (20013, p. 115), “O apelo coletivo da vida organizada em torno de bens em comum, educação partilhada, trabalho coletivo e responsabilização mútua, manifesta um protesto contra a vida baseada no indivíduo isolado, sugerindo uma reorganização baseada na coletividade”. Essa reorganização que marca o pertencimento nessa comunidade, mostra como ela conseguiu, mesmo com tantos anos de sofrimento, miséria e isolamento, buscar, a partir de seus valores uma construção social baseada em interesses comuns que a fizeram prosperar.

De acordo com Bourdieu (2007), as transformações tecnológicas, econômicas e sociais, juntamente com o nascimento e desenvolvimento das cidades e aos progressos da divisão e separação do trabalho constituem uma condição comum de dois processos: A constituição de um campo religioso autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de “moralização” e de “sistematização” das crenças e práticas religiosas. A comunidade Noiva do Cordeiro, apesar de isolada, constituiu a partir de seu isolamento um campo religioso autônomo e um processo experiencial de crenças e práticas espirituais. Não existe na comunidade uma prática religiosa específica, porém nota-se a cada momento a manifestação de uma experiência no tratar das pessoas e no modo de cuidarem uns dos outros e da natureza.

A comunidade Noiva do Cordeiro teve momentos de imensa dificuldade para se educar e muitas das mulheres não conseguiram completar seus estudos, não por falta de

vontade, mas por falta de políticas públicas como citado no documentário Noivas do Cordeiro (2008)

O prefeito avisou as outras comunidades que onde havia 16 alunos ele colocava uma kombi (carrinha). Eu levei 17. Lembro que juntei os meninos todos. Eu não cheguei com números, cheguei com pessoas e falei: tem 17 alunos, por favor, coloca a condução para a gente. Aí, eles falaram que para Noiva de Cordeiro, nem com 30. (NOIVAS DO CORDEIRO, 2008)

A discriminação e as dificuldades encontradas pela comunidade foram muito dolorosas como podemos identificar nos relatos, mas mesmo dentro de tanto sofrimento as pessoas conseguiram com o trabalho em equipe, o respeito ao próximo e a experimentação do amor modificar sua realidade e buscar seus ideais comunitários. Alguns tiveram que sair da comunidade e morar na casa de parentes fora da comunidade para poderem terminar os estudos e outros optaram por não continuar os estudos e desenvolver seu trabalho dentro da comunidade. A esperança de dias melhores estava presente na comunidade que buscou a partir do trabalho uma transformação.

#### **4.3 Uma comunidade simples e o repasse de valores pelas ações**

De acordo com Fromm (1969) a esperança é um elemento intrínseco da estrutura da vida humana. No caso da comunidade Noiva do Cordeiro, essa esperança de melhora foi fundamental na luta contra a miséria e a exclusão que assolou a comunidade por tanto tempo.

A aparição e o desenvolvimento das grandes religiões universais estão ligadas ao desenvolvimento das cidades e a oposição e ruptura entre cidade e campo marcam essa aparição. Entre as características identificadas por Bourdieu (2007) nas práticas de racionalização do trabalho podemos identificar entre outras, a subordinação ao mundo natural que estimula “a idolatria da natureza” a estrutura temporal do trabalho agrícola, atividade sazonal intrinsecamente rebelde ao cálculo e à racionalização, a dispersão espacial da população rural que dificulta as trocas econômicas e simbólicas e, em consequência, a tomada de consciência dos interesses coletivos.

Para Durkheim (2000), religião é algo eminentemente social e muito rica em elementos sociais. Ela exprime e representa a coletividade e através de seus ritos estimula a sociedade a manter ou refazer estados mentais. Independentemente de partirmos de um ângulo que acredite que a religião existe independentemente do espírito humano ou do ângulo que ela é uma construção mental humana, não podemos deixar de pensar em uma origem social. O ser

humano é marcado por uma duplicidade: é individual e social. Na medida em que participa da sociedade, ele naturalmente ultrapassa a si mesmo quando pensa e age. E passa a pensar diferente e as pessoas também passam a pensar diferente quando um indivíduo coloca outras questões para um grupo. Ocorre uma dialética. A sociedade é uma manifestação natural complexa que representa a interação dos seres. Na comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar uma relação muito forte com a natureza e com os processos de produção. Durante nossa pesquisa de campo, pudemos conversar com vários indivíduos responsáveis pela colheita e todos mostraram a preocupação de preservar a terra, do uso de controle de pragas naturais e rodízio para uma melhor manutenção do solo.

Para Durkheim (2000), a religião é um todo formado de partes e é um sistema mais ou menos complexo formado de mitos, dogmas, ritos e cerimônias. É o conjunto de crenças e ritos no qual determinado número de coisas sagradas mantêm entre si relações de coordenação e de subordinação, de maneira a formar um sistema dotado de uma certa unidade, mas que não participa ele próprio de nenhum outro sistema do mesmo gênero. A religião vai além da ideia de deuses e espíritos, não se pode definir exclusivamente por isso visto que algumas religiões não estão em função disso.

A sociedade é responsável pela transmissão da língua, dos valores, dos instrumentos que utilizamos, da civilização como um todo e, dessa forma, dá ao homem sua fisionomia pessoal entre todos os outros seres. O indivíduo molda e é moldado pelo coletivo, sendo que o encontro é o responsável pela ideia de religiosidade. A ideia de que as primeiras concepções religiosas resultavam de um sentimento de fraqueza e dependência não é verdadeira. A transferência das forças do indivíduo para o coletivo e da diferenciação e reconhecimento do homem como homem pode ser identificado como resultado das primeiras concepções.

Claro que a vida religiosa não pode alcançar um certo grau de intensidade sem implicar uma exaustão psíquica que tem algo a ver com o delírio. Por essa razão os profetas, os fundadores de religiões e os grandes santos são excepcionalmente sensíveis e apresentam com certa frequência um nervosismo excessivo e até mesmo patológico. A vida social muito intensa causa sempre ao organismo, como à consciência de seu indivíduo, uma espécie de violência que perturba seu funcionamento normal. Logo, dura um tempo limitado. Essa vida social só é possível graças ao simbolismo (DURKHEIM, 2000).

Com a ruptura com a religião institucional e a recuperação ante a miséria e exclusão impostas, a comunidade Noiva do Cordeiro se tornou capaz de fazer uma autoanálise de sua história e reapropriar-se da mesma e de suas potencialidades. Esse processo permitiu que os

indivíduos recuperassem seu saber próprio e buscassem a realização de suas demandas e desejos.

De acordo com Aquino (2012, p. 126 “enquanto o homem religioso atribui o ‘perante quem’ a um ser absoluto, o homem não religioso interpretaria a sua responsabilidade ante sua própria consciência ou a sociedade”. A comunidade Noiva do Cordeiro, apesar de posicionar-se temente a Deus, pode ser identificada na afirmação acima como no sentido de sua responsabilização pessoal para um movimento de mudança e de trabalho para mudar sua condição. Ela buscou no momento de sua responsabilização a ruptura com o que lhe causava a miséria porém sem desvincular-se da fé.

De acordo com Bello (2000b), para existir uma comunidade social, é necessário uma harmonia comum entre as pessoas que a constituem. Sendo assim, a autora demonstra que é importante essa tomada de consciência para as escolhas que interferem na dimensão individual e coletiva do ser. Somente o indivíduo que toma consciência que se torna responsável por suas escolhas e realmente vivência sua existência. “A comunidade, de fato, deixa de existir, quando os membros se alienam da mesma ou quando exploram uns aos outros como objeto”. (BELLO, 2000b, p. 168). Dessa forma, cada comunidade se forma através das relações entre seus membros, da cultura que ela transmite e da unidade temporal na qual ela se encontra. “Foi detectado desse modo o sentido profundo da vida comunitária; de fato, a sua característica fundamental, isto é, a sua razão essencial consiste na união recíproca entre os sujeitos que a compõem” (BELLO, 2000b, p. 193).

Para a autora a comunidade é

a união de pessoas consideradas singularmente, de modo que o contexto relacional possibilita sua realização, assim a singularidade e a comunidade são dois momentos co-relatos. (BELLO, 2006, p. 73)

Para desenvolver sua identidade, o indivíduo se vincula ao mundo e, como um ser-no-mundo, o ser humano é vinculado ao local onde vive, à cultura e ao outro.

De acordo com a interação entre os seres, podemos perceber que a constituição do indivíduo passa por sua relação com o outro, com o meio e com a sua temporalidade na comunidade em que vive. De acordo com Cardoso (1994 apud ARAÚJO, 2007) não é possível estudar qualquer fenômeno social de maneira isolada e não é objetivo do presente estudo buscar leis e padrões invariáveis de comportamento, ao contrário, busca-se compreender como a realidade social influi na formação individual e é influenciada por esses mesmos indivíduos que a constituem. Ou seja, a cultura está inserida dentro de uma dialética.

Para Bello (2000b) “momento comunitário, apesar de ter também em si mesmo uma grande importância, não absorve o indivíduo particular a ponto de anulá-lo; ao contrário, pelo fato de ser pessoa, o indivíduo é o ponto de referência constante para a compreensão do mundo humano. Desse modo, particularidade e globalidade estão sutilmente conexas, embora resguardando a mútua independência. (BELLO, 2000b, p. 204). Para Bello (2000), consciência de algo implica em “dar-se conta”. É uma consciência que acompanha nossos atos, atos de ver e tocar através dos sentidos que remetem ao corpo e à corporeidade.

O indivíduo sempre corre o perigo de se perder em uma massa anônima, mas como ser, deve estar além de ser membro de uma massa e viver uma existência autêntica. Na existência comunitária, o indivíduo assume compromissos realizando assim o ser si-próprio. No sentido de responsabilidade, o ser humano passa a ser livre, buscando realizar o seu ser-si-próprio e também uma coexistência mediante os outros seres. Para ser autêntico, o ser humano assume riscos e toma as rédeas do próprio destino. (ROESE; SCHULTZ, 2014). Para que ele não se perca ele precisa se entender e refletir sobre seu processo vivencial.

A comunidade Noiva do Cordeiro pode ser considerada uma comunidade que conseguiu vencer as adversidades impostas pela exclusão a partir de um protesto com o trabalho e com o amor ao próximo. De acordo com Roese; Schultz (2010, p. 156) “o que coloca Noiva do Cordeiro na rota das ‘vozes do protesto’ é o espírito de não se conformar com qualquer autoridade que se reivindique absoluta”. O que a coloca nessa rota é o seu movimento de mudança e não conformismo contra as adversidades. Nela os indivíduos buscam no cuidado de si e para com o outro uma integração com a natureza.

Noiva do Cordeiro carrega um rico elemento pedagógico. Qualquer organização ou movimento social bem sucedido, por mais local e específico que seja, sempre carrega em si grandes reivindicações, sempre mais globais que locais. Essa é a magia de todo movimento social organizado, seja uma greve por melhores salários, seja uma ONG, seja um partido político, ou mesmo uma igreja: estão ensaiando uma nova humanidade! Noiva do Cordeiro se insere nesse tipo de movimento. Ele não é apenas alternativo, mas também radical, porque chama de volta à raiz, e quer não só outro mundo para si, mas também para todo mundo, para a humanidade toda. (SCHULTZ, 2013, p. 115)

De acordo com Boff (2003) a sociedade atual do conhecimento e da comunicação, demonstra que o ser humano, para proteger-se do mundo que o rodeia e até de si mesmo, de seus anseios, medos e outros sentimentos, tem esquecido da beleza das coisas simples. Saber cuidar implica aprender a cuidar de si e do outro. Saber cuidar implica em sentimentos éticos do ser humano para com o meio onde se está inserido. A comunidade Noiva do Cordeiro aprendeu e desenvolve esse cuidado em suas relações.

Para Hervieu-Léger (1998) as mutações que o atual fenômeno religioso tem passado são complexas e se apresentam dinamicamente e de modo polissêmico. As posturas teóricas em relação a esse fenômeno indicam dois polos opostos: a secularização (que defende a hipótese progressiva e irremediável da sublimação da religião com o advento da modernidade nas sociedades ocidentais) e a dessecularização (que seria uma revanche do sagrado afirmada na emergência de novos movimentos religiosos). A autora entende que a secularização não significa o fim da religião. Ela buscou estudar a tradição e a memória para a compreensão da funcionalidade do religioso na modernidade. A própria definição de grupo religioso se dá pelo trabalho da memória. No caso, as sociedades modernas são cada vez mais sem memória e esse fato faz com que essas sociedade modernas sejam incapazes de sustentarem a vivacidade da memória coletiva portadora de sentido e orientação tanto para o presente quanto para o futuro. A crise de transmissão da memória é um problema das sociedades modernas e não se restringe apenas à esfera religiosa, afeta as instituições tradicionais de socialização.

“A sobrevivência de qualquer sociedade pelo tempo está condicionada pela regularidade e ininterrupta transmissão de instituições e valores de uma geração para outra”. (HERVIEU-LEGÉR, 1998. p. 214). Nessa afirmação, notamos que esse repasse dos valores é realizado pela família. Claro que, ainda de acordo com Hervieu-Léger (1998), “continuidade não irá significar “imutabilidade”. A continuidade será sempre assegurada por mudanças. (BALLANDIER, 1988. Citado por HERVIEU-LEGÉR, 1998. p. 216).

O ideal de transmissão é que crianças devem se tornar a perfeita imagem dos pais, e é óbvio que nenhuma sociedade conseguiu isso, simplesmente porque a mudança cultural é contínua, mesmo em sociedades regradas pela tradição. Não há transmissão de senso sem, ao mesmo tempo, uma ‘crise de transmissão’”. (HERVIEU-LEGÉR, 1998. p. 219)

Essa transmissão estará diretamente ligada a uma construção individual para a formação do sistema social. A análise do texto mostra que existem várias trajetórias e combinações dessas trajetórias (comunitária, ética, cultural e emocional) da identificação religiosa. Ela acredita que ao contrário do que se pensava, hoje identificamos uma bricolagem de conceitos na formação religiosa e uma personalização da crença, diferente de um pacote único institucionalizado. A comunidade Noiva do Cordeiro transmite basicamente seus valores para os indivíduos através de ações como vimos ao longo das entrevistas apresentadas. As unidade de sentido destacadas como amor, união, confiança, solidariedade e até mesmo uma desconfiança em relação ao tipo de vida fora da comunidade, perpassam de um indivíduo para o outro a partir de ações no dia a dia.

Para Paiva (2012) existe ainda uma transmissão (psico) geracional de pais para filhos num plano consciente e inconsciente. Existe um molde psíquico dentro do qual os filhos irão elaborar suas próprias vivências subjetivas. Na comunidade Noiva do Cordeiro, podemos pensar que essa transmissão se dá de maneira ampliada pois, de acordo com o Documentário Noivas do Cordeiro (2008), o cuidado com as crianças é realizado de maneira coletiva e os integrantes da comunidade, são considerados como “filhos uns dos outros” pelo carinho, zelo e cuidado.

Com as unidades de sentido destacadas na análise das entrevistas, podemos identificar que a “ação” é algo muito valorizado na comunidade. Todos tem consciência de que aprenderam e repassaram os valores que a comunidade julga importantes a partir de seus comportamentos e postura com o outro. Diferentemente do centralismo do eu, descrito por Giovanetti (2015), a comunidade Noiva do Cordeiro conserva uma forte relação com o outro e não se coloca em uma postura fechada no individualismo.

Para Roese; Schultz (2010, p. 158) “Noiva do Cordeiro permite instruir um novo modelo de espiritualidade: o rompimento com a religião clássica não significou o fim da fé. A ruptura se dá com a forma, e não com o princípio. Abandona-se a igreja e a religião, mas não a fé”. Trata-se aqui de uma comunidade muito espiritualizada que optou experimentar a fé sem cartilhas institucionais.



## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar como se dá o processo subjetivo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais no mundo contemporâneo a partir da Comunidade Noiva do Cordeiro.

A religiosidade de um povo se manifesta na experiência cotidiana em todas as áreas da vida, não apenas nos rituais e mitos. Toda manifestação da experiência cotidiana pode ser considerada um fenômeno e a fenomenologia da religião se ocupa em estudar na tentativa de compreender o que esse fenômeno significa.

A experiência é a forma básica de aquisição de conhecimento. Ela pode ser física, social, moral, metafísica ou religiosa. Assim sendo, a religiosidade está intimamente relacionada com a experiência, no caso, com o sagrado.

O cidadão comum vive a sua religião em seu cotidiano e suas decisões estão carregadas de preceitos religiosos. É entendível que as instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, porém as crenças e práticas religiosas antigas e novas permanecem intensamente na vida das pessoas. Atualmente, podemos identificar novos valores e novos modos de se perceber a vida. Termos como velocidade, individualismo, relativismo, consumismo assumem proeminência e orientam os relacionamentos afetivos e a religiosidade.

Para a compreensão da experiência religiosa é necessário partir da experiência humana, mesmo que a finalidade da vivência religiosa seja transcendente, trata-se de uma experiência humana. No seu existir, o ser humano está em direção ao seu ser. É o processo no qual ele desenvolve sua identidade e a adquire. Seu projeto de vida é o processo em que realiza seu sentido, tal como ele o entende. Na medida em que ele se concentra em sua individualidade, acentua a realização de seu próprio sentido como sua meta principal e se comporta como se devesse somente a si mesmo ser si mesmo. Quando vive o seu existir de acordo com a perspectiva religiosa, compreende que deve a Deus a sua existência e que deve realizá-la de acordo com o projeto divino.

Na sociedade atual, o indivíduo está em primeiro lugar, mas indivíduo e sociedade estão numa relação contínua uma com a outra. Em relação aos outros, os indivíduos dependem uns dos outros de uma forma mais abstrata, de uma forma indireta, não diretamente compreensível, perceptível. Indivíduos modernos sentem-se cada vez mais independentes uns

dos outros. Na comunidade Noiva do Cordeiro, essa integração é visível e a experiência da comunidade nos mostra como ela é proveitosa.

Existem vários movimentos que contradizem a secularização. Entre esses movimentos, destacam-se os conservadores, em várias religiões, que não devem ser rotulados como fundamentalistas. Com a modernidade enchendo o mundo de incertezas e dúvidas, o ser humano acaba se vinculando a movimentos que lhe conferem certezas e a religião nesse caso tem papel fundamental. Esse fato contraria uma secularização plena.

Na comunidade Noiva do Cordeiro, a explicação de seu comportamento, de ruptura com a religião institucionalizada, pode ser entendido como a concretização de seu projeto, o projeto de experienciar a partilha e a coletividade. Ou seja, pelo modo que a comunidade traça o seu caminho em direção à maneira que ela resolveu para realizar-se. Podemos concluir que nossa hipótese na transmissão dos valores religiosos estava correta: o abandono da religião convencional e sua transição para essas novas práticas/vivências ocorreram mediante uma história de muito sofrimento e exclusão social. As novas práticas/vivências são construídas a partir da família, especificamente da matriarca Delina a partir da experenciação dos valores do pastor Anísio.

Dessa forma, concluímos que a transmissão dos valores espirituais dentro da comunidade é realizada a partir da experiência que os indivíduos têm com a espiritualidade. Não existe uma cartilha, ou rituais sagrados como em uma religião formal, porém a experenciação dos valores religiosos que, após a ruptura com a religião é o que é transmitido a partir de ações. A mutabilidade dos valores se dará como em qualquer movimento vivencial, mas pelo que foi visto nas entrevistas acreditamos que a essência da comunidade: o amor e a coletividade continuarão sendo marca da mesma por muito tempo.

A diferença nos modos de percepção dos três grupos pesquisados em relação a religião é clara. Notamos como foi analisado ao longo das entrevistas que as visões de cada um dos grupos possui uma particularidade geracional. Como podemos observar, o grupo 1, composto de jovens entre 18 e 25 anos não viveu diretamente a discriminação sofrida pela comunidade, mas recebeu, a partir da história oral, um sentimento de grande sofrimento mediante a exclusão social e isolamento que geraram a miséria em um primeiro momento da comunidade, o grupo 2, composto por adultos entre 25 e 45 anos, apresenta em sua descrição uma maior clareza em relação a fase protestante da comunidade. Esse momento também foi marcado por uma miséria (falta de alimentos) e por um tipo de exclusão social (mas nesse momento da própria comunidade em relação às comunidades vizinhas uma vez que não comungavam da mesma fé. O grupo 3, composto por adultos com idade acima de 45 anos já

relata em sua fala o primeiro momento de sofrimento após a excomunhão. A elaboração das pessoas desse grupo já perpassa por pelo menos três momentos diferentes (apesar de terem vivido cronologicamente 2 – do protestantismo e da ausência de religião). Eles escutaram de perto a exclusão da primeira fase da comunidade com a excomunhão e relataram a dor e o sofrimento dessa primeira geração após a ruptura com a religião católica. Logo, não teria como a percepção dos três grupos ser a mesma.

A comunidade Noiva do Cordeiro, principalmente a partir de Delina, lutou e conseguiu se desvincular da miséria e de todas as formas de exclusão que lhes foram impostas pela sociedade e pela religião. O rompimento com a religião em Noiva do Cordeiro foi fundamental para que a comunidade pudesse ter uma verdadeira experiência religiosa. O ser humano é um ser espiritual, que possui ou não uma religião, que busca sua auto realização e tem a capacidade de encontrá-la.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. Psicologia da religião e logoterapia. In: FREITAS, Marta Helena de; PAIVA, Geraldo Jose de; MORAES, Celia de. (Org.). **Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade**. Brasília-DF: Universidade Católica de Brasília. 2013. p. 123-143. v. 2.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: uma abordagem na linha ICS. In: REIS, Alcenir Soares dos; CABRAL, Ana Maria Rezende (Org.). **Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus Editora, 2007.
- BELLO, Angela Ales. **A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino**. Bauru, SP: Edusc, 2000a.
- BELLO, Angela Ales. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica**. Bauru, SP: Edusc, 1998.
- BELLO, Angela Ales. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Bauru, SP: Edusc, 2000b.
- BELLO, Angela Ales. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BELZEN, Jacob. Constituição histórica da Psicologia Científica da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus. 2013, p. 319-332.
- BERGUER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-24, 2000.
- BIZERRIL, Jose. Religião e modos de subjetivação no mundo globalizado. In: FREITAS, Marta Helena de; PAIVA, Geraldo Jose de; MORAES, Celia de. (Org.). **Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade - Volume II**. Brasília-DF: Universidade Católica de Brasília. 2013. p. 351-374.
- BIZERRIL, José; NEUBERN, Maurício. Experiência religiosa e subjetividade no contexto contemporâneo: diálogo entre psicologia e antropologia. In: FREITAS, Maria Helena de; PAIVA, Geraldo José de. (Org.). **Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para a psicologia**. Brasília DF: Editora Universa. 2012, p. 231-260.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 9 ed. Petrópolis. RJ.: Editora Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Os progressos da divisão do trabalho religioso e o processo de moralização e de sistematização das práticas e crenças religiosas. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 34-45.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Espiritualidades não religiosas: desafios conceituais. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 12, n° 35, p.658-687. jul./set., 2014.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA; Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). **Religiões em movimento**. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013. p. 62-87.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **RBSE**, v.8, n° 24, p. 738-756, dez., 2009. ISSN1676-8965. Disponível em: <[http://www.achla.ufpb.br/rbse/Conceição\\_art.pdf.p.738-757](http://www.achla.ufpb.br/rbse/Conceição_art.pdf.p.738-757)>. Acesso em: 15 mar. 2014.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto Epistemológico da ciência da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus. 2013, p. 37-49.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 8 ed. São Paulo: Centauro Editora: 2002.

DECOL, René. O Brasil e as fontes de dados demográficos sobre religião. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 12, n° 36 (1051-1054) out./dez., 2014.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. (S. Castelo Branco, trad). São Paulo: UNESP, 2005.

FERREIRA, Amauri Carlos; SENRA, Flávio. Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país. **Numen: revista de estudos e pesquisa em religião**, Juiz de Fora, v. 15, n° 2, p. 249-269, 2012.

FRANCO, Clarisse de. Psicologia e Espiritualidade. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus. 2013, p. 399-410.

FROMM, Erich. **A revolução da esperança**. Por uma tecnologia humanizada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

FROMM, Erich. **O espírito de liberdade**: Interpretação radical do velho testamento e de sua tradição. 3 ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GASBARRO, Nicola Maria. Fenomenologia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus. 2013, p. 75-99.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina: Mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo.** São Paulo: Paulinas, 2000.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista.** São Paulo: Olhos d'água, 1997.

GIOVANETTI, José Paulo. A religião como força organizadora da subjetividade na contemporaneidade. In: VITÓRIO SJ, Jaldemir; BUROCCHI, Aurea Marin. (Org.). **Religião e espaço público: cenários contemporâneos.** São Paulo: Paulinas, 2015. p. 93-108.

GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia existencial e espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro Martins. (Org.). **Psicologia e Espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005. p. 129-146.

GONÇALVES, Alonso S. Uma espiritualidade sem igreja: a emancipação institucional e o surgimento de novas experiências religiosas. **Protestantismo em Revista.** São Leopoldo, v. 32, p. 122-135, set./dez., 2013.

GRESCHAT, Hans-Jüngen. **O que é Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

GUERRIERO, Silas. Antropologia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARKI, Frank (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013, p. 243-256.

HERVIEU-LEGÉR, Danièle. The transmission and formation of socioreligious identities in modernity: an analytical essay on the trajectories of identification. **International Sociology** v. 13 n°. 2. p. 213-228, june, 1998.

HOLANDA, Adriano. Fenomenologia da religião em Van der Leeuw. In: HOLANDA, Adriano (org.). **Psicologia, religiosidade e fenomenologia.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2000. p. 47-54.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **SIDRA 2000-2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 28 mar. 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MALUF, Sônia Weidner. Além do templo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. **Revista Antropologia em primeira mão,** Florianópolis, UFSC, v. 124, p. 5-14, 2011.

MANSANO, Sonia Regina Vagas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação. **Revista de Psicologia da UNESP.** São Paulo, v. 8, n°. 2, p.110-117, 2009.

MARIANO, Ricardo. Sociologia da Religião e seu foco na secularização. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 231-242.

- MARTINS, João Gomes. Experiência e subjectividade em Claude Romano. In: CANTISTA, Maria José (Org.). **Desenvolvimentos da fenomenologia na contemporaneidade**. Porto: Campo das Letras, 2007. p. 87-140.
- MASLOW, Abraham H. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.
- MORENO, Jacob Levy. **As Palavras do Pai**. Campinas: Editorial Psy, 1992.
- NOIVAS do Cordeiro. Roteiro e Direção: Alfredo Alves. Documentário, 43'43". Rio de Janeiro: Globo Filmes / GNT, 2008.
- NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA; Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). **Religiões em movimento**. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013. p. 175-190.
- PAIVA, Geraldo Jose de. Transmissão da cultura em comunidades religiosas contemporâneas: uma perspectiva psicológica. In: FREITAS, Marta Helena de; PAIVA, Geraldo Jose de. (Org.). **Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para a psicologia**. Brasília – DF: Editora Universa, 2012. p. 141-156.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, v. 24, n. 1, p 77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2016.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do censo de 2010. In: TEIXEIRA; Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). **Religiões em movimento**. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013. p. 49-61.
- PINTO, Ênio Brito. Ciência da Religião aplicada a Psicoterapia. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 677-689.
- PRATO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**. Florianópolis, v 3, nº 19, p. 14-19, 2007.
- RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. Crise e emancipação no horizonte das espiritualidades não religiosas. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 12, nº 35, p. 654-657. jul./set., 2014.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. Religião e Psicologia. In: HOLANDA, Adriano (Org.). **Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000. p. 11-36.
- RODRIGUES, Cátia Cilene L.; GOMES, Antônio Máspoli de A. Teorias clássicas da psicologia da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 333-345.
- RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: o sinal de uma crise do pertencimento institucional. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 10, nº 28, p. 1130-1153, out./dez., 2012.

ROESE, Anete. A busca pelo espiritual e a busca de sentido no mundo contemporâneo. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 11, n° 32, p. 1081-1112, out./dez., 2013.

ROESE, Anete. Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n° 39, p. 1534-1558, jul./set. 2015.

ROESE, Anete. Vida sem religião: o caso da "comunidade de mulheres" Noiva do Cordeiro. In: ROSADO, Maria José (org.). **Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015b. p. 93-113.

ROESE, Anete; SCHULTZ, Adilson. A decadência espiritual no nosso tempo e a busca humana pela existência autêntica. **Theologia Xaveriana**. Bogotá, v. 64, n° 178, p. 487-514, jul./dez., 2014.

ROGERS, C. & ROSENBERG, R. **A Pessoa como Centro**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1977.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu** n° 16, p. 79-96, nov. 2001.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **A Pedagogia do ser**. Educação dos sentimentos e dos valores. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SAMPAIO, Jäder dos Reis. O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. **Revista de Administração**. São Paulo, v. 44, n° 1, p. 5-16, jan./fev./mar. 2009.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. Beauvoir: paradoxos e interlocuções metodológicas. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, ISSN: 2177-6342, v. 3, n° 6, p. 271-297 – 2° sem. 2012.

SCHULTZ, Adilson. A ausência de Deus no mundo masculino: estudo de caso no contexto da violência doméstica. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro; MORI, Geraldo de. **Deus na sociedade plural é: fé, símbolos, narrativas**. São Paulo: Soter, Paulinas, 2013. p. 291-313.

SCHULTZ, Adilson. Pós-protestantismo: descrição e análise de um caso de dissidência religiosa na comunidade rural Noiva do Cordeiro, em Belo Vale, MG. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, v. 30, p. 104-123, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>. Acesso em: 29 mai. 2014.

SILVA, Maria de Lourdes. A intencionalidade da consciência em Husserl. **Argumentos: Revista de Filosofia**. Ceará, v. 1, Ano 1, p. 45-53, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/argumentos/article/viewFile/179/179>>. Acesso em: 29 nov. 2015

TEIXEIRA, Faustino. O resgate da espiritualidade no cotidiano. In: PANASIEWICZ; Roberlei; VITÓRIO, Jaldemir. (Org.). **Espiritualidades e dinâmicas sociais: memória-prospectivas**. São Paulo: Paulinas, 2014.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.



ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica** – nº XIII, v. 2, p. 216-221, jul.-dez., 2007.

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto *Espiritualidade e subjetividade: um estudo sobre a transmissão dos valores espirituais na comunidade Noiva do Cordeiro.*

Prezado Sr. (a), você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará como se dá o processo subjetivo de transição de uma religião convencional e o abandono da mesma para a construção de novas práticas/vivências espirituais no mundo contemporâneo a partir da Comunidade Noiva do Cordeiro.

Você foi selecionado(a) porque é morador da comunidade. A sua participação nesse estudo consiste em responder a entrevista (individual ou em grupo). Sua participação é muito importante e voluntária. Você não terá nenhum gasto e também não receberá nenhum pagamento por participar desse estudo.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação, quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Os benefícios dessa pesquisa servirão para a compreensão de como se dá a transmissão de valores espirituais dentro da Comunidade Noiva do Cordeiro numa relação Religião X Espiritualidade documentará a história da Comunidade no meio acadêmico.

**Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.**

Pesquisador responsável: Samuel Rodrigues Fazendeiro

Endereço do pesquisador: Rua Gerson Morethson, nº339 - Apto 401 Itapôa, BH/MG.

Telefone (31) 99994-5463 - E-mail: [samuel.fazendeiro@yahoo.com.br](mailto:samuel.fazendeiro@yahoo.com.br)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação - Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: (31) 3319-4517 - Fax: (31) 3319-4517

CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil - E-mail: [cep.proppg@pucminas.br](mailto:cep.proppg@pucminas.br)

**Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone (31) 3319-4517 ou e-mail: [cep.proppg@pucminas.br](mailto:cep.proppg@pucminas.br).**

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Nome do participante (em letra de forma)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante ou representante legal – Data: \_\_\_\_\_

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

\_\_\_\_\_  
Samuel Rodrigues Fazendeiro (Pesquisador responsável)

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

*Espiritualidade e subjetividade: um estudo sobre a transmissão dos valores espirituais na comunidade Noiva do Cordeiro.*

- 1- Relate a história da comunidade Noiva do Cordeiro.
- 2- Como é a vida dentro da comunidade?
- 3- Como é viver sem religião?
  - a. O que a religião significa para vocês?
- 4- Quais são os valores que vocês tem na comunidade e que ajudam vocês a viverem em comunidade?
- 5- Como vocês aprendem esses valores?
- 6- Você repassa esses valores dentro da comunidade? Como?
- 7- O que você considera como valores espirituais?